

SATAN

ORDER

THE SPIRIT

SAOR

VERSUS



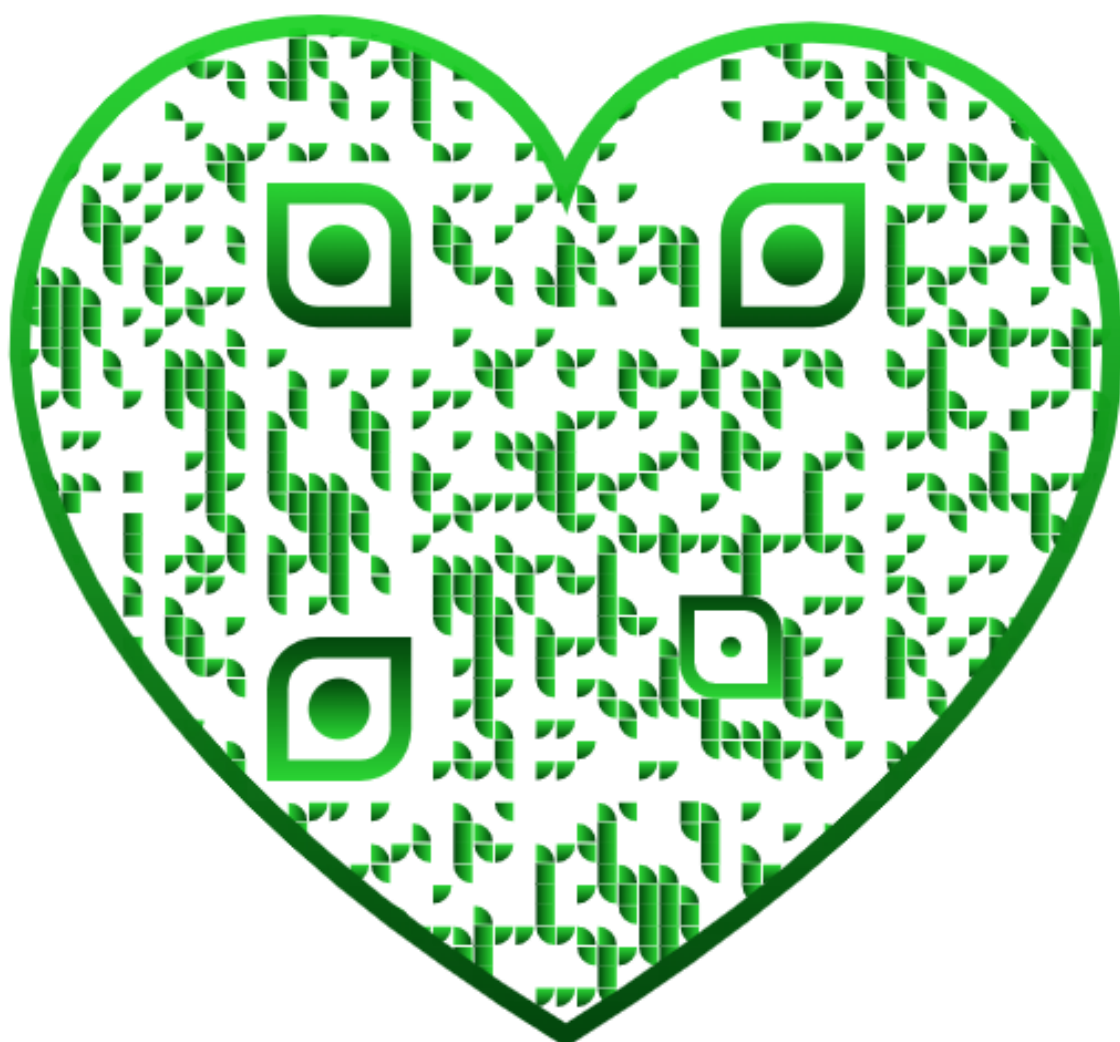
SILÊNCIO DESFEITO



BAKKA

MIRAGEM E REALIDADE:

LIMITES difusos



EDITORIAL



Regresso em força.

Se por altura da edição anterior da Versus Magazine ensaiava-se um regresso à normalidade, actualmente podemos afirmar de barriga cheia, que tal já acontece e que irá continuar a ter lugar se o infortúnio não nos voltar a bater à porta.

Já é possível esgotar salas de espetáculos ou abrir o recinto de um festival sem qualquer tipo de limitação. Os efeitos da pandemia ainda se fazem sentir e é importante continuarmos atentos a eles, mas músicos, promotores, editoras e outras entidades da indústria da música voltam a ter oxigénio para respirarem.

Façamos parte desta retoma.

Assim foi no regresso a Vagos, para mais uma edição do Vagos Metal Fest, na forma que se encontra documentado no suplemento LIVVersus e, também, em muitos outros momentos ao longo dos últimos meses: os concertos de grandes dimensões, Metallica, Iron Maiden, Guns 'N Roses ou inúmeros festivais e concertos de média dimensão. As agendas estão vivas e vale a pena deitar o olho ao que aí está por vir.

O assunto da capa deste #61 da Versus Magazine é também uma história de regresso, com força. Os portugueses RAMP estão de volta às edições discográficas, mais de uma década depois do último disco. Aparecem-nos com a energia que sempre lhes foi característica e para abrir o apetite podem consultar aqui a conversa tida com Rui Duarte e também a crítica ao novo disco.

Continuemos fortes e resilientes.

Emanuel Roriz

VERSUS MAGAZINE

Rua José Rodrigues Migueis 11 R/C

3800 Ovar, Portugal

Email: versusmagazinept@gmail.com

INSTAGRAM

[versusmagazinept](https://www.instagram.com/versusmagazinept)

FACEBOOK

[versusmagazinepage](https://www.facebook.com/versusmagazinepage)

PUBLICAÇÃO BIMESTRAL

Download Gratuito

DIRECÇÃO

Adriano Godinho, Eduardo Ramalhadeiro
& Ernesto Martins

GRAFISMO

Eduardo Ramalhadeiro & JP Madaleno

COLABORADORES

Adriano Godinho, Carlos Filipe, Cristina Sá, Dico, Eduardo Ramalhadeiro, Eduardo Rocha, Elsa Mota, Emanuel Roriz, Ernesto Martins, Frederico Figueiredo, Gabriel Sousa, Gabriela Teixeira, Helder Mendes, Hugo Melo, Ivo Broncas, João Paulo Madaleno, Nuno Lopes e Victor Alves

FOTOGRAFIA

Créditos nas Páginas

CAPA

Foto: João Fitas

Todos os direitos reservados. A VERSUS MAGAZINE está sob uma licença Creative Commons Atribuição-Uso Não-Comercial-Não a Obras Derivadas 2.5 Portugal.

O UTILIZADOR PODE:

copiar, distribuir, exibir a obra

SOB AS SEGUINTESS CONDIÇÕES:

ATRIBUIÇÃO - O utilizador deve dar crédito ao autor original, da forma especificada pelo autor ou licenciante.

USO NÃO-COMERCIAL. O utilizador não pode utilizar esta obra para fins comerciais.

NÃO A OBRAS DERIVADAS.

O utilizador não pode alterar, transformar ou criar outra obra com base nesta.



CONTEÚDO

Nº61

05 TRIAL BY FIRE

06 NOTÍCIAS

08 AZORES & METAL

10 MOONSHADE

14 ORDER

18 GABRIELA TEIXEIRA THE GIRL WITH THE

KALEIDOSCOPE EYES

20 NEBRAN

24 CRÍTICAS VERSUS

36 SATAN

39 EMANUEL RORIZ A CULPA É DO CEMITÉRIO

40 IVO BRONCAS POSTAS DE PESCADA

42 GAEREA

48 ALBUM VERSUS AVANTASIA

56 CURTAS VERSUS

58 DUNKELNACHT

62 SAOR

64 CEREMONIAL CASTINGS

67 PLAYLIST

68 ANTRO DE FOLIA DIE HARD PT2

72 PALETES DE METAL

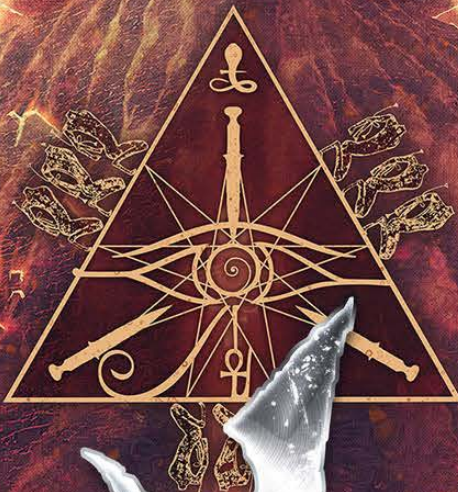
94 GARAGE POWER ZURRAPA

98 TEUFELSBERG

100 THE SPIRIT

102 LIVE VERSUS

MASSIVE MUSIC
FABULOUSLY PRESENTS



HALO

& GUESTS

VILE NILOTIC RITES

EUROPE TOUR 2022

23 NOVEMBRO HARD CLUB PORTO
24 NOVEMBRO RCA CLUB LISBOA

ABERTURA 19:30 - INÍCIO 20:00

NOTREDAME PRODUCTIONS



FOOT
BLASTER

SABIAN

Pearl

vic firth

EVANS
DRUMHEADS



Marshall

ENGL

Seymour
Duncan

SOUNDHOLE



Trial by Fire

Obra - Prima **5**

Excelente **4**

Esforçado **3**

Esperado **2**

Básico **1**

	Adriano Godinho	Carlos Filipe	Eduardo Ramalhadeiro	Emanuel Roriz	Ernesto Martins	Gabriel Sousa	Gabriela Teixeira	Helder Mendes	Hugo Melo	JP Madaleno	MÉDIA
 AXEL RUDI PELL Lost XXIII (Steamhammer)	3,0	4,5	4,0	3,0	2,0	4,0	3,5	—	4,0	2,0	3,3
 ANALEPSY Quiescence (Agonia Records)	3,5	4,0	—	4,0	4,5	2,5	4,0	—	3,5	4,0	3,8
 AARA Triade li Hemera (Debemur Morti)	2,0	1,5	—	2,0	3,0	1,5	2,5	—	2,0	2,5	2,1
 BLEED FROM WITHIN Shrine (Metal Blade)	2,5	3,0	2,0	2,5	2,0	1,0	2,5	—	3,0	4,0	2,6
 PROCESS OF GUILT Slaves Beneath The Sun (All Noir)	3,5	3,5	2,0	3,5	3,5	2,5	3,5	—	4,0	3,5	3,3

Soltas

38 anos sem António, a eternidade com Variações!

António Joaquim Rodrigues Ribeiro faleceu a 13 de Junho de 1984 mas António Variações perdura no imaginário colectivo português e a sua importância no movimento pop/rock nacional é inegável, tanto que ainda hoje é uma influência marcante para vários artistas.

A sua história de vida é conhecida por todos, o jovem que nasceu em Amares, que cresceu e andou por Nova Iorque e Amsterdão e se fixou em Lisboa onde foi um barbeiro com o sonho de ser cantor e de cantar as suas próprias músicas. A sua carreira foi curta mas impactante. Lançou dois álbuns «Anjo da Guarda» e «Dar e Receber» e deixou-nos vários hinos que todos sabemos de cor como “Canção do Engate”, “É pra Amanhã”, “Estou Além”, ou “O Corpo é que Paga”. Figura muito à frente do seu tempo, destacava-se no Portugalinho cinzento e enfadonho dos anos 80 pelo seu visual colorido, arrojado e desafiador das normas, ao mesmo tempo que era um católico devoto, colecionador de santinhos e um fervoroso admirador de Amália Rodrigues, ao ponto de nos ter ensinado que “todos nós temos Amália na voz/E temos na sua voz, a voz de todos nós”. A sua irreverência e o que hoje se chama de star quality, fariam dele um cantor/artista super actual que só enriqueceria um panorama musical bastante pobre! Infelizmente, uma complicação broncopulmonar levou-o com apenas 40 anos e por isso é impossível saber qual o rumo da sua carreira mas, fazendo jus a um tema que roça a atitude punk como o speedado “Toma o comprimido”, podemos imaginar que Variações poderia abrir-se a sonoridades ainda mais rockeiras... Em todo o caso, enquanto portugueses que gostam de boa música, só podemos estar gratos por termos esta figura tão notável na nossa História e é nosso dever continuar a contribuir para que a sua memória não se apague ouvindo a sua música e atentando à profunda sensatez e bondade que transbordava nas suas letras! [Gabriela Teixeira]

Fábio Abenta [Neuropsy] vítima de homicídio

No passado dia 09 de Setembro foi brutalmente assassinado Fábio Abenta, vocalista dos Neuropsy. São seis os suspeitos indiciados por homicídio em co-autoria. Fábio Abenta deixa uma filha menor de dois anos. Pelas redes sociais correm diversas formas de ajudar a família, entre as quais um grupo criado no Facebook:

<https://www.facebook.com/groups/abenta>

Metallica: 30 anos de Black Album

Com lançamento digital já disponível desde 10 de Setembro e em vinil a 1 de Outubro, os Metallica celebram o 30º aniversário do seu álbum homónimo (“Black Album”), com uma edição um tanto ou quanto inédita. Um total de 53 artistas, com as mais variadas orientações musicais, gravaram versões dos 12 temas do disco e algumas destas canções têm vindo a ser já lançadas nas plataformas de streaming. O lote de artistas vai desde Ghost, Corey Taylor até Miley Cyrus ou Juanes, passando, por exemplo, pelos Volbeat, Idles, Cage The Elephant e Biffy Clyro. Os lucros das vendas reverterão a favor de instituições de caridade escolhidas por cada um dos artistas participantes.

Pedro Batista - A Alma do Cartaxo Metal Fest

Devo andar mesmo a dormir. Só hoje soube que o meu amigo Pedro Baptista faleceu. Pelo que percebi, devo ter falado com ele meros dias antes da sua morte. De vez em quando telefonava-lhe e tínhamos sempre boas conversas.

Conhecemo-nos quando ele e a sua companheira, a Suzana, me convidaram para ir apresentar o meu livro Breve História do Metal Português ao CTX Metal Fest. Foi a minha a primeira apresentação de uma obra minha neste evento, mas não a última.

Ele e a Suzana sempre pensaram fora da caixa, daí o formato original e diversificado que imprimiram ao festival. Num mesmo dia, atuavam diversos grupos, havia palestras, workshops, exposições, apresentações de livros e muito merchandise para vender. Foi esta a sua razão do seu sucesso e que tantos benefícios económicos proporcionou ao Cartaxo de cada vez que se realizava.

Nunca esquecerei o Pedro e a Suzana usando as suas míticas cartolas, que não só se tornaram a imagem de marca deles próprios mas também do festival.

Quem lá ia era sempre recebido como se fosse família. A simpatia do Pedro e a sua dedicação ao Underground são coisas que sempre recordarei.

Descansa em paz, Pedro. Um dia voltaremos a ver-nos e levar-te-ei para te oferecer o livro mais recente que tiver escrito nessa altura. Entretanto, nunca tires a cartola nem deixes de nos presentear com esse teu sorriso contagiante. [Eduardo José Almeida - DICO]

ARISTOCRATS

GUTHRIE GOVAN

MARCO MINNEMANN

BRYAN BELLER



THE DEFROST TOUR

LISBOA - 23 JUNHO - LAV
PORTO - 24 JUNHO - HARD CLUB

Bilhetes à venda em bol.pt e locais habituais

TICKETS & MORE INFO: THE-ARISTOCRATS-BAND.COM

T / VERSUS MAGAZINE

AZORES & METAL VOL#2

“Podem não acreditar no Heavy Metal Açoriano, mas ele existe!”

Já diz o velho ditado castelhano “No creo en brujas, pero que las hay, las hay” e o mesmo se aplica ao heavy metal feito nos Açores.

Podem não acreditar nem dar qualquer crédito, mas ele existe e ninguém pode negar que está bem vivo. E o Museu Heavy Metal Açoriano (MHMA), vem pelo segundo ano consecutivo, provar que existe muito e bom metal no arquipélago.

Após o sucesso da edição do primeiro volume da compilação “Azores & Metal” no ano passado, este ano é editado o segundo volume, com uma seleção de músicas originais totalmente criadas por músicos Açorianos durante 2021/2022.

Foi um ano muito produtivo, resultado de várias iniciativas promocionais, alguma atividade nas redes sociais, onde muitas das bandas foram promovidas e a suas músicas escutadas e apreciadas, não só no continente, como além-fronteiras.

A existência desta compilação é motivação para que muitas das bandas existentes sentissem a necessidade de expor o seu trabalho, e outras encontraram aqui uma primeira oportunidade para se mostrarem.

E assim surge a “Azores & Metal Vol # 2”, uma compilação de 17 temas e 17 bandas, com algumas particularidades como só uma edição de colecionador tem:

- Da ilha Terceira, temos, novamente, a presença dos Depths of Mankind e dos Palha D'Aço, a estreia dos Damage Device e ainda M1KE, um projeto a solo de um músico terceirense que está atualmente a viver em Espanha, mas que já deixou marcas dos seus trabalhos no continente nacional.
- As restantes bandas são de S. Miguel, como os repetentes Drvzka, Venên, Dark Age of Ruin, Veia, Drakh e Riots at Lobe, e como estreias os After the Rain, Even Mind, Happy Kemper, Finding Sanity e The Absolute End. Isto para além dos veteranos In Peccatum e CrossFaith, que há muito não nos presenteavam com música nova.

Bandas e temas que compõem a compilação:

After the Rain “Destiny” / **Drvzka ft. Stepan Kobayakin** “Shell of the Beast”

Palha d'Aço “Hollow” / **Venên** “You can't stop me” / **Even Mind** “Awake”

Happy Kemper “Hand Over a Candle” / **Depths of Mankind** “Pariah”

In Peccatum “Despondency” / **Drakh** “Crossing Spirits”

Finding Sanity “Fooled” / **Dark Age of Ruin** “From Northern Skies”

Veia “Bleed my Heart” / **The Absolute End** “Spiral”

Riots at Lobe (prod. Madatracker) “The Hipocrisy” / **M1KE** “Like a Thunder”

Crossfaith “Holding Hands With The Angels” / **Damage Device** “Nobody”

Este registo tem total apoio e promoção de perto de duas dezenas de entidades nacionais e algumas regionais.

É para o MHMA um orgulho ver desde rádios, labels, estúdios de gravação, webzines, e lojas da especialidade identificarem-se com este modesto projeto insular e tem por único objetivo promover e divulgar o que se faz nos Açores.

MUSEU DO HEAVY METAL AÇORIANO
Apresenta

Azores & Metal Vol #II

"... a realidade do metal nos Açores"



BANDAS

After the Rain | Drvzka ft. Stepan Kobaykin | Palha d'Aço | Venên
Even Mind | Happy Kemper | Depths of Mankind | In Peccatum
Drakh | Finding Sanity | Dark Age of Ruin | Veia | The Absolute End
Riots at Lobe (prod. Madatraker) | M1ke | Crossfaith | Damage Device

Disponível a 11 Setembro 2022
Pre-orders 5 € (Portes Grátis)

Pedidos para mhma.2020@hotmail.com

<https://museuhmazoires.bandcamp.com/album/v-a-azores-metal-vol-2>



MOONSHADE

INCENDEIAM OS CÉUS... E A TERRA

Os Moonshade lançaram muito recentemente o segundo álbum - "As we set the skies ablaze"! Mais um excelente registo na senda do Melodic Death Metal! É hora de o planeta Terra conhecer estes portuenses! Para isso, entrevistamos Pedro Quelhas, um dos guitarristas da banda.

Entrevista: JP Madaleno



“ [...] Tanto o Luís como o Maia aportam imenso à banda com a sua vertente mais técnica e progressiva.

Olá, Pedro! Antes de mais, muito obrigado pelo vosso tempo e disponibilidade para responder às nossas perguntas. Espero que esteja tudo bem com vocês, vossos amigos e familiares.

Pedro - Fazendo aqui um pequeno parêntesis, devo referir para os leitores da Versus que a oportunidade desta entrevista surgiu durante o Festival Laurus Nobilis 2022, onde os Moonshade actuaram e fizeram a apresentação do seu novo álbum, “As we set the skies ablaze”, cujo lançamento ocorreu no dia a seguir.

Começando pela vossa actuação no Laurus Nobilis 2022, reparei na presença de dois novos elementos na banda, o Luís Dias na guitarra e o Fernando Maia na bateria. No entanto, na gravação do álbum, na bateria encontra-se como artista convidado Diogo Mota (baterista dos Gaerea).

- O que aconteceu para surgirem estes novos elementos na banda?
Antes de mais, um grande obrigado à Versus por esta entrevista!! O

Diogo foi nosso baterista de sessão e é um amigo próximo da banda. Durante a tour ibérica que fizemos com ele atrás do kit surgiu a ideia de colaborarmos num disco com ele como baterista de sessão, e daí surgiu a sua participação no “As We Set The Skies Ablaze”, no qual fez um trabalho espectacular. Depois das suas partes estarem compostas e gravadas, conhecemos o Fernando Maia, que ainda foi a tempo de entrar na composição do álbum a nível das orquestrações, e certamente irá partir tudo atrás do kit no próximo lançamento! Já o Luís, o nosso novo guitarrista, entrou também a tempo de também revolucionar o nosso som, neste caso a nível da guitarra lead.

- De entre os novos elementos, estive particularmente atento à actuação do Luís Dias. Parece-me ter um maior rol de recursos técnicos que melhor complementa a sonoridade da banda. Concordas com esta ideia?

Sem dúvida! Tanto o Luís como

o Maia aportam imenso à banda com a sua vertente mais técnica e progressiva. É estranho quando às vezes nem nos apercebemos que falta uma peça enorme no puzzle até ela aparecer por coincidência. Agora é difícil imaginar Moonshade sem eles!

- No final da actuação, veio ao palco, como artista convidada, a vocalista Sandra Oliveira. Porque decidiram introduzir vozes femininas nas vossas músicas?

O Death melódico em geral é mais caracterizado por vozes limpas e coros masculinos, e as nossas convidadas no álbum quebraram esse molde de forma esplêndida. Além disso, as vozes da Sandra e a Sofia eram sem dúvida o que as músicas pediam, e os seus timbres tornaram-se indissociáveis da identidade do álbum.

- Qual foi a contribuição dos novos elementos e convidados para esse álbum? Ou seja, o que trouxeram de diferente?

Tanta coisa! O Luís trouxe os seus solos altamente técnicos



[...] compor e gravar este álbum foi bastante suave e clean, [...] a vibe dos nossos novos membros contagiou o resto da banda [...]

e originais, o Diogo trouxe uma bateria que a nível de complexidade é inédita em Moonshade, o Maia elevou a nossa vertente orquestral completamente a outro nível, e a Sandra e a Sofia deram aquele aporte melódico aos vocais que em conjunto com os guturais do Ricardo e os nossos coros providenciou uma variedade que nos agrada bastante. Agora, graças aos nossos convidados, Moonshade é outro monstro. Entretanto, pude ouvir o álbum, do princípio ao fim. Os meus parabéns por mais um excelente álbum de Melodic Death Metal.

- Podemos considerá-lo um álbum conceptual?

Obrigado!! Creio que sim.

Não começou como uma obra conceptual, era suposto ser um álbum com temas soltos, mas a narrativa construiu-se sozinha e o fio condutor das ideias revelou-se a meio do processo de composição. É um pouco caótico porque não é fácil resumir o que é ser Humano em 9 músicas, mas acho que fizemos um bom trabalho.

- Quais são as principais ideias em termos da sua composição?

Prefiro não complicar muito, no sentido em que simplesmente vejo o que me sai a nível de riffs e escolho aqueles que me soam mais tight, épicos e memoráveis para apresentar à banda, o Luís traz os dele, e escolhemos todos em quais queremos trabalhar. Simples, sem egos, com respeito mútuo.

- O que evoluiu no vosso processo criativo relativamente ao álbum

anterior?

Creio que num próximo lançamento teremos uma contribuição substancialmente maior dos nossos novos membros, e com isso obviamente virão as suas influências e formas de tocar. Estou muito curioso relativamente ao que aí vem, estamos todos, nunca fomos banda de lançar o mesmo disco duas vezes.

- Qual é o vosso modus operandi em relação à composição?

Como somos um banda muito orientada para guitarras, até agora sempre partiu de essencialmente de mim - propunha várias ideias com 3 ou 4 riffs encadeados, e depois cada um ia opinando sobre as partes dos outros e inserindo a sua parte. Agora será algo similar, mas também com as ideias do Luís na génese das músicas.

O que nos podes dizer sobre o processo de gravação, edição e mistura do álbum, nomeadamente, o que fizeram de diferente, com quem trabalharam, histórias peculiares, etc.?

Trabalhamos com a Titanforged Productions, nomeadamente o Afonso Aguiar, que não só produziu o nosso álbum anterior, como é ex-baixista de Moonshade, estando agora exclusivamente nos grandes Dark Oath! A principal diferença passa pela captação e edição ter sido gerida por mim, com excepção dos guturais do Ricardo, que foram gravados com o Afonso. Após a captação, a mistura e masterização ficaram a cargo dele, e fez um trabalho brilhante. Histórias peculiares admito que temos poucas, a verdade é que compor e gravar este álbum foi bastante suave e clean, não diria aborrecido porque na verdade estávamos sempre cheios de pica, mas a vibe dos nossos novos membros contagiou o resto da banda - paz, tranquilidade, e death metal.

Em termos internacionais, têm planeada alguma digressão?

Estamos a planear uma neste momento, mas ainda não podemos

dar detalhes. Para já, em terras lusas, estaremos no Milagre Metaleiro a 28 de Agosto, em Pindelo dos Milagres, a abrir para os grandes Wolfheart. Contamos convosco!

Com que bandas gostariam de dividir o palco?

Tantas, e mesmo assim ao longo dos anos já tivemos muita sorte, entre Amorphis, Omnium Gatherum, Orphaned Land mais recentemente, Wolfheart em Agosto... Eu, pessoalmente, diria Rammstein, já sei que é sonhar alto, mas vocês é que perguntaram! Teremos de esperar mais 4 anos por um novo álbum?

Idealmente não, e vamos fazer os possíveis para demorar menos no próximo, mas depende! Nós só lançamos algo quando já temos a certeza que não lhe conseguimos acrescentar nada, e que demos o habitual 120%, demore o que demorar. Sabes como é, depressa e bem...

Como referi anteriormente, a minha primeira impressão do álbum foi muito positiva. Parece-me óbvio que, actualmente, são uma banda melhor. Concordam?

Nós achamos que sim, tanto a nível de composição como a nível logístico. Não tem nada a ver com quem esteve na banda antes ser melhor ou pior músico, até porque isso até certo ponto é relativo, mas simplesmente quando os astros se alinham e as personas criativas encaixam, há mais tranquilidade, criatividade e paciência para a atenção ao detalhe. Essencialmente, faz-se melhor música, e há mais motivação para dinamizá-la.

Mais uma vez, obrigado pelo vosso tempo e espero, sinceramente, rever-vos brevemente e desejo-vos o maior sucesso!

Um grande obrigado à Versus pela entrevista!!

Facebook
Youtube

PALAYE  ROYALE

Fever Dream

EUROPEAN + UK TOUR 2023



Special Guests **YONAKA**

17 FEVEREIRO 2023

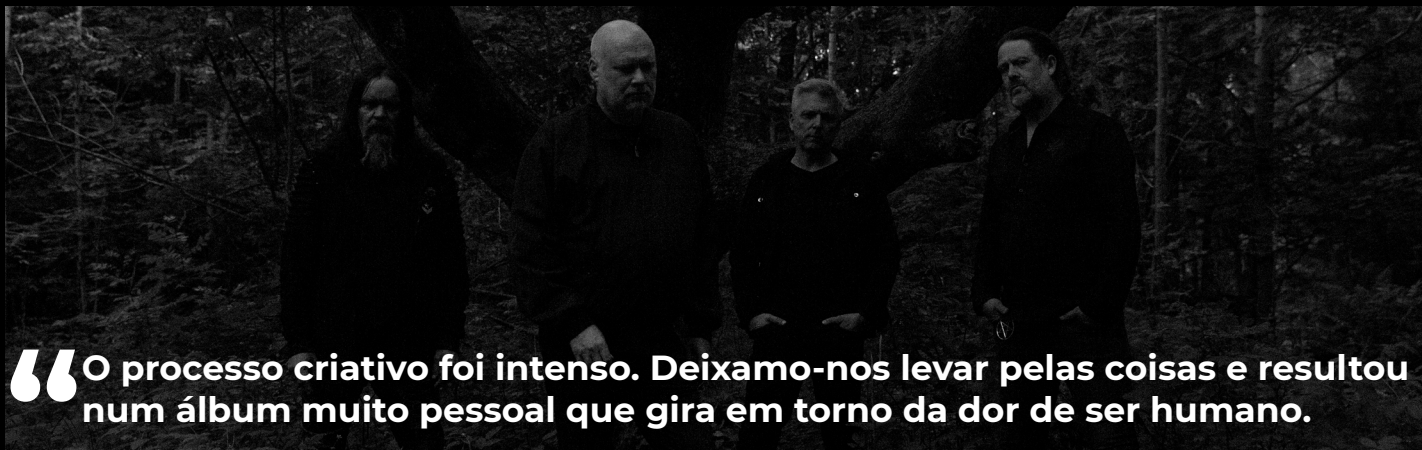
LAV = LISBOA AO VIVO



O Evangelho segundo os **Order**

O Evangelho é indubitavelmente um livro que atrai muita gente por múltiplas razões. Order, uma banda norueguesa, que inclui membros da lendária Mayhem, escreveu o seu próprio Evangelho centrado na dor de ser humano. Nem mais, nem menos!

Entrevista: CSA | JP Madaleno



“O processo criativo foi intenso. Deixamo-nos levar pelas coisas e resultou num álbum muito pessoal que gira em torno da dor de ser humano.

Olá! Como estão? Esperamos que estejam todos bem.

Manheim – Obrigado por perguntarem e peço desculpa pela nossa resposta tardia.

JPMad – Os principais elementos dos Order também pertencem aos Cadaver e aos Mayhem, as bandas que estiveram na gênese do Death Metal e do Black Metal norueguês, respetivamente. Com os Order, pretendem explorar outros estilos e/ou dimensões musicais?

Se eu entendi bem a tua pergunta, a resposta é: parcialmente, sim. Queremos explorar outras dimensões desses géneros, mas não acho que os tenhamos levado para fora da esfera do Black Metal. No entanto, não nos impomos nenhuns limites. Deixamos o processo criativo levar-nos para onde calhar.

CSA – Como é que os Order surgiram?

Tudo começou em 2013, quando o Anders perguntou ao Billy e a mim se estaríamos interessados em formar uma nova banda com ele e o Rene. A ideia era ver se haveria algo de interessante na mistura das nossas diferentes origens. Desde os anos dos Mayhem, eu estava focado em Noise e projetos de música de Avant-garde e o Billy estava ocupado com a sua banda de Punk. Por algum motivo, achamos que esse era o momento certo para explorar uma nova banda. Encontramo-nos no estúdio

de ensaio e, imediatamente, senti-me como se estivesse a regressar a casa. Então, decidimos explorar mais esta ideia e o resto é história.

CSA – Por mera curiosidade: como se sentem pelo facto de os Mayhem terem recebido um prémio pela sua carreira?

Honestamente, fiquei um pouco surpreendido. Não que eu não ache que seja merecido. Penso que todos os envolvidos nos Mayhem, ao longo dos anos, merecem reconhecimento. A indústria cultural norueguesa reconheceu a importância do género ao qual, na verdade, não deu muita atenção ao longo dos anos e que, nos primeiros anos, até condenou. Mas as coisas mudam com o tempo e o que dantes era polémico e difícil de entender, no presente é mais fácil de entender, principalmente pelo impacto que teve. Portanto, acredito que o prémio foi atribuído com as melhores intenções e pelas razões certas.

Parabéns pelo vosso novo álbum «The Gospel».
Obrigado.

JPMad – É um álbum conceptual?

Sim, é. Quando começamos a trabalhar no álbum, tínhamos muito material acumulado desde «Lex Amentiae», mas não estávamos totalmente satisfeitos com o caminho por onde nos estava a levar. Resolvemos deixar todo esse material de lado e começar de novo. Acabou por ser

uma boa decisão e, nas semanas seguintes, construímos o núcleo das músicas para «The Gospel». O processo criativo foi intenso. Deixamo-nos levar pelas coisas e resultou num álbum muito pessoal que gira em torno da dor de ser humano.

CSA – Como é que relacionam as faixas do álbum com a ideia de criar um Evangelho (“Gospel”)?

De muitas maneiras, essa é uma ideia presente nas letras. As canções representam as diferentes fases da vida. O álbum começa com “Pneuma”, que se refere ao sopro da vida. Tudo está em harmonia e cheio de esperança, mas com uma cautela dentro do tom que sugere a incerteza do que está para vir. “Rise” refere-se ao momento em que se atinge a maioridade ou ao despertar. Quando olhamos para o mundo cheio de caos e desordem, nos erguemos contra os opressores religiosos e dogmáticos que espalham as suas mentiras e os seus venenos para nos manter na linha e fazer-nos obedecer às suas regras. “Bringer of Salt” é sobre a força que nos acompanha ao longo da vida: a morte. A força que esvazia todos os seres vivos, lentamente e de forma inexorável. “Descend” é sobre o facto de sermos responsáveis pela nossa própria dor e sofrimento, sobre a forma como lentamente construímos o nosso espaço de dor que nos atormenta a partir de dentro. Não podemos culpar

ninguém, nós mesmos construímos os pilares da destruição e as correntes que nos prendem a eles e que nos puxam para o centro dos nossos tormentos. E assim por diante. Em suma, transmitem uma mensagem, um evangelho, sobre o facto de a dor de viver ser real e que temos de a suportar. A faixa que dá nome ao álbum não aborda este tema, logo é a anomalia do álbum. Baseia-se numa história verídica, tem um evangelho próprio, é sobre um grupo pequeno que se uniu e construiu algo que é lembrado até hoje.

JPMad – Quais são as principais ideias em termos de composição deste álbum?

Se entendi a pergunta, o álbum não foi construído como uma ideia que passamos a realizar. A composição da música e a escrita das suas letras evoluiu à medida que íamos construindo as canções, traçando o caminho que íamos seguir. As canções foram criadas num processo muito intenso, em que uma coisa acabou por levar à outra. Mais tarde, fomos para o estúdio durante meses para fazermos tudo corretamente.

JPMad – Qual é o vosso modus operandi em relação à composição?

Para este álbum iniciamos o processo de composição tocando: o Anders na guitarra e eu na bateria. Experimentamos diferentes perspetivas e tomamos nota, quando sentimos que as coisas estão certas, reescrevemos se formos parar a um beco sem saída e assim por diante. Foi uma espécie de processo de improvisação, em que experimentamos temas, riffs e estruturas rítmicas. À medida que as estruturas surgiam, íamos construindo as canções e gravando as demos. Eu ia escrevendo as letras no estúdio e gravávamos as linhas de voz antes de enviarmos a versão demo da canção aos outros elementos da banda. Quando estás numa onda criativa como nós sentimos que estávamos,

apenas tens de te deixar levar pelos sentimentos e ver onde vais parar. Terminamos a composição básica das faixas no início de novembro de 2020 e entramos em estúdio no final de janeiro de 2021. No estúdio, juntamos tudo, procuramos o som certo, estabelecemos uma ligação entre as faixas e realizamos todo o processo de audição.

CSA – Enquanto ouvia o álbum, pensava em Black Metal da velha guarda. Concordas com essa perspetiva?

Sim, mas direi que conseguimos o que pretendíamos alcançar com os Order, que é trazer um pouco do passado para o presente sem ser nostálgico ou desatualizado. Espero que os ouvintes também concordem.

JPMad – Tal como o primeiro álbum, este é muito consistente e é difícil indicar um tema preferido. Talvez “Descend” e “Lust” sejam os meus favoritos (depende do meu estado de espírito). Tens um tema favorito neste álbum? Porquê?

Como ouvinte, não. Gosto de todos igualmente. No entanto, quando se trata do processo de fazê-los, todos os temas surgiram de forma muito natural. O processo consumiu todo o nosso tempo durante meses para refinarmos as canções de modo a chegarmos à versão final do álbum, em que as letras e a música se entrelaçam numa dança pessoal, exprimindo o que Order queria alcançar quando a banda foi criada.

CSA – A capa é bastante intrigante.

- O que podemos ver aí? Uma foto de um dos membros da banda?

Sim, é uma foto minha.

- Quem tirou a foto?

A foto foi tirada pelo fotógrafo e nosso querido amigo Morten Strøm, que entendeu o que queríamos expressar na capa. Ele queria fazer a filmagem apenas com a luz natural de uma lareira ao ar livre. A direção artística e o

design da capa foram feitos por mim.

- Como é que relacionam a capa com o tema central do álbum?

O álbum é sobre a dor de ser humano, sobre o facto de não podermos viver sem nos perdermos. A vida é uma jornada solitária por muito sociável que sejas. No fim de contas, estás sozinho com a tua própria vida, pensamentos e sentimentos. Era isso que queríamos expressar na capa.

JPMad – Em 2017, os Mayhem tocaram em Portugal no SWR Barrocelas Metalfest XX. Os Order também pretendem, mais cedo ou mais tarde, tocar em Portugal?

Espero que possamos fazer isso, mas ainda não temos nada planeado nesse sentido. No ano passado, fizemos uma digressão na Noruega, que vamos continuar nesta primavera e termina em abril no Inferno (Metal) Festival. Também temos uma minidigressão pela Polónia, programada para julho. Ao que parece a pandemia está a chegar ao fim, logo espero que possamos marcar mais espetáculos. Eu adoro Portugal, pelo que seria ótimo os Order poderem ir tocar aí.

CSA – Com que bandas gostariam de dividir o palco?

Essa é uma pergunta a que é muito difícil responder, já que existem tantas grandes bandas que eu respeito. No entanto, acho que minha resposta padrão é: as bandas locais, porque adoro conhecer pessoas com a mesma paixão pelo nosso género musical.

CSA e JPMad – Mais uma vez, obrigado pelo teu tempo e, sinceramente, esperamos vê-los em Portugal em breve.

Obrigado, espero que sim e que possamos partilhar alguns dos vossos grandes vinhos após o espetáculo.

Facebook
Youtube



morka

WITH SPECIAL GUESTS:

WOLFGANG

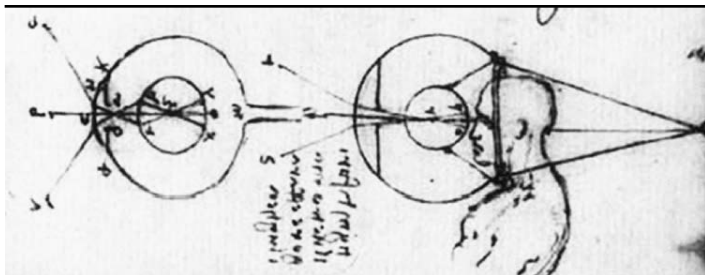
MORD'A'STIGMATA

30.11.2022

STEREOGUN | LEIRIA

01.12.2022

RCA CLUB | LISBOA



The girl with the kaleidoscope eyes

Por: Gabriela Teixeira - mixcloud.com/Submundo

Um elogio ao Facebook! (Quem diria?!)

Feitas as apresentações na última edição, vamos lá ao que me traz a esta página em branco - o gosto por reflectir sobre tudo e mais alguma coisa! Desta feita, quero debruçar-me sobre as mal amadas redes sociais, nomeadamente o Facebook - que toda a gente diz que está a morrer mas que ainda “vai mexendo”.

Não preciso elencar todos os aspectos negativos do Facebook, eles estão à nossa vista e infelizmente parecem estar a tomar proporções demasiado elevadas face às potencialidades de comunicação que eu sempre lhes reconheci. Plataformas que unem quem está longe e permitem o diálogo têm de ser vistas como uma mais-valia, contudo o problema jaz na dificuldade de pôr em prática esse diálogo muito por conta da incapacidade de interpretação das palavras escritas que culmina em discussões inflamadas, bipolarizadas onde todos perdem, incluindo a própria plataforma! Os malefícios das redes são inegáveis e a questão é bastante complexa de analisar, mas o meu propósito aqui é elogiar o papel dos grupos de partilha de rock e metal na divulgação de novas bandas como na revitalização de nomes antigos. Eu sou uma idosa de 40 anos e, portanto, sou do tempo em que os colegas de escola gravavam cassetes uns aos outros e assim se iam conhecendo algumas bandas. Assim, uma cassette de 90 min podia conter uma boa variedade de grupos mas estávamos sempre dependentes do que os nossos colegas ouviam e por isso o conhecimento em termos de número de bandas podia não ser o mais vasto mas era bastante incisivo. No meu caso, sempre fui (e ainda sou) daquelas fãs que gosta de saber o máximo de informação sobre o grupo, que domina a discografia e sabe as letras de cor, no entanto, à medida que o meu leque de bandas conhecidas dentro e fora do heavy metal foi aumentando, esta relação tão “chegada” com os intervenientes artísticos foi-se degradando aos poucos.

Ao longo da minha vida adulta sempre tive amigos e conhecidos que gostam de boa música e com os quais fui conhecendo grandes discos/bandas mas nunca estive tão exposta a tamanha quantidade de registos e artistas como desde que comecei a participar activamente em três ou quatro grupos no Facebook, na sua maioria nacionais. De repente, dei por mim a ter acesso a uma enxurrada de nomes dos mais diversos sub géneros que desconhecia ao ponto de me ser impossível ouvir todos os temas partilhados!! Isso levou-me a organizar uma lista de “futuras audições” que nunca diminui (só aumenta!) e lentamente fui criando simpatia por pessoas desconhecidas que, apercebendo-se da lógica por detrás das minhas partilhas musicais, me foram dando sugestões que alargaram bastante a panóplia de boas bandas que têm residência fixa na minha playlist do spotify - Wheel, Soen, Unto Others, Heidevolk, Great White, Pain of Salvation, Riverside, Rishloo... entre tantas outras!! Digo-vos que há cerca de dois anos apenas abro o facebook por causa destes grupos e, ainda que actualmente não seja um membro tão activo como outrora, continuo a fazer-lhes a minha visita diária em busca de nova música (que muitas vezes já é bem velhinha) para ouvir.

Tendencialmente focamo-nos nos aspectos menos positivos dos grupos do Facebook mas gostaria de frisar aqui que o Em Busca do Heavy Rock Perdido contribuiu de uma forma muito positiva para eu vencer uma fase menos boa da minha vida - a música toda que descobri e redescobri, as interações com os restantes membros cheios de simpatia e humor, os tópicos de discussão que criei e aos quais a maioria acedeu com respeito e clareza... fizeram-me sentir numa “casa” virtual onde todos cabemos e onde todos ganhamos com as partilhas uns dos outros, especialmente no que ao metal nacional diz respeito! Tenho assim consolidado o meu conhecimento de bandas actuais e outras bem mais antigas que desconhecia por completo, quer a sua existência como a sua importância no nosso underground, como os V12, Xeque-Mate, Ibéria, Sacred Sin, Cruz de Ferro... Como vivo numa cidade mais pequena, onde o heavy metal é inexistente e não tenho a disponibilidade que gostaria para ir a pequenos concertos em cidades maiores, tenho nestes grupos uma forma de me ir actualizando relativamente à nossa cena.

Resumindo e concluindo, ainda que o convívio virtual seja cada vez mais pautado por desentendimentos, olho para este modo de partilhar inclinações estéticas como uma válida esfera da interação metaleira onde é essencial separar o trigo do joio e apenas reter o que de facto é proveitoso - a música!

SUB MUNDO

uma hora de hard and heavy
com Gabriela Teixeira
Domingos 21h

RÁDIO 100 MARGENS



Mithras

Pensamentos outonais

Outono, melancolia, contemplação, tempos antigos, medievais, Black Metal underground, anos 90... Eis os ingredientes que o ouvinte poderá encontrar no primeiro álbum de **NEBRAN**, o novo projeto de Adrastos, que os leitores da Versus conhecem de Total Hate e Goath, bandas que também já passaram por estas páginas.

Entrevista: CSA

Saudações, Adrastos! Espero que esteja tudo bem contigo.

Adrastos – Olá, Cristina! Até ver está tudo bem, obrigado! De momento, ando muito ocupado a compor novas canções e a ensaiar para concertos com Total Hate.

Depois da entrevista sobre a demo e o split com Goath, chegou a hora da entrevista sobre o primeiro longa duração do teu novo projeto – uma oneman band.

Tal como previsto, é realmente sombrio, mas, ao mesmo tempo, muito atmosférico e cheio de luz... só que se trata de uma espécie de luz sombria. Concordas comigo? Também me parece que temos aqui um álbum contemplativo e que esses momentos são marcados por partes instrumentais à base de guitarra. O que pensas desta ideia? Para ser franco, é sempre difícil para mim descrever a minha própria música, mas é sempre interessante ouvir o que as pessoas pensam dos lançamentos e ver como funcionam ou não. Posso mencionar coisas, bandas, seja lá o que for que me inspiraram e me levaram a compor música, mas, no fim de contas, o que prevalece é a perspetiva do ouvinte.

Gosto muito do álbum, porque é triste, mas não é depressivo, é imponente, mas fluido/leve ao mesmo tempo. O que te parecem estes comentários?

Obrigado. Concordo contigo, quando dizes que o álbum não é depressivo ou, como já li em

algumas críticas, DSBM. Eu escrevi as canções num estado melancólico, onírico, nostálgico, não propriamente no mesmo estado de espírito em que me encontrava quando escrevi as faixas para a demo. Felizmente, os tempos mudaram nos últimos 3 anos... Escrevi muitas das canções enquanto fazia caminhadas, junto de fogueiras em velhas ruínas ou à luz de velas sob a influência do álcool, a ver documentários sobre Black Metal dos anos 90.

Se eu te perguntar qual/quais é/são a(s) marca(s) distintiva(s) de Nebran, qual será a ta resposta?

Eu diria que a marca mais característica é o tempo das canções, porque todas são lentas ou a meio tempo, sem blast beats ou momentos mais rápidos até agora. Outra marca distintiva é a presença de intros em que uso sintetizadores e o som inspirado pelos anos 90. Já escrevi 4 novas canções e o tempo das canções lentas passou mais ou menos à História nessas quatro faixas. Mas a seu tempo hás de ouvi-las. No entanto, continua a ser Nebran, sem a mínima dúvida.

Deste ao álbum o título «... Of Long Forgotten Times».

- Para começar, vou ser um pouco provocadora: sentes-te assim tão velho?

Não diria que me sinto muito velho, mas sinto-me velho, sim, de uma certa forma... sobretudo quando penso nos valores da

sociedade moderna, na forma como as vidas das pessoas e o mundo mudaram e em toda a porcaria que acontece todos os dias. Sempre houve coisas más, mas o que está a acontecer agora mesmo enoja-me em muitos sentidos e não me parece que vá melhorar.

- Não será um título estranho para o primeiro álbum de um projeto musical?

Não, não me parece, talvez porque eu não o vejo como um primeiro álbum. Já gravei cerca de 8 álbuns, muitos EP e demos com diversas bandas e projetos, portanto este é apenas mais um passo na minha jornada como artista. Algumas das letras tratam de velhas histórias medievais, lendas ou temas históricos e, na minha opinião, não podiam estar mais adequadas ao álbum. O mesmo acontece com a capa e toda a arte.

- Escolheste este título para definir uma espécie de linha diretriz para a banda?

Nunca pensei em nenhuma diretriz, a não ser tocar Black Metal dos anos 90 e manter viva a chama da cena underground. Mas sempre me deixei fascinar e inspirar pela tenebrosa época medieval.

- De que nos falam as letras?

Sintetizando constituem uma espécie de diário tenebroso e melancólico combinado com temas medievais, tal como já referi, e reminiscências de experiências negativas relacionadas com o mundo atual e a humanidade. Escrever música e letras é uma



[...] não o vejo como um primeiro álbum. Já gravei cerca de 8 álbuns, muitos EP e demos com diversas bandas e projetos, portanto este é apenas mais um passo na minha jornada como artista.



espécie de válvula de escape. Sempre me ajudou e continua a ajudar-me a sobreviver sem correr o risco de enlouquecer.

Da última vez, disseste-me que tinhas sido tu mesmo a fazer a capa para a demo e que usaste uma foto. Fizeste o mesmo desta vez ou convidaste alguém a fazê-lo (já que esta capa é uma ilustração)?

Foi o Chris [Kiesling] da Misanthropic Art que fez a capa e todo o artwork do álbum. É um grande artista, um amigo de longa data e alguém conhecido no mundo inteiro. Vi esse quadro há uns anos atrás e disse-lhe que gostaria de o poder usar para o primeiro álbum de Nebran. Ele fez algumas pequenas modificações e a capa estava pronta. É absolutamente perfeita!

Calculo que não vais fazer concertos. Da última vez, disseste-me que a música de Nebran era ideal para acompanhar caminhadas nas montanhas e na floresta, momentos de reflexão à beira de lagos, etc.

Ainda pensas assim?

Sem dúvida nenhuma! Não vou dizer que nunca farei concertos com Nebran, mas, de momento, estou muito longe de me dedicar a criar uma formação para tocar ao vivo e começar a ensaiar. E realmente parece-me que as pessoas deviam esperar pelo outono ou pelo inverno e ouvir o álbum nos bosques, etc. Faz mais sentido. Finalmente, o outono chegou à Alemanha e este é o tempo perfeito para ouvir o álbum.

Eu penso que este álbum também é excelente para ser ouvido no verão (ao fresco entre as árvores) e também no inverno (em frente a uma lareira), não é?

Eu não o recomendaria para o verão, mas se funciona para ti, tudo bem. Pessoalmente, prefiro ouvir Black Metal sobretudo no outono, no inverno ou talvez na primavera. No verão, quando faz o calor que estive nestes últimos dias, por exemplo, prefiro ouvir Death-, Thrash- ou clássicos do Heavy Metal. O verão não tem a atmosfera certa para o Black Metal. Podes aperceber-te disso,

quando vais a um concerto num clube underground à noite ou assistes ao mesmo concerto num soalheiro festival de verão. A atmosfera perde-se por completo. Queria que o álbum de Nebran fosse lançado no outono ou no inverno, mas isso não aconteceu devido a vários fatores e a atrasos relacionados com os responsáveis pela impressão, etc. Assim, acabou por ser lançado na altura errada. As coisas mudaram e já nada é como há 2 ou 3 anos atrás.

Como vais promover este álbum (com a ajuda da Ván Records, é claro)?

Não me restam grandes opções para além de postar notícias na minha página ou nas redes sociais e, para ser franco, não tenho tempo, nem vontade, para escrever mails ou contactar pessoas. O álbum acabará por chegar às mãos de quem gostar dele, mais cedo ou mais tarde. Parece-me que a promoção feita pela Ván Records é excelente e mais do que suficiente.

A Metallum diz-nos que fizeram uma edição limitada de 500

cópias. Por que razão tu (e a editora) fizeram esta opção para o primeiro longa duração de Nebran?

É o habitual para a versão digipack. A edição em vinil está limitada a 120 LP em negro e 440 em cinza. Não faço ideia nenhuma em que ponto isso está, mas parece que as vendas dos CD são cada vez mais reduzidas, devido às modernas plataformas de streaming como o Spotify, por exemplo. Portanto não vale a pena fazer mais exemplares, porque as pessoas já não querem comprar CD. Os vinis pretos já esgotaram no armazém da Ván Records e eu ainda tenho uma cópia. A propósito, há três semanas atrás, recebi algumas cópias da edição em cassete limitada a 100 exemplares.

Pediste a opinião dos teus companheiros de Total Hate Goath sobre o álbum? O que pensam eles desta joia do Black Metal?

Parece-me normal mostrar o material novo aos amigos chegados ou aos companheiros da banda e pedir a sua opinião. Entretanto,

muitos deles já têm o álbum em vinil ou a edição limitada numa caixa de madeira que mandei fazer para os amigos e fãs mais íntimos. As reações foram bastante boas, mas alguns amigos sentiram-se um tanto surpreendidos com o álbum ou não estavam no estado de espírito ideal quando o ouviram. Compreendo a situação.

Por falar de opiniões...

- Como é que a imprensa, os fãs e o público em geral reagiram à demo e à canção no split com Goath?

Em ambos os casos, houve poucas reações. Só vi 2 ou 3 críticas sobre a demo, mas todas elas eram fantásticas. Também recebi mails de amigos e fãs que realmente gostaram da demo. Mas nunca vi uma crítica sobre o split com Goath. A propósito, para quem não é fã de vinil, a demo e a canção do split aparecem como faixas bónus na versão digipack de «... Of Long Forgotten Times»! A edição em cassete inclui a canção do split. O meu objetivo é lançar todas as canções de Nebran em todas as versões: vinil, cassete e CD.

- Já tiveste reações a este álbum?

Sim, um pouco melhores do que anteriormente, mas nada que se compare às reações que recebem bandas como Goath ou Total Hate. Penso que Nebran interessa sobretudo a um nicho mais pequeno da cena. O que li até agora era bastante bom, mas também encontrei algumas críticas que viam o álbum como mediano ou até revelavam algum desapontamento. No fim de contas, trata-se da opinião de uma só pessoa, que tem de escrever uma crítica, independentemente de o seu estado de espírito ser adequado ou não. Não vou sobrevalorizar nenhuma opinião, seja ela boa ou má. Talvez essas pessoas gostem do novo material para o split de 10" que vai sair em breve e os velhos fãs não, é como é. Isso não alterará nada o futuro de Nebran, porque eu não escrevo canções para outras pessoas ou para receber boas críticas. Nebran é sobretudo o reflexo da forma como me sinto no momento em que escrevo as minhas canções.

[Facebook](#)
[Youtube](#)



CRITICAS VERSUS



ABBATH

«Dread Reaper»

(Season of Mist)

Março de 2022 marcou o regresso de Abbath. «Dread Reaper» é já o terceiro disco do icónico frontman, sucedendo aos muito agradáveis «Abbath» e «Outstrider». E é aqui que começam os problemas: comparando este lançamento aos dois anteriores, «Dread Reaper» fica ligeiramente abaixo em termos qualitativos. A receita heavy/black metal na qual Abbath podia ter uma estrela Michelin acaba por, aqui, dar origem a confecções menos boas. A opinião com que se fica depois de ouvir este álbum é que a primeira metade se superioriza francamente à segunda, o que resulta num todo desequilibrado, onde nem a cover (dispensável) para “Trapped Under Ice” acrescenta grande coisa. Mesmo que o balanço final penda para o lado positivo, do ex-Immortal espera-se sempre mais e melhor. Momentos como a quorthoniana “Dream Cull”, a inicial “Acid Haze”, ou “The Deep Unbound” e o seu solo de bom gosto ajudam a que este disco não caia por completo na modorra, porém paira a inevitável sensação de se estar perante um esforço menos bem sucedido por parte do músico norueguês. A reforçar essa sensação, está a produção de «Dread Reaper», que parece não ser a mais acertada, em particular no que toca à sonoridade das guitarras e do baixo (instrumento quase impossível de descortinar aqui): o problema não está, claro, em ser crua, de resto uma propriedade que se aprecia num disco de black metal, e sim no facto de as guitarras soarem demasiado “embrulhadas”, aspecto que se espera ver corrigido em futuros discos.

[7/10] HELDER MENDES



ABHORIA

«Abhorra»

(Prosthetic Records)

Este trio estado-unidense de Los Angeles – Abhorra –, lançou o seu primeiro álbum no início deste ano. Um álbum na sua totalidade gravado remotamente. A banda apenas tocou junta pela primeira vez após a sua gravação concluída. Os três experientes elementos, provenientes de bandas como Ashen Horde, Vimana e Catheter, decidiram assumir uma nova identidade: Koszmar (no baixo), é o Igor Panasewicz; Vor (na guitarra), é o Trevor Portz; e Walthrax (a voz), é o Wally Cox. Contam também com a contribuição de um quarto elemento, o baterista Jaud.

É um álbum muito consistente e sólido, com uma sonoridade de Black Metal mais clássica (se é que podemos chamar-lhe isso) num conceito mais moderno, com arranjos bem trabalhados, numa total simbiose entre todos os instrumentos e as vocalizações guturais do Walthrax.

Uma leitura rápida das letras do álbum permitiu-me confirmar a sua ideia base – abominável e repugnante –, uma sociedade baseada em mentiras, de falsos profetas e manipuladores de massas, principalmente, através da média que, diariamente nos bombardeiam com narrativas de desinformação. “False Idols”, primeiro tema do álbum, dá o mote e faz jus ao seu título. De que serve implorar pela verdade, se esta é-nos recusada?

[7.5/10] JOAO PAULO MADALENO



ADOPTERTA TENEBRIS

«Oblivion: The Forthcoming Ends»

(Les Acteurs de L'Ombre Productions)

Difícilmente encontraremos um subgénero da música extrema com mais tendência para as one man bands do que o black metal. Pois é, estes Adopterta Tenebris, onde o faz-tudo de serviço (embora conte com músicos convidados e de sessão) é apenas identificado como “G.”, são mais um nome a juntar à catrefa de projectos similares, uns com qualidade, outros nem por isso. E para que lado caem estes Adopterta Tenebris com o seu já segundo álbum de longa duração «Oblivion: The Forthcoming Ends»? Na verdade, caem mais para o lado do desinteressante. A execução até não está má, como em “Calvaire”, claramente a faixa que se destaca deste disco, ou na inicial “We Were Giants”, mas as ideias de G. são algo limitadas e, por que não dizê-lo, enfadonhas, levando a que «Oblivion: The Forthcoming Ends» se precipite no esquecimento. A razão principal para esse enfado reside no facto de a maior parte das faixas se arrastar por mais tempo do que seria desejável; tal prolongamento justificar-se-ia caso as músicas tivessem algo que prendesse o ouvinte, mas não é isso, infelizmente, que sucede. Assim, sem se cortar na gordura, este segundo disco pouco tem que o redima. Resta dizer que, sendo a cena black metal francesa uma das mais estimulantes hoje em dia, os Adopterta Tenebris não entram, para já, no lote de bandas/projectos recomendáveis.

[5.5/10] HELDER MENDES



BJORN RIIS

«Everything to Everyone»
(Karisma Records)

Bjorn Riis, o guitarrista e letrista da bem sucedida banda de prog rock Airbag, lança o seu 4º disco a solo. «Everything to Everyone» apresenta um conjunto de 6 temas, cada um com uma identidade, que encaixam suavemente e, quando nos apercebemos, os 50 minutos de duração do álbum passaram e nem nos demos conta por que é tão fácil entregar-nos à delicadeza e

maciez da sua música. Segundo o próprio, este álbum lida com as emoções humanas, em especial o medo de vermos diluída a nossa essência na torrente de expectativas alheias e fá-lo através de um rock sofisticado, envolvente e essencialmente melódico com algumas pinceladas de maior intensidade. “Run” é o instrumental progressivo e acelerado que abre o disco; “Lay Me Down”, também instrumental, é, por oposição, mais lento, emocional, que ganha dimensão com o solo da guitarra; “The Siren” é o meu tema favorito com o seu arrepiante piano, a voz calma de Bjorn, a letra tocante e a guitarra!! A forma como Bjorn toca faz-nos acreditar que também a guitarra tem sentimentos e tem voz! “Every Second Every Hour” tem 13 min. onde se destacam os teclados atmosféricos e os solos da guitarra levam-nos de imediato aos anos 70 e ao universo Pink Floyd; “Descending” é o instrumental mais curto, não chega a ter 5 min, e, claro, a guitarra destaca-se na textura melódica. O disco termina com o tema-título que tem uma letra introspectiva, e onde sobressai o dueto no refrão de Bjorn com a voz acetinada de Mimmi Tamba. O tema começa muito suave mas sobe de tom até se atingir um clímax dramático que esmorecerá até ao silêncio. Ouçam este disco a meia luz e permitam-se sentir uma leve carícia na alma!

[8.5/10] GABRIELA TEIXEIRA



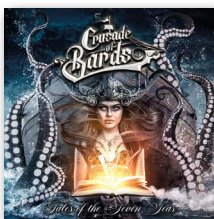
COBRA THE IMPALER

«Colossal Gods»
(Listenable Records)

Os belgas Cobra the Impaler fazem a sua estreia com este colosso. Sim, este álbum é mesmo um colosso. Em termos sonoros, está na mesma linha de Progressive Sludge Metal dos Mastodon. Não tenho dúvidas de que serão a sua principal influência. Desde o magnífico álbum «Crack the

Skye», de 2009, que não ouvia algo com mestria semelhante, dentro deste estilo. As harmonias de guitarra, umas minimalistas em alternância com outras de força bruta, são combinadas em mudanças repentinas e imprevisíveis de andamento, dando um toque de progressivo, isto através de riffs fluidos com elementos de Thrash e Groove, complementadas com os vocais e a complexidade da bateria. A sua armada sob a liderança do guitarrista Tace DC (ex-Aborted e dos Haester), conta com o experiente baterista Dirk Verbeuren que trabalhou com dezenas de bandas, nomeadamente, Megadeth, Satyricon, Testament, Soilwork, At the Gates e muitas outras, o guitarrista James Falck (pertencente aos Bear), e os vocalistas Manuel Eiremmer (dos Majestic Sun e Von Detta) e Michéle De Feudis. Fiquei agradavelmente impressionado com o som conseguido em todo o álbum, através da complementaridade de todos os elementos, tão consistentes que não encontro nenhum momento menos conseguido. O álbum deve ter o reconhecimento da sua qualidade. É um colosso! Ó Deuses colossais!

[9.0/10] JOAO PAULO MADALENO



CRUSADE OF BARDS

«Tales of the Seven Seas»
(Other)

«Tales of the Seven Seas» é o segundo álbum dos nuestros hermanos Crusade of Bards e, se no primeiro disco nos contaram histórias de bardos e bestas, desta vez navegam pelos sete mares por entre catorze temas onde cruzam symphonic metal com pirate metal em doses quase cinemáticas. A banda Madrilena, formada em 2015, tem no teclista Paolo “The Bard” Andreotti

o seu timoneiro, tanto nas orquestrações, como na escrita das letras, assentes no seu conhecimento e fascínio pela nossa História e Geografia, e a capitã da embarcação é a vocalista Eleanor Tenebre com a sua voz operática que, em vários momentos, me faz lembrar uma jovial Tarja Turunen nos tempos idos do «Century Child» e, não é só a voz que me remete para Nightwish - a posição enfática das teclas também evoca um tanto o espírito de Tuomas Halopainen. Se eu estivesse a escrever esta crítica há 15 anos, diria de imediato que este álbum é muito bom! É bem pesado, tem guitarras fortes, uma voz feminina e masculina que dialogam na perfeição, coros dramáticos, a sua sonoridade é bombástica e os temas, na sua maioria, tão épicos, que dão vontade de me fazer ao mar a bordo da primeira caravela que encontrar pelo caminho. No entanto, hoje, do alto da minha decrepitude, demasiado longo e, por isso, cansativo, mas é-me impossível não destacar o dramatismo de “The Northwest Passage” e “Vento Aureo”; a essência mais power metal de “Lies & Ashes”, com a participação especial de Fabio Lione, e a catchyness de “Dunkirk Privateers” e “The Red Charade” que representam a influência mais pirate à la Alestorm. Considero que se trata de um registo no qual qualquer fã de metal sinfónico quererá “molhar o pezinho” e, por consequência, navegar serenamente.

[7/10] GABRIELA TEIXEIRA



DARKHER

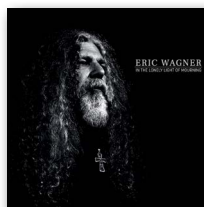
«The Buried Storm»

(Prophecy Records)

Impacientemente aguardado pelos apreciadores de boa música hipnótica e obscura, o segundo álbum do duo Darkher não preenche todas as expectativas. «The Buried Storm» sucede ao portentoso «Realms» mas fica um pouco aquém do impacto gerado pela estreia, e a explicação não podia ser mais simples: os actuais Darkher estão mais polidos e contidos, deixando cair parte da sonoridade mais agreste que se verificava em «Realms» e cujo contraste diante da voz etérea de Jayn e dos ambientes melancólicos funcionava muito bem.

Mantêm qualidade, com certeza, mas perdeu-se aqui qualquer coisa nestes seis anos de hiato, sobretudo no que à força da guitarra diz respeito. O que se lamenta. Tirando este pormenor, as composições são boas, mantendo aquela aura sombria tipicamente Darkher («Fear Not, My King» fecha este «The Buried Storm» com nota alta), elevada graças aos belos arranjos, destacando-se em particular o uso dos violoncelos. «The Buried Storm» é um álbum interessante para os amantes desta sonoridade à la Chelsea Wolfe, mas ganha mais se não for comparado com «Realms», mormente com o punch que caracterizava faixas como «Wars» ou «Moths», pois nada neste segundo disco se lhes assemelha. Tomando «The Buried Storm» isoladamente, o videoclip de avanço «Lowly Weep», as emotivas «Love's Sudden Death» e «Immortals», ou o já citado encerrar de álbum são bons episódios e contribuem para fazer deste um disco recomendável, sem dúvida, embora não obrigatório.

[7,5/10] HELDER MENDES



ERIC WAGNER

«In the Lonely Light of Mourning»

(Cruz del Sur)

Não sou muito de prestar atenção a discos póstumos mas, como sempre, há excepções. Este é um dos casos em que não é possível resistir. Falecido durante 2021 devido à Covid-19, Eric Wagner foi/é um dos nomes mais consensuais do Metal e, principalmente do Doom. Líder durante décadas dos seminais Trouble, de onde saiu em 2008, Wagner sempre pautou a sua conduta de forma subtil, quase como a penumbra que sempre o rodeou, por mérito próprio, diga-se de passagem. «In the Lonely Light of Mourning» não é a despedida de Eric Wagner é, isso sim, a despedida para o público e o culminar de um legado que perdurará durante décadas na memória colectiva. Aqui a música passa (quase) para segundo plano mas, fica a questão, e se...? Rodeado de amigos, quer dos Trouble como The Skull e Blackfinger, «In The Lonely Light...») é a melhor despedida de Wagner, em família, ainda que o mesmo não soubesse? Ou sabia?! Que importa? Façamos uma vénia ao senhor que, mesmo na despedida, faz um disco genialmente tenebroso e obscuro. Obrigado!

[10/10] NUNO C. LOPES



ET MORIEMUR

«Tamashii No Yama»

(Transcending Obscurity Records)

Dos mesmos solos boémias que viram nascer lendas como Master's Hammer e Root, chega-nos este talentoso quinteto fundado em 2008 por ex-membros dos notáveis Silent Stream of Godless Elegy. Quem os conhece sabe que já tinham dado mostras do potencial do seu «doom metal existencial» nos três primeiros discos que gravaram, mas a verdade é que neste novo álbum a formação de Praga parece ter-se reinventado, criando algo ainda mais invulgar sem fugir muito ao essencial da sua assinatura sónica.

Tudo começa com uma soberba peça de piano tocada pelo vocalista Zdenek Nevelík, após a qual somos levados numa emocionante viagem através de paisagens sonoras primorosamente trabalhadas, que flúem graciosamente de uma música para a seguinte, cruzando vários estados de espírito e texturas musicais, por vezes dominadas por espessos riffs debitados em cadencias funerárias, noutras por instrumentos harmoniosos extremamente suaves. No primeiro contacto pode parecer que a extrema beleza das sonoridades e das melodias choca com o tipo desesperado de vocalizações (havendo também partes limpas, faladas ou sussurradas), mas é uma abordagem que acaba por se entranhar.

Como muitos outros grupos do género, os Et Moriémur também incluem na sua música arranjos com instrumentos clássicos, como o violino e o violoncelo, a viola, a harpa, e até uma flauta tradicional japonesa chamada shakuhachi, no entanto fazem-no de forma algo diferente criando uma simbiose perfeita. O resultado final mantém-nos irremediavelmente agarrados durante todos os 40 minutos de um trabalho que constitui, sem sombra de dúvida, um passo fenomenal para esta banda checa.

[9/10] ERNESTO MARTINS



GERALD PETER PROJECT

«Incremental Changes, Pt. 2»
(GRIDMusic)

A par dos Jordan Rudesses, Derek Sherinians e Kevin Moores do mundo há mais um talento dos teclados a ter em conta: o de Gerald Peter. Trata-se de um jovem compositor austríaco que é não só um virtuoso no piano e nos órgãos convencionais, mas também no seaboard, uma espécie de teclado contínuo polivalente (que reproduz todos os sons entre notas discretas) cujas sonoridades

dominam uma boa parte deste «Incremental Changes».

Depois duma Parte 1, publicada em EP de forma algo restrita (só digital) em 2017, surge agora o álbum de continuação, igualmente fiel ao formato instrumental, mas que explora uma vasta gama de estilos e influências que vão muito além da sua base de rock/metal progressivo. Após um prólogo todo a puxar ao cinemático e duma primeira faixa («Enigma», já publicada como tema bónus na Pt.1) que não esconde a inspiração de Dream Theater, o disco entra nos temas mais criativos. «Flow» e «Timeless» são ricos em fantásticas texturas jazzísticas em piano, enquanto que «Submerge» é o número onde as influências neoclássicas mais se evidenciam. Peter faz magia pura no seaboard, mas o que mais cativa no disco é a beleza das malhas de piano (e.g. «Gleam»). Há também elementos de electrónica em «Pulse» e «Transformation», e, nesta última, uma certa vibe de banda sonora. Fundamental também no resultado final é o trabalho prodigioso do baterista Aaron Thier, bem como o registo angelical de Julie Elven, que a vocalista usa como um instrumento, emprestando à música um dimensão emocional extra. O disco termina em grande com o épico «Finale» (que inclui um solo de Jordan Rudess), sugerindo que «Incremental Changes» ainda não acaba aqui. Assim o esperamos.

[9,5/10] ERNESTO MARTINS



HANGMAN'S CHAIR

«A Loner»
(Nuclear Blast)

Vou entrar a pés juntos: já encontrei um dos meus álbuns do ano! Desde que ouvi pela primeira vez «A Loner», os Hangman's Chair não mais saíram da minha playlist e, a cada audição, a minha conexão com a música e a lírica da banda tem aumentado. Estes franceses são uns exploradores do doom, tendo começado em 2005 com uma sonoridade marcadamente mais sludge/stoner

(até com uma pitada de influência grunge) e, com a entrada do vocalista Cédric Toufouti, o rumo foi mudando em direção a um universo desoladamente mais gótico. Oriundos dos banlieues parisiennes, este quarteto firmou a sua identidade na cena francesa retratando temas urbanos, tão duros e pesados quanto o som que praticam, como a adição, a depressão, a solidão ou a morte. Atentem à capa de «A Loner» momentos antes de carregarem no play e garanto-vos que a tristeza, a desilusão, a dor e a dureza que aquele homem curvado sobre si nos transmite vai ser tocada e vai-nos tocar ao longo das 9 faixas do álbum! Musicalmente falando, a banda aposta numa afinação grave da guitarra que lembra TON e num baixo saliente que remete para o imaginário dos The Cure. A voz de Cédric é limpa, envolvente e funde-se na perfeição por entre a melancolia que evoca bandas como Paradise Lost ou Katatonia. Este álbum é muito coeso - o tema de abertura «An Ode to Breakdown» espelha bem o som arrastado e dolorido que nos espera nos próximos 52 min, o instrumental «Pariah and the Plague» é um deambular onírico por entre sombras nocturnas e «Cold & Distant» é bem pesado e tem um refrão que nos prende... Por mim falo: estamos perante uma simbiose de peso e melodia em doses perfeitas!

[9/10] GABRIELA TEIXEIRA



HURONIAN

«As Cold as a Stranger Sunset»
(Gruesome Records)

Numa alusão à glaciação huroniana, a mais antiga de que há registo na Terra, temos o álbum de estreia dos Huronian – «As Cold as a Stranger Sunset» (Tão frio como um estranho pôr do sol). Quando estava a ouvir o álbum pela primeira vez, fiquei de orelhas em bico e, por curiosidade, como é habitual, fui à procura de informações sobre a banda e o álbum. Fiquei surpreso quando

descobri que são italianos. A banda é um trio constituído por membros dos Valgrind e Hateful.

A sua sonoridade parece mais de uma banda escandinava, pelo menos são visíveis influências rudes e brutais do Death Metal sueco e os registos mais melódicos do Black Metal Norueguês, resultando num estilo que se posiciona mais nas trevas do Blackened Death Metal. A vertiginosa e brutal bateria do Marcello Malagoli que não nos deixa respirar, é o suporte das vocalizações sofridas do Daniele Lupidi e dos riffs melódicos e ritmados do Umberto Poncina. Um álbum de audição obrigatória.

[7,5/10] JOAO PAULO MADALENO



KHAZAD-DÛM

«Hymns From the Deep»

(Avantgarde Music)

Não se tratando exactamente de um lançamento novo e sim do relançamento em vinil, pela Avantgarde Music, do álbum de estreia originalmente saído em 2020, «Hymns From the Deep» merece, ainda assim, menção, sobretudo para os apreciadores de funeral doom. Já se sabe que a fórmula deste género não admite grandes inovações: instrumentalmente este duo britânico não

anda longe de outro conjunto very british, os Esoteric.

A grande diferença está mesmo na inspiração lírica. Enquanto que a maior parte das bandas deste subgénero trata de temas como a morte, o nihilismo, o sofrimento e outros que tais, os Khazad-dûm, como de resto o nome e a ilustração da capa indicam, viram-se para assuntos tolkenianos que poderiam perfeitamente caber num colectivo de power metal, o que até lhes empresta um certo carácter “épico” que é raro encontrar no funeral doom.

À excepção desses pormenores, os Khazad-dûm colocam neste álbum toda a cartilha do estilo, a saber, músicas a rondar ou a ultrapassar os 10 minutos de duração (tirando o interlúdio “Mountainous Structures”...), riffs pesados e arrastados, vozes guturais e a ocasional guitarra solo a entregar melodia quando é necessária. O resultado final acaba por ser muito interessante e bem feito (de realce a prestação de Daniel Scrivener, o “faz-tudo” dos Khazad-dûm, que só não assina a voz cavernosa), motivando aquilo a que se aludiu atrás: os fãs do género que deixaram passar o lançamento original de «Hymns From the Deep» não deverão agora desaproveitar a oportunidade.

[8/10] HELDER MENDES



LAST PISS BEFORE DEATH

«LPBD»

(Raging Planet)

O disco de estreia destes lisboetas era um dos mais aguardados na nossa redação. Ao longo do tempo, e conforme íamos recebendo a informação, ia aumentando, também, a expectativa em torno de uma banda que foi cimentando o seu percurso pelas sombras da realidade. Com o desvendar dos primeiros singles, «Out of Luck» e «Tear Down the Walls» ficámos com a certeza

que vinha uma bomba a caminho.

A forma como o quarteto incorpora as suas influências Thrash com algo que os pode aproxima de um Death Metal mansinho é eficaz e, em alguns momentos faz lembrar os saudosos Pantera. Edgar Alves revela-se um contador de histórias exímio, essas mesmas histórias que são tudo menos imaginárias, como no caso de “Portugal”. «LPBD» é um disco com ideias assentes numa realidade, infelizmente, quotidiana e que teimamos, muitas vezes, em desviar o olhar, mas a banda não faz isso e prefere encarar os males de frente, sem medo de esmiúçar e amordçar esses males sem qualquer perdão. O quarteto está atento e, escutando estes 11 temas, ficamos com a certeza que a banda não está para brincadeira e está pronta para as batalhas. A espera valeu a pena. Sejam bem vindos à realidade que não querem assumir.

[7,5/10] NUNO C. LOPES



LUCIFER

«IV»

(Century Media)

Entre 2015 e 2022 os Lucifer lançaram 4 álbuns, contudo este é o meu primeiro contacto com a banda da germânica Johanna Sadonis e do marido - o sueco Nicke Andersson. Este grupo abre-nos um portal directo para os anos 70, com a sua sonoridade que cruza o proto metal com blues e doom, que irá agradar tanto a fãs de heavy metal, hard rock como de stoner. A figura

central da banda é a estonteante Johanna, cuja beleza física e vocal rivalizam, e a sua espiritualidade é crucial para o desenvolvimento da sua criatividade musical na medida em que a vocalista/letrista se debruça sobre o imaginário oculto e macabro. A sua voz, que me remete para a Stevie Nicks e as manas Wilson, é hipnótica, impregnada com uma witchy vibe que envolve todo o disco num fino manto de sensualidade. Em termos de produção, os instrumentos “respiram” livremente - podemos sentir a proeminência da bateria, a clareza do baixo, a guitarra lommiana e os teclados “ritualísticos” que compõem onze temas de rock “dançável” onde imperam riffs pesados e cativantes e de onde destaque “Bring Me His Head”, “Crucifix (I Burn For You)” ou “Louise” pelos refrões que se prendem à memória dias a fio; “Mausoleum”, de onde sobressai um teclado tenebroso e “Cold As a Tombstone” que é o tema marcadamente mais doom do álbum. Em termos gerais, a influência Sabbathiana no som da banda é clamorosa e, não me engano muito se disser que o sr. Iommi & Cia. estarão muito orgulhosos destes “afilhados”. No meu caso, foi uma ótima surpresa ter descoberto este feeling tão retro dos Lucifer e o próximo passo é lógico - ouvir a restante discografia!

[8/10] GABRIELA TEIXEIRA



MASTER BOOT RECORD

«Personal Computer»
(Metal Blade)

O mestre Italiano do Metal Electrónico, o compositor Victor Love está de volta com mais um excelente álbum de metal feito com recurso aos sintetizadores digitais, orquestrando sublimes pedaços de música digitais, num som único e distintivo no universo do Metal, abraçando desta forma a temática dos famosos PCs – Personal Computer - que marcaram os anos 80-90, apresentando cada música do álbum com a referência de um processador Intel da gama x86, começando no 8086 e indo até ao Pentium Pro (80686), trazendo desta forma para o século XXI a nomenclatura dos antigos PCs que há muito se perdeu do vernáculo informático. É difícil dar uma lógica à música de MDR, a não ser descrevendo-a como uma frenética e ordenada colisão de uma orgiástica música pixelizada. A influência da música dos retro-jogos continua bem presente na sua veia musical, agora aprimorada com o upgrade de software utilizado que permitiu refazer a biblioteca de guitarra e baixo sintetizada, tal como a bateria que tem um impacto global no resultado final. A modernização do software é o que diferencia «Personal Computer» de qualquer outro trabalho anterior de MDR. Um dos aspectos importantes deste artista, é que nada é gravado em estúdio. Tudo é feito no seu estúdio em casa e as sessões de composição são feitas em directo no seu canal de YouTube (Master Boot Record), onde podemos ver o mestre a trabalhar e as obras musicais a ganharem forma. Único!

[9.5/10] CARLOS FILIPE

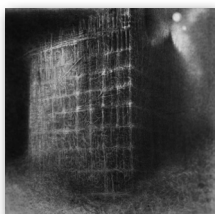


PANZERFAUST

«The Suns of Perdition - Chapter III: The Astral Drain»
(Eisenwald)

Neste terceiro tomo da ambiciosa tetralogia que os canadianos Panzerfaust iniciaram em 2019, a temática continua centrada na visão pessimista da queda da humanidade numa realidade hedionda de terror e desgosto que os rebuscados textos do vocalista Brock “Kaiser” Van Dijk tentam veicular, desta vez servindo-se de referências às mitologias gregas e bíblicas e às obras de Dostoyevsky. Musicalmente, se o capítulo 2, «Render unto Eden», já tinha ficado marcado por mais segmentos lentos e sombrios e uma redução acentuada nas tiradas black metal características do capítulo 1, «War, Horrid War», este terceiro volume segue a mesma tendência, expandindo-se ainda mais para o lado dos andamentos arrastados e das atmosferas doomy. Exceptuando o tema “The far bank at the river Styx” – talvez o momento alto do disco – e a rajada pontual na conclusão de “Bonfire of the insanities”, tudo o resto aqui segue numa toada desolada, em padrões rítmicos simples e repetitivos, envoltos numa complexa textura de arranjos negros e uma intensidade que é elevada a níveis aterradores pelo duplo ataque vocal diabolicamente áspero de Goliath (Tom Remigio) e ameaçadoramente cavernoso de “Kaiser”. Pode dizer-se que «The Astral Drain» define, ainda com mais clareza, uma visão sónica muito pessoal de uma banda que nunca se limitou a convenções de estilo. Mas infelizmente isso não chega para criar um trabalho interessante quando a música se arrasta preguiçosamente, sem grande variedade e com nada que se pareça com os momentos impressionantes que ouvimos no capítulo 2 (e.g. “Faustian pact” e “The Snare of the fowler”). Resta-nos esperar que a futura conclusão desta saga compense este capítulo menos bom.

[6.5/10] ERNESTO MARTINS



QAALM

«Resilience & Despair»
(Trepanation Recordings/Hypaethral Records)

Sem apresentar nada de verdadeiramente revolucionário no domínio em que se insere – o doom metal – a música dos Qaalm tem aquele raro condão de nos transportar sem compaixão até ao lado mais sombrio e frágil da condição humana.

É, talvez, uma faculdade exclusiva deste sub-género que o quinteto de Los Angeles começou a desenvolver em 2017 sob a batuta do guitarrista e vocalista Henry Derek Elis (dos Act of Defiance) e do vocalista Pete Majors (dos Harassor). O resultado surge plasmado neste álbum de estreia, uma jornada de 70 minutos em quatro longos temas, que principia relativamente fiel aos pergaminhos do doom mais funerário, revelando para o final a faceta mais criativa da banda.

Usando a típica alternância entre registos limpos e cavernosos (à lá Swallow the Sun) e aquela irresistível linha melódica de guitarra que nos quebra o coração, a faixa de abertura “Reflections doubt” tem tudo para agarrar o ouvinte à primeira audição. “Existence asunder” é o ponto alto do disco. Começa numa atmosfera da mais absoluta desolação e segue em toada trágica, com vocalizações a roçar os estertores do desespero, arrastando-se mais e mais lentamente como que a acompanhar os derradeiros suspiros do moribundo. Arrepiante. Os riffs atreadores iniciais de “Cosmic descent” remetem inequivocamente para My Dying Bride mas depois o tema diverge para espaços sónicos distintos fazendo uso de dissonância e elementos de sludge e post-rock, algo que se torna ainda mais notório na última faixa “Lurking death”.

Com uma impressionante arte de capa que reflecte na perfeição a qualidade sombria da música, «Resilience & Despair» reduz as cruéis incertezas da vida à miséria dum final feio e inexorável. É tudo o que os fãs de doom apreciam.

[8/10] GABRIELA TEIXEIRA



SEPULCHRAL

«From Beyond the Burial Mound»

(Season of Mist)

Os bascos Sepulchral devem gostar muito de death metal. «From Beyond the Burial Mound», o disco de estreia, revisita este género musical sobretudo na sua encarnação europeia: até as guitarras soam como soavam os primeiros trabalhos de Entombed ou Dismember, para citar apenas dois conjuntos clássicos da sonoridade de Estocolmo. Acresce dizer que a homenagem prestada em «From Beyond the Burial Mound» funciona verdadeiramente, estando o trio Gaueko, Gorka e Dusk de parabéns pela qualidade mostrada nestes 40 minutos, onde a bateria impiedosa (embora por vezes repetitiva) de Gorka e as vocalizações ríspidas (e igualmente repetitivas) de Gaueko acompanham muito bem o já referido tom das guitarras à bela maneira old school. «Coffin Miasma», «Harbour of Drifting Souls», «Tombstone Thrower» e o seu final calmo ao piano (esgar de espanto!), bem como a cover para «Blood Freak» dos Necrophagia, são alguns destaques num álbum positivo e que se espera ser apenas o início de algo definitivamente para ficar. Descontando-se alguns riffs mais básicos e a sensação de que poderia haver mais variedade, os Sepulchral são rápidos, pesados e fustigadores, por vezes quase a roçar o punk/crust, carregando assim nos botões certos. Os apreciadores de death metal podem pôr sem medo os seus ouvidos neste «From Beyond the Burial Mound», pois apesar das suas limitações não deixa de ser um apetecível presente oferecido pelo underground do País Basco.

[7,5/10] HELDER MENDES



THE SPIRIT

«Of Clarity and Galactic Structures»

(AOP Records)

A maneira como o novo álbum dos The Spirit se embrenha na grande questão da insignificância cósmica da humanidade lembra de imediato a célebre citação de Richard Dawkins, que escreveu algures «O universo tem precisamente as propriedades que devemos esperar se não há desígnio, nem propósito, nem mal nem bem: nada, além da mais cega das indiferenças». Mas por maior que seja o interesse da matéria lírica, há muito mais para admirar neste «Of Clarity and Galactic Structures» que se pauta pelo mais soberbo black/death metal progressivo que ouvi nos últimos tempos. É certo que «Cosmic Terror», o álbum de 2020 desta jovem banda liderada por Matthias Trautes (guitarra/voz), já continha inclinações prog que despontavam no seio das evidentes influências de Dissection e Dawn. No entanto, e embora se mantenha fiel à típica sonoridade black/death sueca que a banda abraçou desde o primeiro dia – complementada pelo crocitar de Trautes, que soa como um cruzamento entre Abbath e Satyr – a composição deste novo opus rege-se agora por uma visão musical mais ampla. Isso é desde logo audível nas texturas envolvidas que se sucedem às rajadas iniciais do tema-título, bem como nas selvagens mudanças de ritmo impostas pela bateria cirúrgica de Manuel Steitz em «The climax of dejection». Mas é sobretudo na segunda metade do disco que a banda abandona a sua zona de conforto, lançando-se com ousadia em padrões inesperados e construções exuberantes, tudo isto interligado por transições suaves, com grandes resultados, por exemplo, em «Timbre of infinity», «Arcane wanderer» ou no instrumental «Laniakea». Um álbum que coloca os The Spirit num nível totalmente novo.

[8/10] ERNESTO MARTINS



THERION

«Beyond Sanctorum» / «Symphony Masses: Ho Drakon Ho Megas» / «Lepaca Kliffoth»
(Hammerheart Records)

Amplamente reverenciados pelo seu estilo único de metal sinfónico, os Therion têm raízes em expressões de metal bem mais extremas. O álbum de estreia, «Of Darkness...», publicado em 1991, é uma bujarda de death metal ao estilo sueco, bem na veia de outros lançamentos da época. No entanto, nos cinco anos seguintes, a mente criativa de Christofer Johnsson operou uma metamorfose gradual na música da banda que culminaria no inovador «Theli», o primeiro de uma longa série de discos onde Johnsson iria explorar até à exaustão a abordagem extravagante pela qual a banda é hoje famosa. Essa mutação inicial e progressiva no estilo dos Therion ficou bem documentada nos três álbuns «Beyond Sanctorum», «Symphony Masses: Ho Drakon Ho Megas» e «Lepaca Kliffoth», todos eles agora reeditados em versões remasterizadas, proporcionando aos fãs mais curiosos uma nova oportunidade para ver à lupa o processo de transformação da banda no período 1991-96.

O primeiro destes três discos, «Beyond Sanctorum» (1992), foi gravado com 3/4 da primeira formação da banda,



exibindo ainda o som inconfundível do death sueco, embora acrescente construções thrash e doom e uma composição pouco ortodoxa para a época. “Symphony of the dead” é o típico tema de heavy metal dos anos 80 com teclados proeminentes e um contributo de vozes femininas. Os 11 minutos de “The way” também já se distanciam muito das raízes extremas da banda, entrando em territórios do prog e experimental, enquanto “Paths” constitui já a primeira instância do uso de coros, tresandando a influências de Paradise Lost da era «Gothic». É também aqui que surgem as primeiras letras sobre temas esotéricos, que decorrem, em grande parte, da afiliação de Johnsson com a ordem mágica Dragon Rouge, baseada em Estocolmo.

O trabalho seguinte, «Symphony Masses...» (1993), é uma besta completamente diferente. Os andamentos são consideravelmente reduzidos e a música, construída sobre uma base de riffs melódicos, emana uma atmosfera oriental claramente manifesta nas escalas típicas das Arábias usadas em “The ritual dance of the Yezidis” ou na aura mística das linhas de guitarra de “Procreation of eternity”. Não é claro se estas novidades decorrem do novo line-up que gravou o disco, mas o que é certo é que aquela vibe do heavy metal tradicional – às vezes ao estilo Iron Maiden – continua inalterada, afirmando-se como parte integrante da assinatura sónica dos Therion.

Ao mesmo tempo, a omnipresente influência dos Celtic Frost aparece agora ainda mais descarada, a ponto de nos fazer recuar até ao clássico “Oriental masquerade”, de 1987, nomeadamente no tema “Symphonii drakonis inferni”. Digno de nota é também “Ho dracon ho megas, Acts 1 and 2”, cujas estranhas melodias de teclado, batidas ritualistas e coros fecham o álbum num tom apropriadamente dramático.

De um álbum para o seguinte as alusões ocultistas das letras ganham uma complexidade crescente, chegando mesmo a incluir vocabulário cerimonial da ordem Dragon Rouge. A ligação com a referida organização esotérica torna-se explícita no quarto álbum, «Lepaca Kliffoth» (1995), ao incluir letras da autoria de Thomas Karlsson, o fundador e principal guru da ordem Dragon Rouge. Sendo o primeiro lançamento pela Nuclear Blast, este é, musicalmente falando, o álbum mais consistente e bem produzido dos três.

O death metal é já coisa do passado, e toda a música é agora complementada com mais teclados e uma boa quantidade de arranjos sinfónicos. Ainda assim este é um álbum extremamente sombrio, contendo vários momentos galvanizantes como a abertura “The wings of the hydra”, a hipnótica e vanguardista faixa-título e a impressionante “Riders of Theli”.

Dois outros temas de destaque incluem a inestimável contribuição dos solistas de ópera convidados Hans Gröning (barítono) e Claudia Maria Mokri (soprano): “The beauty in black”, que encaixaria perfeitamente no intemporal «Into the Pandemonium» dos Celtic Frost, e “Evocation of Vovin” que antecipa o modelo sinfónico/operático que serviria de base ao álbum «Theli», e que Christofer Johnsson desenvolveria seguidamente com os Therion. E o resto é história recente. Como todas as reedições anteriores de «Lepaca Kliffoth», esta inclui também as habituais duas faixas bónus: “Enter the voids”, anteriormente disponível apenas na versão em vinil, e “The veil of golden spheres”, lançada num MCD anterior. «Beyond Sanctorum» inclui “Tyrants of the damned” como bónus e, dos três, é o disco onde a remasterização mais beneficiou a gravação original.

[7/10], [7.5/10] E [8.5/10] ERNESTO MARTINS



TÓMARÚM

«Ash in Realms of Stone Icons»
(Prosthetic Records)

Tómarúm – vem do islandês e significa vácuo e, segundo a banda, traduz o vazio mental criado por uma dor emocional extrema. Em 2020, este duo estadunidense de Atlanta, fez a sua estreia com o EP «Wounds Ever Expanding». Recentemente, lançaram este álbum, o primeiro de originais que conta com mais 5 músicos convidados. São sessenta minutos de Black Metal (puro e duro),

com sete faixas de apontamentos progressivos e minimalistas, explorando outros estilos de uma forma surpreendente e inesperada. Todos os instrumentos têm oportunidade de serem ouvidos com nitidez e mostrarem a sua técnica e magia, principalmente, nos solos de guitarra de Kyle Walburn e Brandon Iacovella. “Introspection I” – é uma faixa instrumental que abre com um dedilhado acústico e, depois, surgem os restantes instrumentos, evoluindo em harmonias à volta da harmonia principal até se fundirem no fabuloso “Condemned to a Life of Grief”, onde podemos obter indícios do que vem a seguir. Isto é consolidado em “In the Empty Space”. A meio do álbum há uma nova introspecção instrumental, “Introspection II”, para depois sermos “agredidos” em crescendo pelas últimas três faixas de tirar a respiração: “Where no Warmth is Found”, “As Black Forms From Grey” e “Awake into Eternal Slumber”. De referir que a última faixa é a mais longa – mais de quinze minutos de duração.

[8.5/10] JOAO PAULO MADALENO



TRÄUMEN VON AURORA

«Luna»

(Trollzorn Records)

Depois dum período de quase dez anos sem lançar nenhum disco dir-se-ia que os Träumen Von Aurora regressaram para se vingar, publicando agora dois álbuns de originais duma assentada. «Luna» e «Aurora» (ver crítica a seguir) reúnem material que a banda alemã foi compondo depois do lançamento de «Rekonvaleszenz», de 2013, mas que nunca chegou a levar a estúdio devido a constantes problemas de line-up. O longo hiato que separa estes dois discos do anterior não

se traduz, musicalmente, em alterações dramáticas na abordagem muito própria de post-black metal que já lhes conhecíamos, o que é particularmente evidente no caso de «Luna», que denota, contudo, um notório enriquecimento das composições com mais elementos progressivos. A animada abertura “nicht alle dunkelheit der welt...” é disso um bom exemplo, revelando também a extraordinária musicalidade da banda. «Luna» é, no entanto, um disco frio e introspectivo. “luna II” e “sturmgeweiht” são os números mais abrasivos, destacando-se pelos apelativos riffs em tremolo e pelo grande dinamismo rítmico, enquanto que o emotivo “etwas” contém talvez a melhor exibição do guitarrista Marek Paperkorn. O estilo extravagante da banda tem o seu quê de originalidade, embora soe por vezes algo desvairado. A voz de Patrick Wunsch, único membro da primeira formação, alterna entre a aspereza do black metal e vários tipos de registos limpos, frequentemente sussurrados, dando por vezes a impressão de um diálogo. Os 11 minutos de “stille, mehr stille” incluem muito – talvez demasiado – deste tipo de artifício teatral, o que torna o tema um pouco difícil. E o facto da banda se exprimir exclusivamente no seu alemão nativo – de fonética já de si pouco musical – também não ajuda.

[7.5/10] ERNESTO MARTINS



TRÄUMEN VON AURORA

«Aurora»

(Trollzorn Records)

Publicado em simultâneo com «Luna», «Aurora» é apresentado como um trabalho complementar. Se o primeiro representa o yin, o segundo é o yang. Se o primeiro é invernososo, o segundo é todo ele primaveril e morno. Mas há uma ligação evidente, conceptual e sónica, entre «Luna» e «Aurora», razão porque não se percebe qual o motivo de publicar dois discos em separado

quando um só álbum (em duplo CD) pareceria fazer mais sentido. Musicalmente, «Aurora» é um trabalho de post-black metal progressivo, não só mais acessível mas também mais conseguido em todos os aspectos. As linhas vocais seguem o mesmo modelo multi-modal usado em «Luna» mas aqui parecem integrar-se melhor na música. Esta, por sua vez, parece ter sempre motivos para nos agarrar a atenção, deslumbrando logo em “aurora I”, o inspirador instrumental que abre o disco. Os cinco temas que se seguem são um cativante festival de malhas percussivas (cortesia de Alexander Häger, que também gravou o baixo), texturas coloridas de teclados (das mãos de Matthias Schäfers dos Liquid Resistance) e inventivos fraseados de guitarra que garantem a fluência de «Aurora» ao longo de todos os 45 minutos da sua duração. A avaliar pelas referências vagamente remissivas de Alcest que sobressaem das melodias estimulantes de “aurora II” e das alusões a Agalloch que ressaltam da atmosfera naturista de “epiphanie”, pode dizer-se que a banda germânica optou aqui por composições em terreno um pouco mais familiar, mas isso em nada subtrai ao mérito global do disco. Finalmente, é impossível terminar sem mencionar “... kann eines lichten flackern trüben”, o instrumental de 15 minutos que conclui «Aurora». Uma delícia. Se não tiverem tempo para mais, pelo menos ouçam esta peça encantadora!

[8.5/10] ERNESTO MARTINS



TROOPS OF DOOM

«Antichrist Reborn»

(Alma Mater Records)

Depois de um par de EPs lançados entre 2020 e 2021, o quarteto brasileiro estreia-se em formato longa-duração e com selo da Alma Mater Records, de Fernando Ribeiro. Vamos, por momentos, retirar da cabeça o curriculum dos integrantes deste exército. Vamos, por momentos esquecer todas as comparações entre o artwork de «Antichrist Reborn» e «Bestial Devastation» (Sepultura)

e vamos, isso sim, focar no que é importante: «Antichrist Reborn» é uma bujarda. É um daqueles discos irrequietos e que, ainda por cima foi produzido pelo guru Peter Tägtren, e conta ainda com as participações de João Gordo (Ratos de Porão), Alex Camargo e Moyses Kolesme (ambos de Krisiun). Acima de tudo, assim que «Dethroned Messiah» começa a rolar, não há volta a dar e as trevas estão mesmo ali, à mão de semear. «Antichrist Reborn» é um disco de Metal Brasileiro como há muito não se ouvia e, convenhamos, a banda está pronta para arrasar com os habitantes deste mundo sonâmbulo e moribundo. Ao disco de estreia o quarteto coloca em prática todos os ensinamentos do passado e destila, sem dó nem piedade, um conjunto de temas com qualidade e frescura (sem que para isso reinventem a roda!) suficientes para ser um dos grandes discos do ano... e tem selo nacional! E sim, Jair Tomentor

(ex-Sepultura) está na banda, como está Marcelo Vasco (Pátria, Mystery) está na banda, Alex Kafer (Enterro, Explicit Hate) está na banda e Alexandre Oliveira (Southern Black List) está na banda. Mas, nem sempre um percurso é sinónimo de qualidade, contudo, aqui não é o caso!

[9/10] NUNO C. LOPES



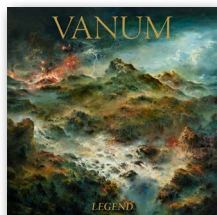
VERIKALPA

«Tunturihauta»

(Scarlet Records)

Pessoal, peguem numa caneca de cerveja em cada mão que isto não é música para curtir sóbrio! Para quem nunca ouviu Verikalpa eu dou uma ajudinha - imaginem um cruzamento entre o espírito pândego dos Korpiklaani e a agressividade dos Children of Bodom que dá origem a uns Finntroll mais galhofeiros. Analisemos a capa: um zombie e um zombie viking a saírem das suas tocas em direcção a uma caneca de cerveja no meio da neve. Isto só pode prometer!! Estes meninos são oriundos da Finlândia e cantam com a pronúncia marcada da sua cidade natal - Oulu, o que pessoalmente me agrada muito, e «Tunturihauta» é o seu terceiro registo onde death, black e folk metal se combinam ao longo de 11 temas que são impossíveis de ouvir sem darmos por nós a fazer headbang, ou no meu caso, coreografias reprováveis. As temáticas são expectáveis - folclore pagão, batalhas, paisagens montanhosas gélidas e, claro, o néctar de cevada - e a música também é expectavelmente repleta de uns quantos berros do vocalista Jani Ikonen, uns bons blast beats do baterista Jari Huttunen e de umas guitarras bem pesada e agressivas, mas a “cereja” no topo da espuma da cerveja é o tom de acordeon dos teclados de Jussi Sauvola que lhe confere uma dimensão festiva, convidativa ao bailarico. Não posso dizer que haja algo de novo neste álbum - para mim os temas mais orelhudos são os 5 primeiros, especialmente a abertura “Verikauha”, “Riitti” e “Raivokansa” - no entanto, é seguramente um registo agradável aos ouvidos dos fãs do estilo e acredito que ao vivo, a banda será muito fixe para ver com uma fresquinha na mão.

[7/10] GABRIELA TEIXEIRA



VANUM

«Legend»

(Eisenwald)

Os ritmos triunfantes que se fazem ouvir nos primeiros minutos de “Adversary” podem levar a supor que estamos perante uma imitação de Bathory da era «Blood Fire Death», mas essa ideia desaparece rapidamente assim que a malha de riffs de «Legend» se desenrola. Não restam dúvidas de que o legado sónico de Quorthon corre nas veias dos Vanum, mas este novo álbum tem também traços da fúria épica de uns Drudkh assim como ocasionais invocações da sensibilidade melancólica dos compatriotas Agalloch. Mais do que tudo, é um salto qualitativo considerável para o quarteto de Brooklyn em termos de acuidade de composição, quando comparado com o rude «Ageless Fire», de 2019. Aspectos claros duma abordagem mais refinada podem ser detectados em todos os cinco temas em oferta, sendo o principal deles o trabalho quase omnipresente de guitarra de Kyle Morgan e Nathan Aguilar, que acaba por ser o centro das atenções da música, brilhando com uma musicalidade transbordante de emoção e emanando, ora uma vibração pagan/folk, ora uma sensação de heavy metal clássico. Os momentos atmosféricos e as partes a meio tempo que surgem entre as rajadas frequentes de riffs são muito mais criativos e atraentes do que exercícios comparáveis registados em discos anteriores. “Frozen in vile illumination”, com toda a sua agressividade melódica e teclados subtis, é provavelmente o clímax criativo do disco, enquanto “Beneath the pillars of earth and air”, com o seu início doomy e epílogo atmosférico bem elaborado, parece querer espriar-se por territórios sónicos inexplorados. Apesar da bateria algo seca e dos vocais levemente irritantes, «Legend» recomenda-se especialmente a fãs de black metal dinâmico e com aspirações heróicas.

[7.5/10] ERNESTO MARTINS



VOIVOD

«Synchro Anarchy»

(Century Media)

São poucas as bandas com o trajecto destes canadianos que se formaram há quatro décadas e que, com altos e baixos, sempre se mantiveram como uma das mais influentes bandas do Rock/Metal. Aliás, é conhecida a devoção de músicos como Mike Patton ou Dave Grohl à musica deste Senhores. Mas, o melhor de tudo isto é que o quarteto não deixa que esse reconhecimento lhes suba à cabeça e o que a banda tem feito é exactamente o que está em escuta neste seu mais recente lançamento. «Synchro Anarchy» vem no seguimento de «The Wake» (2018) e é mais um exemplo de que a banda não tem limites na composição e incrementa doses industriais de esquizofrenia épica em simultâneo com espasmos de demência estruturados na imensidão do Rock e da psique humana. Não há barreiras ou fronteiras capazes de parar Snake e companhia. Muito mais que Rock ou Metal ou o que seja, os Voivod são uma experiência auditiva e uma viagem

supersónica por medos, esperanças, solidão, devoção a que ninguém conseguirá ficar indiferente. A partir do momento que “Paranormalium” começa a tocar a viagem começa e não há retorno possível. A fórmula é a mesma de sempre...não há fórmula! Esse é o maior segredo dos canadianos e é o segredo da sua longevidade. Assim, «Synchro Anarchy» é um disco que vem mostrar a grande forma em que a banda se encontra e é mais um exercício de quem sabe que o caminho se faz para a frente. É um disco tenebroso tal como os dias em que vivemos, mas ninguém melhor que os Voivod para nos mostrar a saída. Obrigatório!

[9/10] NUNO C. LOPES



VORPID

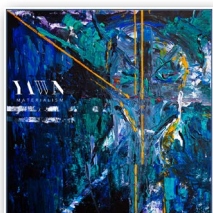
«A Swan by the Edge of Mandala»

(Indie Recordings)

É caso para dizer: quem os viu e quem os vê. Em apenas seis anos e dois registos de estúdio, os noruegueses Vorphid passaram de thrashers revivalistas, deslumbrados com os grandes discos do género de finais dos 80s, para entusiastas ferrenhos de metal progressivo puro e duro. É verdade que o álbum anterior, «Mind», já acusava fortes tendências prog, mas nem o ambicioso épico

de 23 minutos que conclui esse disco de 2018 faria prever um afastamento tão determinado do thrash incisivo que a banda abraçou inicialmente. Desse estilo inaugural restam os característicos espasmos rítmicos e riffs acutilantes, que surgem, neste segundo álbum, em composições de abordagem radicalmente diferente, que remete, desta vez, para territórios sónicos que vão desde Threshold e Dream Theater até Opeth. «A Swan by the Edge of Mandala» é mesmo progressivo a esse nível em todos os 60 minutos da sua duração, e a verdade é que esta jovem formação parece ter um talento natural para criar aquelas fantásticas texturas sofisticadas tão típicas do género, mantendo sempre um bom sentido de melodia e musicalidade. “Ex-Ante”, “Paradigm” e “Self” são os melhores exemplos disso. A maior ousadia do prog criou oportunidade para demonstrações inusitadas de virtuosismo fino em Marcus Gullovsen (bateria), Daniel Emanuelsen (guitarra) e também no baixista convidado Stian Gundersen (dos Blood Red Throne), o que é sempre uma mais valia. Maior novidade são os refrões apelativos protagonizados pela voz limpa de Emanuelsen, a alternar com o registo abrasivo de Michael Briggs (muito remanescente de Chuck Schuldiner), numa partilha bem equilibrada que contribui decisivamente para o sucesso do resultado final.

[8,5/10] ERNESTO MARTINS



YAWN

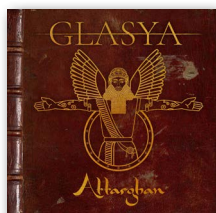
«Materialism»

(Mindsweeper Records)

Há sempre algo de fascinante na descoberta de abordagens radicalmente diferentes que se borrifam à grande para todas as regras e convenções musicais. É certo que muitas dessas apostas mais arrojadas acabam, infelizmente, por transpor a fronteira do que é humanamente audível, deixando para trás pouco mais do que uma sensação de desapontamento em quem

procura música mais aventureira. Mas não é esse o caso dos Yawn, que com este álbum de estreia assinam um dos mais intrigantes lançamentos de 2022. Intrigante porque, apesar de caótico e experimental até à medula, «Materialism» é um disco que consegue prender a atenção. O que é só por si um feito extraordinário num trabalho instrumental feito duma amalgama de ritmos anacrónicos e aparentemente fora de tempo, riffs industriais contundentes e efeitos electrónicos psicóticos que desorientam no início mas que acabam por seduzir. Em quatro temas de 8 a 10 minutos de duração (cada um dividido em várias sub-faixas), o quinteto norueguês congrega aqui, com originalidade q.b., poderosos riffs sincopados à lá Meshuggah uma fantástica exibição de guitarra em linhas esotéricas ao estilo de Frederik Thordendal, rendilhados improvisados de bateria de inspiração jazz e uma complexa e quase permanente malha de sintetizadores que ora criam tensão, dramatismo ou apenas uma atmosfera fria e desoladora remanescente dos saudosos The Axis of Perdition. Dito assim parece uma mistura estranha e invulgar, mas no fim todas as peças do puzzle se ajustam na perfeição – mesmo aquela sonoridade brutal produzida nas cordas do baixo pela agressão violenta duma chave de fendas. Em suma, uma primeira experiência interessante e promissora que nos deixa com expectativas altas para um próximo trabalho.

[8/10] ERNESTO MARTINS



GLASYA

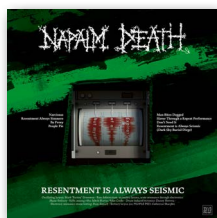
«Attarghan»

(Scarlett Records)

Quem já conhece os NightDream – banda tributo aos Nightwish – não ficará nada surpreendido com os Glasya e o seu metal sinfónico, pois os mentores de ambos projectos são os mesmos intervenientes, a destacar imediatamente a presença da estrondosa soprano Eduarda Soeiro. Os Glasya não trazem nada de novo ao panorama, i.e., apresentam um metal sinfónico bombástico (Nightwish) e grandiosamente épico (Epica) com um sabor bem mediterrâneo (Orphaned Land), mas, conseguem

apresentar-se com uma frescura e pujança tal que constituem um dos nomes nacional e internacional mais fortes do género e a ter em conta. Dizendo melhor, com «Atharghan», os Glasya fazem o que os Nightwish e principalmente os Epica, deviam fazer hoje. Isto é o que faziam nos seus inícios de carreira, álbuns simplesmente bombásticos e repletos de hinos, e não o que fazem hoje, a produção de trabalhos bem compostos e executados com alto nível profissional, mas com um som, ambiente e textura demasiado asséptica, sem alma, sendo os Glasya o contraponto séptico desta música. Comparações à parte, os Glasya são os nossos Epica e Nightwish juntos no mesmo caldeirão sinfónico. «Atharghan» é o segundo trabalho da banda Lisboaeta e um grande passo em frente da estreia de 2019, «Heaven's Demise», lançando aqui um conjunto de músicas mais coerentes à volta da temática do império Pérsia, muito catchy e com uma componente sinfónica bem presente e com a performance da Eduarda Soeiro ao nível das vocalistas das bandas supracitadas, não ficando nada atrás, bem pelo contrário, raptando por completo com o seu desempenho a música, tal como Tarja Turunen o fazia nos Nightwish. A única ressalva de «Atharghan» é a vasta utilização da voz off para contar a sua história que quebra por vezes a ligação entre as músicas. E estas são todas divinas, revelando todo o trabalho de composição e arranjos. Um verdadeiro antro de futuros hinos da banda, daqueles que passaram 20 anos ainda tocarão ao vivo.

[10/10] CARLOS FILIPE



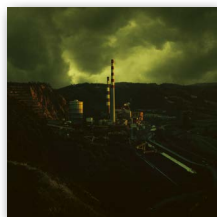
NAPALM DEATH

«Resentment is Always Seismic - a final throw of Throes»
(Century Media)

Somos uns privilegiados. Os Napalm Death assim o ditam, com a disponibilização de mais um jorro de criatividade ímpar, sobre a forma de edição discográfica. Os seguidores deste histórico nome poderão ainda estar a refazer os ouvidos, depois de terem recebido a excelente obra que é «Throes Of Joy In The Jaws Of Defeatism» (2020), mas podem contar já com mais meia hora de desassossego registada neste «Resentment is Always Seismic - a final throw of Throes». Apesar

do facto de que o que aqui se ouve serem as “gorduras” do «Throes Of Joy...», não significa isso em momento algum que a inspiração ou a qualidade seja inferior. Aliás, não estranhem se sentirem as vossas fundações abaladas, dada a diversidade de tipos de brutalidade encontrados nestes 8 temas. Parecem mesmo ir um pouco aos 4 cantos da sua criatividade. Barney Greenway já o disse por várias vezes, a música extrema não tem que ser só rapidez e sonoridade grave. É possível ser extremo de forma lenta, explorando a sonoridade e recorrendo às palavras certas. Neste mini-álbum temos um pouco disso tudo e embora a velocidade saia a ganhar, há também espaço para o experimentalismo, o qual está aqui representado pela versão remix do tema-título. As homenagens marcam também presença, saindo na rifa uma cover de SLAB! (“People Pie”) e de Bad Brains (“Don’t need it”). Os restantes temas são festim garantido à boa moda de Napalm.

[7.5/10] EMANUEL RORIZ



TOUNDRA

«Hex»
(Insideout Music)

Os madrilenos Toundra chegam em 2022 ao seu oitavo álbum de originais. Voltam uma vez mais a assentar a sua produção musical no post-rock instrumental, com o qual já vão construindo uma cada vez maior base de apreciadores. Depois de no último álbum terem musicado o clássico do cinema mudo «Das Cabinet des Dr. Caligari», neste novíssimo «Hex» voltam ao ponto onde nos tinham deixado com «Vortex», lançado em 2018. Os temas assentam essencialmente na teia

de melodias e ambientes criados pelas guitarras, onde voltamos a ter momentos etéreos, melodias mais contidas que escalam em repetição até que rebentam em cima do ouvinte, como uma descarga de peso e adrenalina, não deixando de parte as repentinas alterações rítmicas ou mudanças de ambiente, já tão características do colectivo. Não sendo este um disco que assinala uma viragem ou evolução na sonoridade dos Toundra, importa, acima de tudo, perceber que estes nos levam, em Hex, até novas paisagens, novas latitudes, outras fontes de inspiração. O disco inicia-se com um tema tri-partido (“El Odio”), que conta também com uma peça de vídeo e que retrata o momento de agressão, ódio e antagonismo exacerbado com que, infelizmente, nos deparamos hoje em dia. Depois disto há mais 4 temas que são tipicamente Toundra e que tocam o ouvinte pelo ambiente com a tendência desoladora que reina durante todo este trabalho. Não sendo um trabalho que eleva os Toundra a outro patamar, é um trabalho de continuidade e que demonstra a forte consistência do grupo.

[7.5/10] EMANUEL RORIZ



REFLEXÃO PESADA

Russ Tippins apresenta o novo álbum de Satan – «Earth Infernal» – como uma reflexão de peso – pela sua profundidade e pelo tipo de música a que está associada – sobre os problemas ambientais que afetam a humanidade do séc. XXI.

Entrevista: CSA | Eduardo Ramalhadeiro | JP Madaleno

Eduardo/CSA/JP Madaleno – Olá, como estás? Esperamos que esteja tudo bem contigo, teus amigos e familiares!

Russ – Saudações! Obrigado por entrarem em contacto com os Satan.

Eduardo – O novo álbum saiu há alguns meses. Como foi a receção?

As críticas e os comentários gerais na nossa página, desta vez, ultrapassaram as nossas expectativas! Continua a acontecer até agora – dois meses após o lançamento. Os pedidos de entrevistas por parte da têm sido mais do que aqueles com que podemos lidar, o que não é mau, só que estamos a demorar um pouco a responder. E também

tem sido uma correria louca nos últimos meses com os ensaios da banda para as próximas datas da digressão.

Eduardo – Acho que podemos considerar que Satan faz parte da NWOBHM. Por que razão só em 2022 surge um álbum como um «game changer»?

Sim, formamos a banda bem no meio dessa fase, embora não tivéssemos conhecimento de nada chamado NWOBHM na época. Só depois, esse termo foi associado a nós.

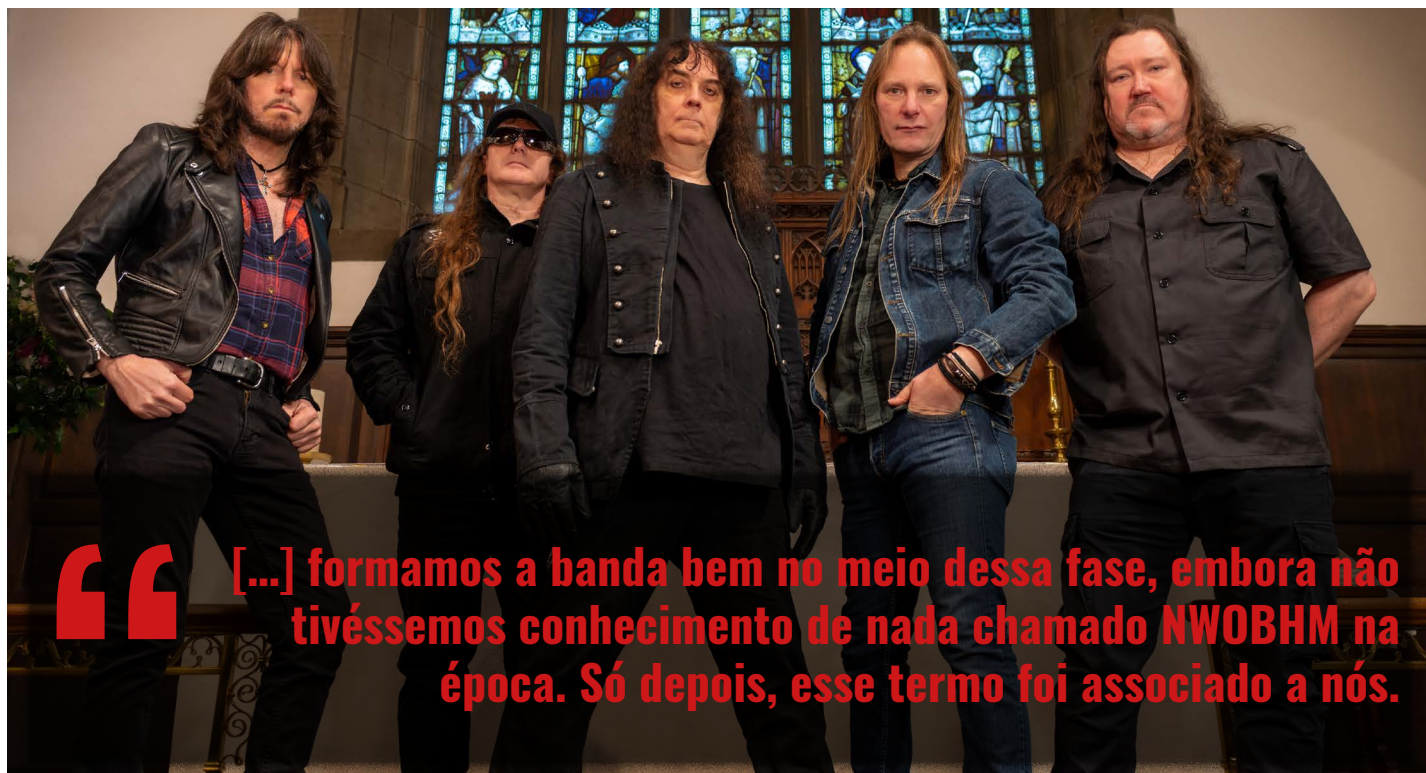
Eduardo – O que fizeram de diferente relativamente a «Cruel Magic» por exemplo?

Não há nada de realmente

diferente, exceto que tivemos mais tempo para fazer o álbum. A pausa alargada não intencional foi a chave para a forma como compusemos, escrevemos e gravamos este álbum. Mesmo na fase de elaboração das “demos”, tivemos bastante tempo para refletir e (se necessário) reorganizar o material – ou até mesmo deitá-lo ao lixo, em alguns casos.

CSA – Este álbum é sem dúvida NWOBHM. E parece ter conquistado o público do século XXI. Podes explicar este aparente milagre? (É “old school”, mas, ao mesmo tempo, soa fresco!)

Não consigo explicar. Nós apenas fizemos o que sempre fizemos, ou seja, criar o tipo de música que



“ [...] formamos a banda bem no meio dessa fase, embora não tivéssemos conhecimento de nada chamado NWOBHM na época. Só depois, esse termo foi associado a nós.

gostaríamos de ouvir. Não estamos interessados em tentar atrair seguidores de qualquer banda que esteja “atualmente na moda”. A nossa única preocupação é com o nosso próprio conteúdo. E tentar sempre ser uma melhor versão de nós mesmos.

Eduardo – Para mim, o som de Satan é uma espécie de reminiscência da “old school” e numa época em que há cada vez mais bandas com música excessivamente produzida em prol da dinâmica, incluindo uma coisa chamada “The Loudness War”. Satan escolhe abraçar o outro lado e mesmo aceitar os erros. Foi difícil resistir a um som mais... moderno?

Não. É muito fácil resistir, porque eu não gosto dessa abordagem em termos de produção. Não gosto de ouvir a masterização moderna. E as guitarras desafinadas soam uma merda – nem consigo ouvi-las numa mistura. É como ter três baixistas, ha! ha! ha! É natural que eu seja levado a criar algo que me atraia. E, felizmente, os

meus colegas de banda sentem o mesmo. Estamos em sintonia.

Eduardo – A capa do álbum foi desenhada pelo incrível e talentoso Eliran Kantor. A imagem da capa representa o conceito da letra e da música de alguma forma?

Sim. Damos ao Eliran o título do álbum – «Earth Infernal» – e explicamos-lhe que era uma referência às mudanças climáticas. Não lhe demos mais nenhuma informação. Pode-se imaginar algum tipo de cena de fogo com muitas chamas, mas Eliran evitou uma imagem tão óbvia e focou-se na perspectiva do aumento do nível do mar que é ainda mais dramático. Ele é mesmo um verdadeiro artista.

Eduardo – Uma banda tão melódica chamada Satan... achas que o próprio Satan aprecia a vossa música?

Deves entender que o nome Satan é simbólico (não literal) para descrever o mal que acontece no mundo real. Por exemplo, os homens-bomba veem-se a fazer o

trabalho de Deus, mas, se houver um inferno, essas pessoas e aqueles que lhes fazem a lavagem cerebral irão diretamente para lá.

Eduardo – Estão ativos mais ou menos desde 1979. O que os leva a fazer música, qual a vossa motivação?

Como eu disse, queremos fazer música que gostamos de ouvir. Foi assim no início e, agora, continua a ser assim.

Eduardo – Fazem música para vocês próprios ou para agradar aos fãs?

Bem, podes resolver isso com o que eu acabei de dizer, certo? Nós fazemos sempre o que nos agrada. Segue-se que os fãs da banda gostam que continuemos com essa postura ou, na verdade, não são fãs. De certa forma, se agradamos a nós mesmos, então, consequentemente, também agradamos aos nossos seguidores.

CSA – Suponho que ao longo da tua carreira tiveste outras bandas (nomeadamente bandas mais

“[...] vamos tocar na primeira semana de 2023 no “Mangualde Hard & Heavy Festival!”

jovens) dizendo que foste uma fonte de inspiração. Podes contar-nos um episódio desse tipo?

Na semana passada estava num concerto de Eternal Champion em Newcastle, porque admiro o que eles fazem. Alguém lhes deve ter dito que eu estava a assistir, pois o Arthur (o guitarrista) veio ter comigo depois do concerto para me dizer o quanto é fã de Satan e também do meu trabalho na guitarra. Disse-me que era uma honra para ele que eu tivesse vindo ouvi-los tocar.

CSA – Neste mesmo ano, os Saxon lançaram um novo álbum: «Carpe Diem» (Silver Lining Music). O vosso chama-se «Earth Infernal». Temos aqui mensagens opostas? Ou são reconciliáveis?

Em «Carpe Diem», os Saxon descrevem a construção secular do império romano. Os primórdios da Civilização. Em «Earth Infernal», os Satan retratam o início do “fim” da civilização devido às mudanças climáticas. Portanto, as duas narrativas são diametralmente opostas.

Eduardo – Há alguns anos, os Metallica deram-nos os “Big 4”. Se pensarmos nos “Big 4” da NWOBHM, quais as bandas que escolherias?

White Spirit, Angel Witch, Diamond Head, Motorhead. Nesta mesma ordem.

JP Madaleno – Afirmaste o seguinte: “Há dois anos que o mundo anda preocupado com política e pandemias e, enquanto todos estávamos a olhar para o outro lado, o nosso planeta continuou a aquecer. A nossa

Terra está agora infernalmente quente. Quase irreversivelmente. Estamos numa viagem de ida para o Inferno e arrastando nossos filhos e seus filhos junto connosco. Sim, Satan tem algo a dizer sobre o aquecimento global.” – Acreditas na narrativa do aquecimento global? O que achas que as pessoas devem fazer para melhorar a saúde do planeta Terra?

Eu não digo que conheço as respostas para essas perguntas, nunca expressamos uma opinião sobre as alterações climáticas. A única razão pela qual levantamos a mão agora é que deixou de ser um ponto de discussão por causa do coronavírus e da guerra na Ucrânia. Esses são problemas de curto prazo que serão esquecidos em 100 anos. Mas esta crise climática só vai piorar com o tempo. Aquela pintura na capa do nosso álbum poderá representar o planeta Terra daqui a 100 anos! É imperativo que este tema esteja novamente no topo da agenda de todos os governos do mundo.

- De que forma esta ideia se manifesta no álbum «Earth Infernal» e quais as canções que consideras que tenham uma mensagem mais forte sobre o aquecimento global?

A música “Earth We Bequeath” retrata uma história de como tudo pode se desenrolar.

JP Madaleno - Quem são os Doze Senhores Infernais (“Twelve Infernal Lords”)?

Este é um conceito metafísico em vez de algo do mundo real, mas aqui está uma ideia. Um tribunal supremo é composto por doze juizes. O nosso próprio juiz demónio é apenas um desses doze. Doze juizes demoníacos formam um tribunal supremo do Inferno. Eles estão espalhados pelo mundo e distorcem o estado de direito para permitir que as corporações continuem poluindo o nosso planeta.

JP Madaleno – Pensam fazer uma digressão pela Europa? Quando?

Temos/Tivemos alguns festivais de verão: Frost & Fire (Irlanda), 18 de junho; Domínio (Inglaterra), 31 de julho; Beyond The Gates (Noruega), 3 de agosto; Time To Rock (Suécia), 4 de agosto; Wacken Open Air (Alemanha), 5 de agosto; Alcatraz (Bélgica), 14 de agosto. Também temos uma digressão europeia em outubro: Keep It True (Alemanha), 1 de outubro; Oldgrave Fest (Roménia), 8 de outubro; Amstelveen (Holanda), 21 de outubro; Voorselaar (Bélgica), 22 de outubro; Eindhoven (Holanda), 23 de outubro; Osnabrück (Alemanha), 24 de outubro; Langen (Alemanha), 25 de outubro; Essen (Alemanha), 26 de outubro; Lichtenfeld (Alemanha), 27 de outubro; Berlim (Alemanha), 28 de outubro; Hamburgo (Alemanha), 29 de outubro.

JP Madaleno – Portugal será incluído nessa digressão?

Não, mas vamos tocar na primeira semana de 2023 no “Mangualde Hard & Heavy Festival”!

Eduardo – «Court in the Act» foi lançado em 1983, quase há 40 anos! Como vês a tua vida com os Satan?

Na verdade, foram 7 anos de Satan, 3 anos de Blind Fury/Pariah, 18 anos de nada e mais 11 anos de Satan.

Tive uma vida boa nesses anos de nada: um bom emprego, uma casa, um bom carro. Até me casei e criei uma família – não trocaria isso por nada no mundo. Os primeiros 7 anos de Satan foram um mundo de pobreza e miséria, a sofrer pela nossa arte. Os anos de Pariah foram um pouco melhores, porque assinamos com a Steamhammer, que na verdade nos pagava quase a recibos verdes. E a última década foi uma marcha inacreditável de sucesso que nunca tínhamos conhecido anteriormente.

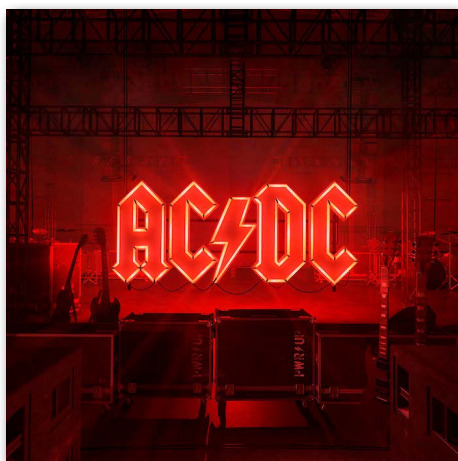
Eduardo – Algum arrependimento?
Nenhum!

Facebook
Youtube



A culpa é do cemitério...

Por: **Emanuel Roriz**



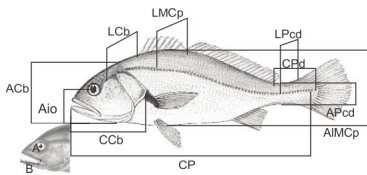
Desde muito cedo vamos imaginando o futuro a partir de expressões como “quando for grande quero ser...”, ou, “Quando crescer vou ser...”.

Hoje, já quase dois anos depois do dia em que, sem nada que o fizesse prever, o planeta é apanhado de surpresa por uma das maiores bandas de rock da história. Apesar de todo o mediatismo adjacente, a novidade foi mantida em segredo absoluto. O senhor da boina regressou ao grupo, espalharam cartazes um pouco por todo o mundo e libertaram o tema “Shot In The Dark”. O tempo disponível parecia pouco para a Terra poder assimilar que estava a poucos dias de apanhar com a descarga de um novo disco dos AC/DC. Tantas vezes lhes apontam o dedo alertando que são sempre iguais, que não trazem nada de novo ou que soam sempre ao mesmo. Pois, ainda bem que é assim mesmo. Ainda bem que estes velhotes continuam a fazer música com a mesma intensidade e característica que foram fazendo nas décadas de 70, 80, 90... É tudo

tão familiar e reconhecível que assim que o disco começa a rodar sinto-me em casa. Podia até discriminar a idade de cada um dos músicos, do guitarrista endiabrado, do senhor da boina, mas o maior reconhecimento de longevidade vem mesmo da expressão que se acendeu na minha ideia assim que terminei de ouvir este PWR UP pela primeira vez: Quando for velho quero ser assim...



Postas de pescada



“Postas de Pescada: devaneios de dois energúmenos sobre personalidades da música” será um espaço partilhado, entre dois “jornalistas”, onde se falará sobre músicos, bandas, acontecimentos e outras coisas que tais... Como devem ter reparado, o “outro” ainda não “mandou as postas”. Para a próxima edição não há a Parte 3 e depois, talvez o “outro” contribua...

Reuniões de bandas - (Dinheiro a quanto obrigas)

Por: Ivo Broncas | Eduardo Ramalhadeiro

Julgo que tal como eu, todos os fãs de Pantera foram apanhados desprevenidos com as notícias que deram conta da reunião da banda. Isto é... do que resta dela! Este tema foi absolutamente tabu nos anos que se seguiram à trágica morte de Dimebag, tendo, mais tarde, surgido alguns rumores sobre a mesma, mas prontamente refutados pelo seu irmão, baterista e co-fundador, Vinnie Paul.

Eis senão quando, como que vindo do vazio do espaço sideral e apanhando de surpresa muitos de nós, surge a confirmação da reunião dos membros sobreviventes dos Pantera com Zakk Wylde e Charlie Benante.

Zakk Wylde era um nome já falado como possível substituto do lendário Dimebag numa hipotética tour de reconciliação dos Pantera, e embora seja um excelente e carismático músico, Vinnie Paul enquanto vivo nunca se comprometeu com esta solução, talvez até porque o reencontro com Phil Anselmo não estaria nos seus planos. Pois bem, a sensação que fica é a de que esperaram apenas o tempo suficiente para que esta decisão não fosse considerada pelos fãs uma afronta aos falecidos fundadores. Ficamos com a sensação de que tudo isto não seria da vontade dos irmãos Abbott, pelo que percebo quem entenda isto quase como uma traição.

Contudo, era expectável. Afinal de contas, o dinheiro não estica, Phil Anselmo não está actualmente envolvido num projecto de grandes dimensões e Rex lançou um álbum a solo que é competente, mas não é brilhante. Dei comigo a pensar noutros casos de reuniões de bandas, nomeadamente nos motivos que os levou a tal, e o sucesso das mesmas.

Relativamente ao motivo, penso que os Sex Pistols foram os únicos que sem pudor anunciaram que o iam fazer por razões económicas. Obviamente que os artistas sentem necessidade de continuar a produzir, e isso não é de descurar. não obstante, a parte económica será sempre o maior catalisador. É o suficiente para o recém reatado projecto correr bem? Alguém me disse uma vez que a resposta certa para tudo é: “depende”. Neste caso, aplica-se. Passo a explicar.

De uma forma muito simplista classifico as reuniões de bandas da seguinte forma:

As que se destinam apenas para tocar ao vivo sem lançamento de originais

As que se destinam para tocar ao vivo e lançar novos originais (à séria!)

As que destinam a número reduzido de concertos para sacar o dinheiro aos fãs.

Depois, dentro de cada uma destas rudimentares classificações, teremos exemplos de situações que correram bem e dignificaram o projecto, e outras que nem tanto.

À cabeça vem-me logo os Queen. Quer dizer, não são os Queen. São uma banda de tributo aos Queen, formada por alguns membros da banda. Que não haja dúvidas sobre isto. Esta foi uma reunião que nem devia ter acontecido, servindo apenas para conseguir espremer toda e qualquer oportunidade de mais income financeiro. Serei polémico quando digo que este projecto com o Adam Lambert chega a envergonhar os verdadeiros Queen? Tiveram ao menos o bom senso de não lançar álbuns de originais, o que seria a meu ver a derradeira afronta à memória de Freddie Mercury. Enquadram-se portanto na primeira categoria, onde se podem incluir também os Rage Against the Machine. A reconciliação prometia mais álbuns e uns Rage mais

activos, mas no final de contas, as contas é que interessavam.

Os System of A Down são um fenómeno estranho. Nunca se separaram oficialmente, mas não há claramente consenso suficiente entre eles para conseguirem lançar de um novo álbum de originais, muito embora novas músicas originais já tenham visto a luz do dia. Enquanto vivem na indefinição, podem vê-los ao vivo com um Serj desconectado das letras que outrora escreveu, bem como da banda, fazendo com que um funcionário de uma repartição de finanças pareça um furacão.

Apesar de todas as farpas que acabei de lançar, é bastante perceptível a relutância que existe por parte dos músicos em lançar originais após um período de hiato. Reunir uma banda é por si só um trabalho que pode ser inglório, pois implica revitalizar um todo um misticismo que pode ter resultado muito bem anteriormente, mas sem qualquer certeza deste se voltar a repetir, tendo em conta que toda conjectura envolvente, nomeadamente sócio cultural, muda bastante. Até que ponto é que reintroduzir uma o que foi uma boa experiência do passado mas com um formato inevitavelmente diferente, não vai trazer aos fãs um amargo de boca? Ao invés de lhes permanecer na memória a banda no seu auge, ficará agora a sua imagem presente, nem sempre a mais atractiva, não em termos de imagem, mas sim em termos de performance e desempenho musical. É portanto uma decisão arriscada.

Os Guns n' Roses embarcaram nessa viagem. Primeiro com os espetáculos ao vivo, tours cada vez maiores, e uma vez que já lançaram música nova, perspectiva-se o lançamento de um novo álbum. Ou não. Todos sabemos a história de Chinese Democracy. Há que felicitá-los pela jogada de risco, mas as performances ao vivo de Axl Rose têm sido alvo de inúmeras críticas, e justificadas, diga-se. Críticas à parte, foi uma tourné com muito sucesso, e agora o tempo dirá se tomaram a opção correcta. Quem não a tomou de certo foram os Stone Temple Pilots. Nem terem podido contar com Chester Bennington como vocalista os ajudou a voltarem aos grandes palcos. Fiquei inclusivamente surpreso ao descobrir que continuam no activo com novo vocalista.

Há contudo casos que nos fazem acreditar na magia que pode ser a reconciliação de bandas. Talvez os que me saltam imediatamente à memória sejam os de Faith no More e Soundgarden. Em relação aos primeiros, a capacidade vocal de Mike Patton parece não querer envelhecer, pelo que ao vivo continuam muito competentes, e tiveram inclusivamente um último álbum bem recebido pela crítica. E por falar em capacidades vocais fora do normal, Chris Cornell não pode ficar de fora. Os Soundgarden regressaram e muito bem, com um álbum sólido e aclamado, mas infelizmente a morte do seu agora eterno vocalista deixou-os novamente em suspenso. Definitivamente, espero eu, porque ao contrário do que se diz em desporto e no mundo empresarial, há pessoas insubstituíveis. E os fãs de Queen sabem-no bem.

Portanto, e voltando ao assunto inicial. Sim, sou grande fã de Pantera. Não, não quero ver a reunião de Phil e Rex com os restantes músicos. São todas grandes personalidades, grandes músicos de créditos firmados, tenho inclusive a maior admiração por Zakk Wylde e Charlie Benante, mas juntos não são os Pantera. Serão, quanto muito, uma banda de tributo aos Pantera. Se faria sentido uma tour com o sentido de prestar homenagem aos irmãos Abbott? Admito que sim. Seria bonito. Mais do que isso? Não obrigado.





GAEREA

Miragem grandiosa

Com «Mirage», refletindo sobre a distância que separa a realidade da forma como a percebemos, Gaerea sobe ainda mais a fasquia que marca a posição ocupada no panorama do Metal internacional.

Entrevista: CSA

Saudações. É um prazer estar de novo a entrevistar Gaerea. Em 2020, entrevistei-vos sobre «Limbo», um álbum de que gostei muito.

- Começo já por perguntar como foi esse álbum recebido pela crítica e pelos fãs.

- E também se a receção foi ao encontro das expectativas da banda ou se ficou aquém destas.

O «Limbo» foi o disco que nos catapultou para um novo patamar como artistas. Abriu-nos as portas a uma série de novas oportunidades, que desde logo tivemos que agarrar com tudo o que tínhamos. Desde novos ouvintes até imensos festivais, tours e uma outra série de aparições em eventos de renome. Foi, em geral, uma reação muito acima daquilo que eu achei ser possível para uma banda do nosso estilo e com curta carreira que ainda temos. Foi um disco que certamente esculpiu o início de uma nova era para Gaerea.

«Limbo», o vosso segundo álbum, foi lançado em julho de 2020, quando pensávamos que estávamos a sair da pandemia. Infelizmente, em janeiro de 2021, mergulhamos num novo período de confinamento, que ainda foi mais longo do que o de 2020. A diferença é que já estávamos habituados ao isolamento.

- Até que ponto estes factos atrapalharam a promoção do álbum?

- Como conseguiram a banda e a editora superar as dificuldades que tiveram de enfrentar?

Bom, a verdade é que, em janeiro de 2021, já estávamos a escrever o «Mirage». Nunca paramos. Nem por um segundo! Sempre nos reunimos para trabalhar, para criar novos conteúdos, pôr em prática todas as ideias que sempre tivemos. Houve tempo e dedicação para tudo aquilo que fizemos com o «Limbo». Esgotamos todas essas armas, de uma forma que, de certo modo, me deixa bastante satisfeito, porque significa que não temos que voltar a fazer uma

série de live sessions para nos sentirmos em “contacto” com o nosso mundo, por exemplo. Sendo assim, o único grande entrave da pandemia para Gaerea foi o facto de não conseguirmos ir para a estrada, um caminho que prometia ser memorável em 2020 e até mesmo 2021. Mesmo assim, se não contarmos com 2022, 2020 foi o nosso melhor ano como banda, por estranho que possa parecer. Crescemos para um patamar muito acima de onde estávamos com o «Unsettling Whispers».

Depois de «Limbo», temos «Mirage», a ser lançado novamente pela Season of Mist em setembro de 2022.

- Que miragem é esta com que nos deparamos logo no título do álbum?

- Como se relaciona o título do álbum com os títulos/temas/tópicos das faixas que o compõem?

A batalha entre a Perceção e a Realidade. Aquilo que entendemos como valioso no seu todo com base na nossa cultura, pode muito bem estar podre no seu interior. Este álbum debate-se muito fortemente com estes pequenos paradoxos. É como um convite para julgar um livro pela sua capa, com a promessa de que terão de o ler no fim. Aquilo sobre que nos é tão fácil opinar é certamente aquilo que nos seria capaz de surpreender, se perdêssemos um pequeno momento para parar, absorver e entender.

- Quem escreveu as letras desta vez?

As letras, textos e conceitos de todos os discos de Gaerea são sempre escritos pela mesma pessoa.

- De que modo se relaciona a ilustração que surge na capa do álbum com esse conceito de miragem?

Posso dizer que não existe nada de glamoroso ou de dourado no mundo que pintamos para este novo disco. É um convite. O que está por detrás da máscara pode muito bem estar podre no seu

interior. É tudo uma fachada, uma miragem.

Por falar da capa de «Mirage», parto do princípio de que desta vez não contaram com a arte de Eliran Kantor.

- Estou no caminho certo ou a banda conseguiu persuadir o artista a fazer algo diferente do seu estilo habitual?

- Se houve mudança de artista, a que se deve ela?

Não, não trabalhamos com o Eliran neste álbum. Para mim não faz sentido voltarmos a trabalhar com o Eliran. Há que evoluir para novos mundos, novas tonalidades, técnicas e, sobretudo, linguagens. É assim que vejo tudo o que fazemos, com evolução constante. Desta vez, trabalhamos com o Chris [Christopher Ruf], um dos artistas do Saros Collective, da Suíça. Muita gente o conhece como o vocalista e compositor de Schammasch, uma das mentes mais brilhantes deste e de outros mundos com quem já tive o prazer de trabalhar e partilhar ideias. Foi o facto de nos entendermos tão bem como mentes criativas que me levou a querer muito trabalhar com ele nesta capa “tão nossa”.

- Da outra vez, parece que causei surpresa comentando que a pintura presente na capa do álbum não evocava para mim a ideia de limbo. Desta vez, penso que a capa do álbum tem tudo a ver com Gaerea. Concordas?

Acho que tem tanto a ver com Gaerea como a capa do «Limbo» tinha. São períodos, momentos na nossa carreira que fazem todo o sentido no momento certo. Mas sim, concordo plenamente que, à primeira vista, esta é a capa mais “Gaerea” que já alguma vez tivemos. Sentimo-nos muito confortáveis com este Minimalismo de assumirmos uma breve imagem como front piece de todo um conceito que já se mostra bastante vasto e sabermos que estamos bastante bem entregues com esta escolha visual.



Foto: Catarina Rocha

“

O «Limbo» foi o disco que nos catapultou para um novo patamar como artistas. [...] Foi um disco que certamente esculpiu o início de uma nova era para Gaerea.

Neste novo álbum, o som de Gaerea continua a combinar Black Metal com passagens bem progressivas, um conjunto que a voz agressiva do vosso vocalista juntamente com os blast beats bem violentos do baterista vêm perturbar.

- Penso que temos aqui alguns pontos de contacto entre «Limbo» e «Mirage» em termos musicais. Concordas?

- Que diferenças entre os dois álbuns podes assinalar em termos musicais?

Encontro poucas semelhanças com os dois discos, na verdade. O «Limbo» é uma explosão de início ao fim, com momentos bastante libertadores dentro de uma fúria bastante controlada. O «Mirage» é um álbum mais intenso e experimental. É

certamente o álbum que surgiria de uma forma bastante natural depois do «Limbo», mas notamos muito melhores músicos, com uma sensibilidade bastante mais apurada no «Mirage», onde conseguimos criar o caos, mas também o conseguimos dominar consoante a atmosfera que o conceito e as letras pedem. Fico muito contente por nos termos tornado numa banda que usa o minimalismo musical em prol de sentimentos tão arrebatadores como o desespero e a agonia que imperam neste disco.

- Posso dizer-te que a angústia desencadeada pelo som de «Mirage» no ouvinte chega a cortar a respiração. Sou só eu que ando muito ansiosa ou era esse o efeito que a banda pretendia produzir?

Tudo em Gaerea é sobre esses sentimentos de que falas, e muito mais. Agonia, Solidão e Confusão são alguns dos pilares que compõem este disco.

Com o lançamento do vosso terceiro álbum, a banda vai certamente entrar numa fase muito ativa (se a pandemia não gorar os vossos planos como em 2020 e 2021).

- Que planos urdiram com a Season of Mist para levar este disco a todos os cantos do planeta como pretendiam fazer com «Limbo»?

Vamos andar na estrada até as pernas nos falharem. É esse o nosso plano para este disco. Para já temos a maior Tour Europeia que já alguma vez fizemos e logo a seguir vamos para a América Latina por mais um mês. Muitos outros planos já se começaram a formar no horizonte para 2023, mas serão revelados a seu tempo.

- Do vosso plano de promoção de «Mirage», constam concertos em Portugal ou os fãs tugs vão ter de viajar para vos ouvirem?

Nós já tocamos em Portugal este ano, felizmente. Estivemos no VOA este verão, onde tivemos a oportunidade de tocar um dos temas novos do novo disco e creio que foi uma excelente surpresa para todos os que estavam no festival. Agora, Portugal é um país pequeno e preferimos voltar a tocar em casa quando sentirmos que realmente poderemos fazer um grande impacto com esse regresso. Para já creio que já tocamos bastante em casa durante os últimos dois anos.

- Com que bandas (portuguesas ou estrangeiras) irão partilhar o palco?

Vamos fazer a tour europeia com Gaahls Wyrld, Saor e Winterfylleth. Na América Latina vamos ter alguns concertos com Watain. Creio que temos também uma data com I Am Morbid, na Colômbia, mas não me recordo ao certo.



Facebook
Youtube

BAEREA

m · i · s · t · a · l · o · f · e

BAEREA deliver their odes
in cascading maelstroms of
aggression and beauty with
full-length number three, 'Mirage'.
But now!

ORVOR

ICONIC

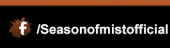
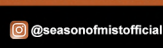
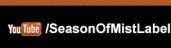
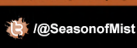
OBSDIOUS ARE LEADING THE CHARGE FOR THE MODERN
EVOLUTION OF PROGRESSIVE AND TECHNICAL
METAL WITH THEIR DEBUT ALBUM, **'ICONIC.'**

OUT OCTOBER 28.

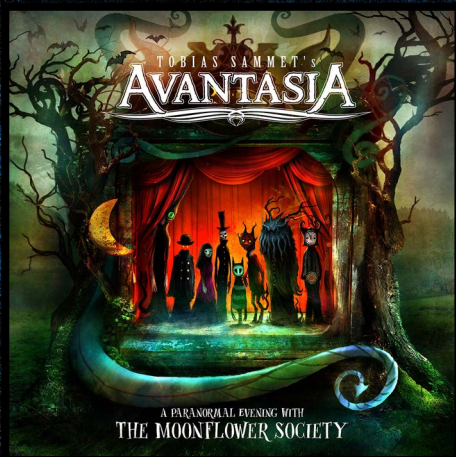
Season of Mist

WWW.SEASON-OF-MIST.COM

FOR TONS OF KILLER PRICE AND EXCLUSIVES: COLLECTOR'S
EDITIONS, RARE LPS, MERCH ON DEMAND...



ALBUM VERSUS



AVANTASIA

«A Paranormal Evening with the Moonflower Society»
(Nuclear Blast)

Penso que toda a crítica que escrevi acerca dos novos lançamentos dos Avantasia começa com: “Todo o álbum lançado por Tobias Sammet é uma ocasião especial” e desde a sua apresentação que começa a principal curiosidade em saber quem serão os vocalistas que o acompanham. Tão ou mais importante é também a história que envolve os discos, porque além de ser um dos melhores compositores contemporâneos, Tobias Sammet é também um exímio contador de histórias. Nascido em época da pandemia «A Paranormal evening with the moonflower society» é o disco mais pessoal de Sammet, nas suas palavras: “desde as primeiras ideias 2018/2019 até a produção, orquestração, teclados, arranjos, detalhes, estive pessoalmente

envolvido em cada pequeno aspecto e detalhe do disco”. Devo concordar que há algo a envolver o “ambiente” que ainda me escapa, parece-me ser o disco mais “polido” dos Avantasia, menos desenfreado, mais “maduro” mais rockalhado, no entanto, “The Inmost Light” leva-nos de volta aos anos de 2001/2002 com uma velocidade Power Metaliana cantada por quem? Ernie himself! O disco é muito bem orquestrado, com especial destaque para “The Moonflower Society” e “Arabesque”. Falta falar dos convidados especiais, além de Michael Kiske AKA Ernie, Jørn Lande, Ronnie Atkins Eric Martin, Geoff Tate, Bob Catley e pela primeira vez: Ralf Scheepers e... Floor Jansen na balada “Misplaced among the Angels”! Penso que dará para ficar com uma ideia como serão os coros cantados por esta gente toda? O único senão que vejo é o álbum acabar muito depressa... não raras vezes, só me dou conta de estar já a ouvir o “Arabesque”, o tema épico - como não poderia deixar de ser - de 10 minutos. Bem, diga-se em abono da verdade, até o tema menos épico acaba por ser... épico! Será um dos melhores álbuns dos Avantasia?

[9/10] **EDUARDO RAMALHADEIRO**





Longa se torna a espera...

... já assim rezava a canção dos Xutos.

Foi preciso mais de uma década para os RAMP nos presentear com um disco de originais. Algumas mudanças na formação e uma pandemia, não demoveram Rui Duarte e Ricardo Mendonça de porem "mãos à obra". «Insidiously» viu recentemente a luz do dia, para gáudio de todos os que ansiavam o regresso dos RAMPazes e descanso para os que pensavam que a banda poderia não regressar. *"It's time for a nicotine!"*

Entrevista: Eduardo Ramalhadeiro



Olá, Rui! Obrigado por nos cederes um pouco do teu tempo a responder às minhas perguntas para a Versus Magazine. Apesar de sermos uma revista completamente electrónica, feita por pessoal amador, que dedica o seu tempo à escrita nos tempos livres e nos intervalos das responsabilidades familiares, aquilo que ganhamos em publicidade serve para beber umas cervejas e fazer umas tainadas – nós quase que nos consideramos os RAMP das revistas musicais (risos) - digo-te que os RAMP foram imediatamente considerados como banda de capa da nossa próxima edição. É esta a nossa mui humilde e nobre contribuição para uma das maiores bandas portuguesas e para a promoção e divulgação de «Insidiously»
Rui Duarte - Em nome dos RAMP, muito obrigado.

«Insidiously» saiu já há algum tempo. Como é que está a ser a recepção ao álbum e, já agora, como está a correr a vossa digressão?

A recepção ao disco tem sido muito boa. Quem já “depurou” o disco afirma que este superou todas as expectativas. Mais uma vez ficou notório que um álbum dos RAMP é um todo e não apenas uma música ou duas. Quanto à digressão também tem corrido muito bem. O arranque foi com o RCA Club em modo Sold Out. Temos partilhado o palco com muitas bandas pela primeira vez, temos feito muitas novas amizades assim como temos matado saudades com amigos de longa data. Infelizmente duas datas tiveram de ser adiadas para o período do próximo Inverno devido ao Covid. Tem sido uma mescla de trabalho, partilha e emoção na qual temos de salientar o grande apoio do Carlos Freitas da Notredame Productions e claro, de todos os que marcaram a sua presença.

Já deves estar farto de responder à questão do porquê de tanto

tempo sem editar mas o que vou perguntar-te é: teremos de esperar outros onze anos para vermos mais um disco dos RAMP?

Uma das coisas que aprendemos ao longo da vida é que apenas uma coisa está garantida na mesma. Foram anos bastante complicados os que passaram, mas, infelizmente, por mais que se tente controlar todos os acontecimentos, a vida não é apenas da maneira que nós desejamos, mas acima de tudo da maneira que nos permite. O que posso garantir é que, o objectivo não é esse e eu pessoalmente vou sempre trabalhar de maneira a que a espera não seja tão grande.

«Insidiously» foi lançado pela Rastilho. Como é que surgiu esta oportunidade e como é que estão a ver o trabalho por eles desenvolvido?

A partir da separação da estrutura de management e editora que tínhamos, eu e o Ricardo ficámos atentos aos convites e propostas de pessoas que nos conhecem. O Pedro da Rastilho quando soube da situação do álbum novo demonstrou logo interesse. Quando lhe dissemos para vir ouvir o disco a resposta dele foi: eu tenho confiança no vosso trabalho e não preciso de ouvir o disco. Isso foi determinante. Trabalhar com alguém que confia no teu trabalho é algo que te transmite uma enorme segurança. Assim, discutimos os pormenores da nossa parceria e avançámos. O trabalho do disco ainda não terminou, até agora tudo o que estava planeado inicialmente foi concretizado. Tenho como convicção de que quando existe honestidade e franqueza tudo é mais simples.

Se não me engano, os RAMP nunca tiveram uma editora fixa (ou a longo termo) – a que é que se deve este facto? A Rastilho poderá dar-vos estabilidade no que a este assunto diz respeito?

A parte da Polygram (da qual nos quisemos desvincular

contratualmente) todas as estruturas com as quais trabalhamos sempre foram ou alvo de venda, ou de fusão ou de término. Na realidade os RAMP sempre foram uma “equipa” constantemente a mudar de “treinador”, de “estrutura desportiva” e de “presidente”. Até hoje aquilo que era um projecto a médio/longo prazo foi sempre destruído por diversas razões. O nosso percurso foi sempre interrompido, seguido de novo processo de reconstrução. A procura de uma estrutura que ajude a banda nos seus objectivos tem sido permanente e sem descanso. A nossa perspectiva sempre foi a de um trabalho continuado por isso o desejo de uma estabilidade editorial com a Rastilho é uma realidade.

As misturas no «Visions» estiveram a cargo do Daniel Bergstrand e a masterização é assinada por Jim Brick. Porque é que neste álbum tu e o Ricardo se encarregaram desta responsabilidade?

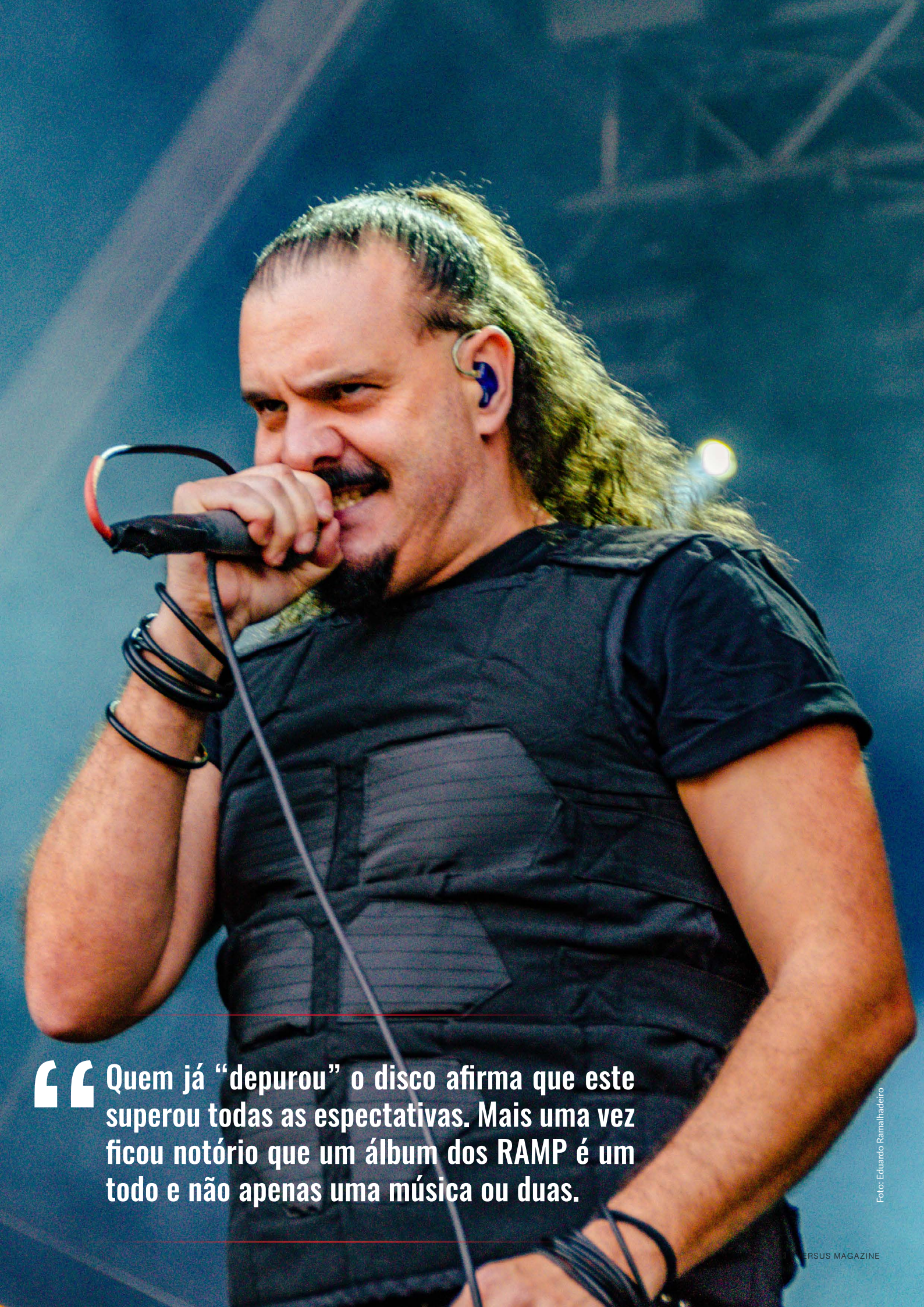
A decisão dos dois relativamente ao Insidiously sempre foi a de independência total. Todo o processo passou pelas nossas mãos do princípio ao fim de maneira a garantir esse objectivo.

Consideraram, em alguma parte deste processo, convidar um produtor estrangeiro?

No caso específico deste disco não pois tínhamos um propósito bastante claro.

... falando em produção, tu divides esse trabalho com o Ricardo que conheces desde sempre – como é trabalhar com ele? Quem tem a última palavra?

Conhecemo-nos muito bem, para o bem e para o mal. Somos duas pessoas bem diferentes, mas que se aprenderam a respeitar imenso ao longo de todos estes anos. Dos nossos diferentes pontos de vista completamo-nos e criamos a unanimidade através da discussão de ideias.



“ Quem já “depurou” o disco afirma que este superou todas as expectativas. Mais uma vez ficou notório que um álbum dos RAMP é um todo e não apenas uma música ou duas.

A última palavra é sempre dos dois.

Não te conheço pessoalmente, infelizmente, tenho somente CD's dos RAMP e um autógrafa teu numa folha quadriculada, aquando dum espetáculo vosso em Aveiro, acústico, mas por aquilo que leio e ouço das tuas entrevistas, tenho-te como uma pessoa humilde e sensata... e crítica, com opiniões bem formadas sobre (a) música... Sendo assim, as letras, particularmente em «Insidiously» reflectem a tua personalidade ou são uma consequência dos tempos em que vivemos?

A minha personalidade é sempre uma consequência dos tempos que vivemos. Tenho os meus princípios, as minhas convicções, os meus demónios, mas existe uma dinâmica permanente entre aquilo que sou e o que me rodeia. É inegável que todo este “universo” está patente nas letras do Insidiouly.

... já agora, este interregno devido ao COVID teve influência na música?

Acabou por não ter.

A única consequência foi o atraso que provocou na edição do disco.

As letras, as tuas opiniões, as tuas ideias, as tuas críticas são suficientes para um dia escreveres um livro ou a biografia dos

RAMP?

Porventura poderiam ser, mas até hoje nunca senti a necessidade de o fazer. Escrever só porque sim, é algo em que não acredito. Se algum dia o fizer é porque senti esse impulso.

Musicalmente, como enquadras «Insidiously» na discografia da banda?

Maturidade.

Pela vossa forma de estar na música, tens ideia de que os RAMP são uma grande influência para muita gente. Como te sentes relativamente a isso? O que dizes a esta malta que está a tentar singrar na música que tal como os RAMP lutam para ganhar alguns “cobres” e dar uns concertos?

Não tenho a consciência disso.

Apenas sei que fazemos o nosso melhor e que tentamos sempre passar bons valores.

O grande conselho que sempre demos foi o de não procurarem a fama. Façam o que gostam.

Se as pessoas gostarem óptimo, se não gostarem (porque vai haver sempre quem não goste) pelo menos vocês gostam do que estão a partilhar de uma forma genuína.

Tu vês os RAMP como uma banda de culto?

Para mim pessoalmente sim, para o resto das pessoas, só eles podem responder.

Passados estes anos todos, talvez possamos reduzir a cena musical no “antes e depois da pirataria”. Se quando lançaram o «Intersection», por exemplo, não havia este veículo de divulgação a que chamamos redes sociais e internet, logo, não havia pirataria mas as vendas eram melhores, já nestes tempos mais contemporâneos isto inverteu-se: Conseguem muito facilmente divulgar a vossa músicas mas as vendas... já nem tanto. Entre o deve e o haver, que época preferes ou se quiseses, o que mais interessaria aos RAMP? Antes ou depois?

Existe atualmente vantagens e desvantagens. Sem me perder a dissecar comparativos muito exaustivos, existe hoje em dia uma questão fulcral que considero transversal a todas bandas, o facto de que os conteúdos musicais, progressivamente, perderam o seu valor. Hoje em dia, para a generalidade das pessoas, a música é gratuita. Sem querer ser um “Velho do Restelo” nem um defensor da “Indústria Musical” gostaria apenas de salientar a mudança de paradigma entre uma suposta “democratização da Música” e a criação de “novos instrumentos de promoção pagos (tão manipuláveis como os antigos) mascarados com a promoção gratuita (de alcance limitado)” assim como de

“ A nossa perspectiva sempre foi a de um trabalho continuado por isso o desejo de uma estabilidade editorial com a Rastilho é uma realidade.

“comercialização pagos” em que as regras mudaram mas não de uma maneira totalmente positiva para as bandas (o nível de income é completamente ridículo e diferenciado por suposta capacidade de negociação da editora/agregador digital para com a empresa de Streaming). Passámos da ditadura da Indústria musical para a ditadura dos likes e visualizações (sempre contabilizados por algoritmos pela nova Indústria digital que vende os seus serviços). Eu tenho uma opinião muito própria sobre esta matéria. Nem o passado nem o presente são a solução. O melhor para os RAMP seria uma nova realidade mais justa para todos.

Numa entrevista que li algures na internet, aquando do lançamento do «XXV – 1988-2013» a tua resposta à pergunta de como vias o futuro dos RAMP foi: “Os RAMP gostam de música e gostam da música que fazem e gostariam, apenas e só apenas, de viver a fazer aquilo de que mais gostam: a sua música”. Passados estes anos todos conseguiram/conseguem viver daquilo que mais gostam de fazer?

Ainda não.

... e agora, depois de «Insidiously» se te perguntar como vês o teu futuro e o futuro dos RAMP, a resposta continua a ser a mesma?
Exatamente a mesma.

Em 2003, salvo erro, tiveste um projecto paralelo aos RAMP – Reaktor – cujo único álbum foi editado pela Nuclear Blast. Neste interregno entre os álbuns dos RAMP alguma vez te passou pela cabeça ressuscitar este projecto ou fazer algo no novo fora da esfera musical dos RAMP?

Não. Estou a 100 por cento nos RAMP

Curioso como é que Reaktor viu o único álbum editado por umas das maiores editoras mundiais ligadas ao Metal mas os RAMP nunca tiveram essa... oportunidade(?).

É daquelas curiosidades que faz a vida ser singular. Nem eu próprio consigo entender o quão injusta por vezes as coisas podem ser. Os RAMP tiveram a sua grande oportunidade na edição do EDR através da Music for Nations e o negócio foi completamente arruinado pelo nosso AR da altura. Parece que andamos sempre desenhados da sorte por muito que por ela trabalhem.

Trinta anos após o «Thoughts» ainda é um objectivo vosso assinar por uma grande editora ou nesta altura das vossas vidas isso já é secundário?

Respondo com uma afirmação nossa que utilizaste numa questão anterior: “Os RAMP gostam de música e gostam da música que fazem e gostariam, apenas e só apenas, de viver a fazer aquilo de que mais gostam: a sua música”. Se para isso for necessária uma grande editora então sim.

... Trinta anos após o «Thoughts» o que vos custou mais ou, se quiseres, qual foi o lançamento mais difícil? Primeiro ou último?
O último.

... Trinta anos após o «Thoughts», há arrependimentos?

Sim, por tudo o que não fizemos, assim como existe o orgulho, por tudo o que fizemos e fazemos.

Facebook
Youtube



RAMP

«Insidiously»

(Rastilho Records)

Treze [13] - O número 13 é o sétimo número de Fibonacci e pode ser escrito de forma única como a soma de dois números primos: 2 + 11. Mas este número é também conhecido por ser o número do azar. Em 2022, será conhecido pelo tempo que os RAMP estiveram sem lançar um álbum de originais - tempo de mais, se querem saber. Muitas mudanças, muitas dificuldades, uma

pandemia... mas e mais uma vez, os RAMP superaram todas as adversidades. Apesar de «Insidiously» não trazer nada de absolutamente novo, não é uma “descoberta da pólvora”, há algo de estranho (mas que depois se enranha), a “dissecação” demorou um pouco mais que o habitual, talvez pela “violência” da concepção ou dos treze anos mas que raio... são os RAMP e estão de volta! No fim e como disse Rui Duarte na nossa entrevista: «Insidiously» “vale (muito) pelo seu todo”. Não será o meu disco favorito da banda, Como fã incondicional (mas racional) dos RAMP, já estava com saudades. «Insidiously» faz-me acreditar que estes gajos continuarão a fazer boa música e não nos farão esperar mais treze anos. De propósito não destaquei qualquer música porque, talvez, a melhor definição foi dada pelo próprio Rui Duarte: “Vale pelo seu todo”. «Insidiously» é um disco à RAMP e os RAMPazes estão de volta!

[8.5/10] EDUARDO RAMALHADEIRO

CURTAS



ANGERPATH

«Forgotten World»

(Deformeathing Production)

Por vezes recebemos na nossa “redação” algumas pérolas vindas directamente de editoras mais pequenas. Uma dessas pérolas foi a reedição do álbum «Forgotten World» dos polacos Angerpath – curiosamente o único álbum deste projecto que é/foi uma “joint venture” entre os músicos dos também polacos NewBReeD e Pachu dos Hostia. «Forgotten World» data de 2007, no entanto, soa completamente fresquinho... como que editado em 2022. Death Metal com uns bem sacados growls old school, apimentados com melodias (q.b.), harmonias e bastante groove. Extraordinariamente bem agradado com este filho único... Ficaré bastante tempo na minha playlist. Agarrem esta reedição!

[8.5/10] EDUARDO RAMALHADEIRO



BLOOD INCANTATION

«Time Wave Zero»

(Century Media)

Ao longo da última década este quarteto norte-americano transformou-se num dos mais refrescantes e trabalhadores do movimento Death Metal. Mas nada nos preparou para o que é este EP (cerca de 30 minutos). Uma viagem pelos sentidos, uma viagem que nos permite sair deste espaço confinado em que nos encontramos. Um paraíso perdido que quase parece saído da mente de Carl Sagan. Percebe-se, de forma clara, que o quarteto não foge ao que tem sido a sua identidade e inspiração, contudo, neste registo a banda eleva a fasquia e nomes como Pink Floyd ou Tangerine Dream parecem ter entrado numa amálgama sonora que vai muito além de Death Metal, sem nunca deixar de o ser. «Time Wave Zero» é um registo planetário que nos deixa a pensar como será o futuro disco da banda. O que ainda pode vir?

[8.5/10] NUNO C. LOPES



BLUES FOR NEIGHBORS

«From Roaming About»

(Road Rat Records)

Parte 2 - Imaginem vocês que dentro do envelope que traz dois CD's dos Angerpath e Sphere, vocês recebem, também, mais dois. Um deles traz na capa um pôr do sol digno dum western americano a banda chama-se Blues for Neighbors e o álbum chama-se... vá, o que leram em cima! Depois do exorcismo dos álbuns anteriores, há que fazer mais outro, já que «From Roaming About» é um álbum de blues, folk/dark folk quase completamente acústico. Este é somente o segundo álbum deste duo polaco que estende um pouco mais os horizontes musicais com recurso ao banjo, bandolim e harmónica. PO e MG, assim se denominam os nomes deste duo, transformam a música death-country/blues num ritual sombrio tocado no meio de um qualquer cemitério abandonado no meio do deserto. Num dia chuvoso e cinzento até soa bem para desanuviar um pouco da música mais extrema.

[7/10] EDUARDO RAMALHADEIRO



CORPSEGRINDER

«Corpsegrinder»

(Perseverance Music Group)

Confesso que de cada vez que um vocalista lança um disco a solo torço o nariz! Assim, é com o nariz torcido que ouço a estreia a solo de George «Corpsegrinder» Fischer, cujo percurso é tão vasto e reconhecido como o seu pescoço. Esta estreia, feita ao longo de 10 temas de puro Death Metal, acaba por ser um disco de quem decidiu não sair da zona de conforto. Aqui, não se trata de ser um disco a solo, nem é isso que está em causa mas, por momentos, este registo é, talvez, o culminar de uma carreira. Ainda temos Jamey Jasta (Hatebreed e dono da recente Perseverance Music), Nick Bellmore (Dee Snider) e o companheiro Erik Rutan (Cannibal Corpse) metidos ao barulho (literalmente!) e tudo faz sentido. Até mesmo a mais recente polémica com Chris Barnes! Corpsegrinder é uma lenda do Death Metal e a sua importância está ao nível do que este disco apresenta. Brutal! Mas e se este fosse o novo de Cannibal Corpse?

[6/10] NUNO C. LOPES



LEASH EYE

«Busy Nights Hazy Days»

(Independente)

Parte 1 - Imaginem vocês que dentro do envelope que traz dois CD's dos Angerpath e Sphere, vocês recebem, também, mais dois. Um deles traz na capa a frente dum camião e uma mulher... a banda chama-se Leash Eye e o álbum chama-se... vá, o que leram em cima! Depois de ouvirem e escreverem sobre Death Metal extremo põem a tocar... Southern/Stoner Rock, tocado por uma banda polaca! Um intervalo tem de ser feito para exorcizar os demónios dos discos anteriores e preparar o espírito e mente para ouvir o disco. Fico com a sensação de que «Busy Nights Hazy Days» é uma versão mais light dos Clutch ou Shinedown. O curioso é que o raio das músicas até se ouvem muito bem e bastante alto, muito, muito groove. Inclusive o órgão Hammond e alguns riffs fazem lembrar Deep Purple. Super agradado com os Leash Eye

[7.5/10] **EDUARDO RAMALHADEIRO**



SPHERE

«Blood Era»

(Deformeathing Production)

Mais um lançamento da Deformeathing Production que nos chegou às mãos e se considerei «Forgotten World» dos Angerpath uma pérola, os Sphere já não entrou nos meus gostos. Death Metal mais extremo, com a voz demasiado gutural que torna impercetível qualquer palavra pronunciada, “salpicada” com gritos demoníacos e bateria tão rápida que tem de ser triggada.

«Blood Era» é o quarto álbum de originais desta banda polaca e que representa uma nova abordagem face ao anterior «Mindless Mass». Apesar de ser demasiado extremo há momentos em alguns temas que me fazem repetir, como é o caso de “Eternal War”. Não fossem alguns riffs de bateria triggados o quais fogem completamente do meu gosto e compreensão musical, este álbum teria outro “sabor”. De realçar, também, os dois convidados Damien Boynton e Dave Suzuki (ex-Vital Remains).

[7/10] **EDUARDO RAMALHADEIRO**



SOMALI YACHT CLUB

«The Space»

(Season of Mist)

Formados em 2020 na cidade de Lviv, os Somali Yacht Club (SYC) são um dos grandes nomes do Stoner/Psych Rock Europeu e, com este «The Space» encerram a trilogia iniciada com «The Sun and The Sea». Tal como o nome indica, «The Space» é uma viagem sem destino aparente. Os SYC entram em territórios menos Stoner e mais psicadélicos e fazem um conjunto de temas

para nos perdermos nestes tempos de caos e, ao mesmo tempo, resiliência. «The Space» é um disco de fuga, um disco feito para os elementos e para os sentidos. Não esperem as guitarras sónicas e distorcidas. Esperem melodias do além que parecem saídas de um qualquer canto emocional guardado nos confins do tempo. Com «The Space» os SYC não terminam apenas uma trilogia ou lançam um novo disco. O que os ucrânicos fazem é zarpar para bem longe. Como nós os entendemos.

[7/10] **NUNO C. LOPES**



THE CASSINI PROJEKT

«Blue Ocean Event»

(Independente)

Mais uma vez, imaginem que em 2022 recebem uma demo digna dos anos 90. Um CD-R TDK, num simples envelope, simplesmente com o nome da banda. Era de o atirar imediatamente para o lixo, certo? Não foi o que aconteceu e quando começam a ler o papel que acompanha o CD a primeira frase que leem é: “Para fãs de Porcupine Tree, Steve Vai e Joe Satriani”. Ficam

curiosos, certo? Ao carregar no play vão já com as vossas expectativas elevadas, certo? Ora muito bem... é aqui que reside o problema: as expectativas saíram goradas, embora não na totalidade. TCP não é comparável aos nomes já mencionados. O Irlandês Alex McDonnell é o responsável musicalmente por tudo que envolve este projecto, à excepção da bateria. Portanto, nota-se desde a primeira nota que é um trabalho independente. De referir que o músico tem bastante talento, tanto ao nível da composição como da interpretação mas nem de perto nem de longe se pode comparar com os Porcupine Tree ou Joe Satriani – precisava, sim, de mão profissional e acredito que estaríamos perante um disco excelente.

[7.5/10] **EDUARDO RAMALHADEIRO**



DUNKELNACHT

Peregrinação

Eis uma palavra frequentemente usada em contextos religiosos que, no caso dos DunkelNacht (uma banda francesa, apesar do nome alemão), anuncia antes a condenação dos três grandes monoteísmos. Era esse o tema do álbum «Atheist Dezekration» (lançado em 2010) e é esse o tema do EP intitulado «Sombre Nuit», que, pela mão da Non Serviam, retoma quatro das suas canções em 2022.

Entrevista: CSA

Saudações! Espero que todos os membros da banda estejam bem. A história de DunkelNacht começa em 2004 e, quase 20 anos depois, a banda propõe-nos um EP contendo 4 canções do vosso primeiro álbum. O que vos levou a tomar essa decisão?

Alkhemor – Sempre dissemos que um dia algumas faixas deste álbum seriam reinterpretadas. De facto, pareceu-nos que era chegado o momento de lhes dar uma nova vida, tocando melhor (fomos

fazendo progressos!) e garantindo uma produção melhor. Tínhamos pensado em fazer isso num dos aniversários da banda, mas depois o tempo, a vida, os projetos fizeram com que tudo se passasse de outra forma. Finalmente, as canções estão prontas. Quase novas. É uma espécie de grande avanço que aconteceu devido a um regresso ao passado. Estamos muito orgulhosos deste EP.
Heimdall – Saudações! A resposta é fácil de dar: a produção da época.

Se bem que tenhamos conservado e até reforçado o nosso espírito “DIY”, temos de confessar que a gravação de «Atheist Dezekration» (2010 – M&O Music) foi difícil. Decorreu entre 2007 e 2009/2010 num caos indescritível. Mas nós estávamos a aprender! Tínhamos deixado de ser uma banda que ensaiava numa garagem para explorarmos o nosso som. Cometemos muitos erros técnicos na altura da gravação, mas tivemos a sorte de ser apoiados por um

engenheiro de som na parte de mistura/masterização. Isso salvou o álbum, mas não obtivemos a estética que queríamos... Em suma, o Alkhemor e eu tínhamos esta ideia de um dia gravar novamente estas canções: escolhemos três e decidimos refazer uma quarta em versão totalmente acústica. Não só estamos bem orgulhosos por termos melhorado a interpretação, mas também por termos finalmente obtido o ambiente desejado ao fim destes anos todos!

E por que decidiram escolher para este EP só canções do primeiro álbum, em vez de as selecionarem no conjunto dos álbuns que lançaram ao longo da vossa carreira?

Heimdall – Porque continuamos satisfeitos com os outros álbuns/EP no que diz respeito à produção: não precisam de ser regravados. Mas nunca se sabe. Por outro lado, parece-me que o tema dos três grandes monoteísmos se adequa bem ao formato EP: não é demasiado longo, nem demasiado curto. Na segunda parte do álbum original, tínhamo-nos dispersado demais em termos de letras, de mensagem. No que concerne à composição, «Atheist Dezekration» surge praticamente como dois EP diferentes formando um conjunto, apesar de este álbum ter unidade musical.

Calculo que estas canções representam para vocês uma espécie de manifesto da essência de DunkelNacht. Foi por essa razão que deram a este EP o título de «Sombre Nuit» (a tradução em Francês do nome da banda em Alemão)?

Alkhemor – Exatamente! As mudanças de vida, o “período COVID”, as mudanças de line up fizeram com que a banda passasse por uma espécie de autoquestionamento. Sentíamos a necessidade de reencontrar as nossas origens, de mergulharmos nelas para podermos pensar melhor no futuro. Isso permitiu-nos rever os nossos verdes anos,

“

[...] o Alkhemor e eu tínhamos esta ideia de um dia gravar novamente estas canções: escolhemos três e decidimos refazer uma quarta em versão totalmente acústica

descobrir que estávamos mais velhos, mas também melhores. Trata-se de uma obra importante para a nossa discografia.

Têm preferência por alguma das canções?

Alkhemor – Para mim é “Oligarchislamisme”. Trata-se de uma canção brutal, sem entraves e muito rica do ponto de vista da melodia.

Heimdall – Eu também gosto de “Oligarchislamisme”, pela sua simplicidade. Mas a minha preferida é «Étau Chrétien», porque apresenta imaturidade/despreocupação/espontaneidade ao mesmo tempo que combina as melodias mais épicas dentre o repertório daquela época!

E como decorreu o processo desta vez? Com certeza, as letras das canções e a música não sofreram alterações, mas certamente puseram na sua interpretação a experiência dos 12 anos, que viveram entretanto. [Sente-se a vossa maturidade artística na voz e na música.]

Heimdall – Eu sou o principal compositor do nosso primeiro

álbum: «Atheist Dezekration».

Por conseguinte, sentei-me com a minha guitarra e comecei a tocar estas canções (que já não tocamos ao vivo há muito tempo), a rearranjá-las, tirando e acrescentando partes e adaptando-as à nossa identidade mais Black/Death Metal que fomos desenvolvendo ao longo dos tempos. O primeiro escolho a evitar foi descaraterizar excessivamente as canções. Também foi preciso refazer as letras com o Alkhemor.

Alkhemor – Na realidade, tivemos de rever alguns textos, porque havia partes demasiado longas ou coisas que precisavam de ser melhoradas. Em contrapartida, não alterámos nada no sentido dos textos. A voz representou um grande desafio, porque eu e o Heimdall registámos tudo. Não era a nossa função na banda. De facto, até aí todos tínhamos dirigido o grupo e o processo de composição, mas costumávamos confiar a técnica vocal a uma terceira pessoa. No fim de contas, estou muito satisfeito com o resultado.

Os títulos das quatro canções referem-se às religiões monoteístas mais conhecidas. Querem comentar esta ideia?

Alkhemor – Trata-se de um tema clássico na cena Black Metal. Na altura, queríamos encaixar-nos nesta “regra”, tratando este tema de forma original. Por exemplo, não queríamos meter-nos no domínio do satanismo. Cantar estes textos mais de 10 anos depois não me perturbou, porque o assunto é sempre atual, infelizmente... Apesar de termos evoluído, as nossas convicções profundas continuam a ser as mesmas.

Aparentemente, a capa do álbum faz-nos pensar no catolicismo, porque o que se vê à primeira vista é um crânio com uma espécie de mitra. Contudo em cima da mitra, podemos ver os símbolos do judaísmo, do cristianismo e do islamismo. Está muito bem pensada.

- Quem vos fez esta ilustração?
Heimdall – Obrigado. A bem dizer,

foi a minha esposa que desenhou a ilustração para a capa do álbum. Também já tinha concebido a capa do nosso single «Biss der Engel». De seguida, encarreguei-me dos retoques e da cor recorrendo à infografia.

- A maneira de exprimir a essência do EP foi concebida por um dos membros da banda ou vários? Ou foi uma ideia do artista?

Heimdall – A ideia foi nossa, mas trabalhada por um artista gráfico. O projeto original era implementar um código de cores baseado no azul glacial da capa original. O esqueleto/crânio é um elemento indissociável do nosso visual desde sempre, porque representa o género humano e tem algo de tribal, de primitivo. É curioso teres visto uma “mitra”. Mas também se pode ver chamas que compõem os cabelos do crânio/personagem.

- Gosto muito dessa imagem; o estilo geral é conciso, as cores são sombrias, mas a imagem inclui um jogo de sombra e luz que chama a atenção. A vossa artista trabalhou

muito bem. Que pensam deste produto final?

Alkhemor – Parece-me muito simplesmente que é o melhor resultado que obtivemos até agora. É equilibrado e as cores são fascinantes... A próxima ilustração representará um verdadeiro desafio!

Este EP anuncia um álbum próximo?

Heimdall – Vai haver um quarto álbum, efetivamente! Mas ainda não sabemos quando isso vai acontecer, porque nós demorámos sempre tempo, para obtermos a melhor qualidade possível. Não deixamos nada ao acaso e aprendemos muito com os nossos erros. Já escrevemos umas quinze canções e está na hora de fazermos a triagem e de as organizar em função dos nossos futuros lançamentos: um single, um EP ou um álbum.

Facebook
Youtube



ISLAND IN LIMBO TOUR

HAKEN

BETWEEN THE BURIED & ME

EU/UK

WITH
Cryptodira

2023

12.03.2023 • LISBOA • LAV LISBOA AO VIVO
13.03.2023 • PORTO • HARD CLUB

6+

WWW.PRIMEARTISTS.EU | [FB.COM/PRIMEARTISTSPT](https://fb.com/primeartistspt) | [INSTAGRAM.COM/PRIMEARTISTSPT](https://instagram.com/primeartistspt)

Prime
ARTISTS

»TICKETLINE

LOUD!

LAV
LISBOA AO VIVO

61 YEARS MAGAZINE
HARDCLUB

SAOR

Das origens e do futuro

Andy Marshall, a “alma” de Saor, responde às perguntas da Versus Magazine sobre o novo álbum e fala-nos dos seus planos para o futuro. «Origins» é uma reflexão sobre a História de antigos povos escoceses conhecidos por Pictos apresentados como um símbolo de liberdade.

Entrevista: CSA



Saudações, Andy! Espero que esteja tudo bem contigo! Aqui temos um novo álbum intitulado «Origins». Parto do princípio de que se refere às origens do teu povo. Tem também algo a ver com as tuas origens pessoais (e não estou a referir-me apenas à nacionalidade)? Podemos dizer que se trata de uma reflexão sobre as tuas raízes?

Andy Marshall – Tem a ver com as origens da Escócia. Sempre me senti ligado ao passado e sempre experimentei uma obsessão pela História. Nunca tinha abordado o tema dos Pictos, portanto pareceu-me que tinha chegado a altura de o fazer. Trata-se de um grupo de povos da antiga Escócia que estão rodeados por uma aura misteriosa. Pouco sabemos sobre eles a não ser que nos legaram uma impressionante coleção de gravações em rocha.

Qual é a principal mensagem deste álbum? Tem alguma coisa a ver com o mundo em que vivemos agora?

Eu espero que este álbum funcione como uma forma de escapar ao mundo moderno, que seja uma espécie de portal de acesso a outro tempo. Quero que as pessoas se sintam imersas na minha música, desliguem e se esqueçam dos problemas que têm. Quero que desliguem os seus telemóveis e vão fazer uma caminhada com fones e ouçam o álbum.

Calculo que a “muralha” a que te referes é a Muralha de Adriano. [Fiquei fascinada por essa muralha desde a primeira vez que ouvi falar dela.] O que significa ela para ti pessoalmente, isto é, como um indivíduo?

Na realidade, o álbum refere-se à Muralha de Antonino, que foi construído ao longo da linha central da Escócia para manter ao largo os Caledónios e os Pictos. Também me sinto fascinado por este período da História e pela ocupação romana da Grã-Bretanha. Esta muralha simboliza a separação entre a tirania e a liberdade. As tribos que viviam para além da muralha eram povos livres, não

estavam submetidos ao império romano. Quando pensas nos vastos territórios que o império abrangia, é muito surpreendente constatar que os romanos nunca conseguiram conquistar a maior parte da Escócia.

Há alguma canção no álbum que prefiras em relação às outras, que tenha um significado para ti?

A minha favorita é “The Ancient Ones”. Fala de guerreiros pagãos que vão para a batalha com os deuses a seu lado. Gosto muito da mistura de elementos atmosféricos celtas e de riffs pesados. É a canção em que eu reconheço o meu melhor desempenho vocal. Vai ser maravilhoso tocar ao vivo!

Como te organizaste para compor a música, escrever as letras e gravar o álbum?

Não faço a mínima ideia de como isso aconteceu! Eu tenho as ideias, faço as demos e depois articulo tudo. Não há nenhum método especial no que eu faço, apenas acontece. Gravei tudo eu mesmo no meu pequeno

estúdio na Escócia, à exceção da bateria. O plano original era voar até à Alemanha para me reunir com o Lasse Lammert (LSD Studio) e gravar o álbum com ele. Infelizmente, por causa da COVID, acabei por não poder viajar. Ele acabou por ter de gravar novamente as guitarras, para depois misturar e masterizar.

Posso dizer que decidiste que este álbum seria mais instrumental, usaste menos a voz (embora esta seja também um instrumento)?

Mais uma vez, tenho de dizer que não é intencional. Acrescentei linhas de voz, quando me pareceu necessário, e deixei a música seguir o seu caminho.

Por falar de vozes, a voz da Sophie combina muito bem com a tua em «Origins». Ela tem estado contigo desde 2019 (informação proveniente da Metallum), portanto já teve tempo de se habituar à banda. Como aprecias a sua colaboração? [Reparei que o apelido dela passou a ser Marshall.]

Ela é a minha esposa, portanto não tem escolha no que toca a essa matéria! Haha! A voz dela é espantosa e eu estou realmente grato por ela ter concordado em cantar comigo no novo álbum. Não é um membro a tempo inteiro da banda ao vivo, mas participou em alguns concertos no passado. Não me parece que ela se possa envolver muito na banda no futuro, porque estamos à espera do nosso primeiro bebé em outubro.

Se alguém te perguntar o que é novo e original em «Origins», o que responderias?

A primeira coisa em que as pessoas vão reparar é que as canções são muito mais curtas do que é

costume na minha música. Não foi algo que eu tivesse planeado, aconteceu naturalmente quando eu estava a compor as demos. A música está sobretudo focada nas guitarras. Tem riffs pesados, muitas partes com duas guitarras e solos.

«Nunca tinha abordado o tema dos Pictos [...] Trata-se de um grupo de povos da antiga Escócia [...] rodeados por uma aura misteriosa.

Ouvi muito Iron Maiden durante o confinamento, portanto devem notar-se algumas influências. Há mais secções com voz limpa neste álbum do que nos anteriores e a minha voz áspera está mais próxima do Black Metal do que os rosnidos que usava no passado.

Identifico na capa do álbum três elementos da tua cultura: mar, montanhas e menires. Foi escolha tua? Sugestão do artista? Diz-nos algo sobre a Anaïs Mulgrew e a forma como trabalhaste com ela.

As pedras referem-se aos monumentos dos Pictos, que podemos encontrar por todo o lado, no norte e no leste da Escócia. Todas essas pedras ostentam gravações que representam muitas coisas como batalhas, animais mitológicos e símbolos cujo sentido desconhecemos. O pano de fundo inspira-se nas Fairy Pools da ilha de Skye. Era um local que eu costumava visitar quando era mais novo e deixei-me inspirar pela beleza natural da área. Há anos que trabalho com a Anaïs. Ela fez os desenhos para muito do meu merchandising e somos amigos, portanto fez sentido para ela criar o artwork para este álbum.

A propósito, quem fez o logo para a banda? O que representa?

O logo foi desenhado pela Kogaion Art em 2013. Representa a natureza e a herança celta da Escócia. O tríscele entre as hastes do veado representa a nossa antiga herança pagã.

E o que tens a dizer-nos sobre concertos? Tencionas dar concertos agora que as pessoas têm menos medo da pandemia? Que músicos irão estar contigo? Os que gravaram o álbum?

Temos muitos concertos

planeados para o resto deste ano. No próximo mês, temos o concerto de lançamento de «Origins» no Slay em Glasgow. Vamos participar em vários festivais: Cernunnos Rock Fest (Itália), Metal Days (Eslovénia), ZappenDuster Open Air e Party. San Metal Open Air (Alemanha). Vamos abrir para Gaahl's Wyrdr na sua digressão europeia, que começa a 30 de setembro. Podes verificar as datas no nosso sítio oficial, nas redes sociais ou no Bandsintown. Estamos também a planear alguns espetáculos para mais tarde no ano, mas também ainda não estão confirmados. O Dylan Watson (Cân Bardd) é o único músico que colaborou comigo na gravação do álbum. Vive na Suíça, portanto não poderá juntar-se a nós nos concertos. Vou andar em digressão com os meus músicos de sessão que vivem na Escócia.

Queres deixar alguma mensagem para os nossos leitores?

Obrigado pelo apoio e espero que possamos ir tocar no vosso belo país num futuro próximo.

Facebook
Youtube



Momento de retrospectão

Jake Superchi fala-nos do lançamento comemorativo dos 25 anos de carreira de **CEREMONIAL CASTINGS**, relacionando o seu percurso nessa banda com o caminho percorrido com Uada e descrevendo os planos traçados para ambas as bandas.

Entrevista: CSA | Foto: Veleda Thorsson

Saudações, Jake! Como tens passado? Espero que todos os membros da banda estejam bem. Este lançamento destina-se a comemorar o 25.º aniversário de Ceremonial Castings. Quais foram os melhores momentos destes anos? E os piores?

Jake – Obrigado pela entrevista. Tenho estado bem e tenho-me mantido tão ocupado quanto possível com imensas coisas. Olhando para os 25 anos que passaram, parece-me difícil escolher os melhores e os piores momentos. Partilhámos muitas memórias maravilhosas, mas também momentos negros. A adversidade leva sempre à prosperidade, na minha opinião, portanto não vale a pena fazer distinções entre os momentos, porque eles estão todos ligados entre si. Tudo serve para aprender. Posto isto, eu diria que os melhores momentos são os que estamos a viver agora, porque estamos novamente juntos e a trabalhar em música e arte.

Conheço-te de Uada. Ceremonial Castings também é uma banda de Black Metal, mas parece-me que são bastante diferentes. Podes sublinhar as diferenças entre as duas bandas? [Reparei que a Metallum e a vossa editora usam a expressão “Bewitching Black Metal”!]

Sim. Embora as duas bandas sejam semelhantes em muitos aspetos, também se distinguem por algumas diferenças. Do meu ponto de vista, Uada representa uma evolução no meu estilo de composição, que se manifestou quando deixei Ceremonial Castings em 2014. Muitos dos riffs, das estruturas das canções e dos padrões vocais são semelhantes em tudo o que faço, porque é um estilo que eu criei e a que dediquei as minhas competências. É claro que CC é uma banda de Black Metal Sinfónico old school, enquanto Uada se foca mais num estilo Rock N Roll e Heavy Metal, embora, se ouvires com atenção, também encontres marcas desse som em

CC. É claro que os temas líricos são também um tanto diferentes. Em Uada, escrevo sobre experiências de vida mais pessoais. Centro-me mais na minha jornada espiritual. Em CC, baseava-me sempre mais num tópico ou na minha obsessão pelos lados mais negros da vida: feitiçaria, ocultismo, morte, etc...

Como consegues estar em duas bandas notáveis ao mesmo tempo? Deve ser um tanto complicado.

Provavelmente, não durmo o que preciso, mas estou a trabalhar para alcançar o equilíbrio. Tudo na vida deve ser equilibrado e é importante determinar onde pôr o foco e quando. Trabalho sobretudo com base no sentimento e capitalizo na energia, portanto, quando me sinto motivado e com energia para fazer uma determinada coisa, foco-me exclusivamente nesse trabalho. Tento não misturar demasiado as linhas, mas, por vezes, não tenho alternativa. O confinamento gerou mais tempo livre para explorar e trabalhar em diversos projetos ao mesmo tempo. Tenho a certeza de que, quando pudermos novamente fazer digressões, tudo se tornará mais desafiante. Mas tudo virá a seu tempo. À medida que vou ficando mais velho, vou tomando consciência da importância de gastar tempo a garantir que as coisas ficam bem feitas.

A propósito, por que sentiste a necessidade de ter uma outra banda?

Quando fiz um hiato em CC, em 2014, para criar Uada, queria fazer algo diferente, que estivesse mais alinhado com o meu atual estado de espírito. Havia coisas que eu precisava de provar a mim próprio e que estavam a acontecer. Agora que sinto que já atingi uma pequena parte dos meus objetivos, podem abrir-se outras avenidas para eu explorar. Uada dá-me tudo o que o que quero e de que preciso, portanto retomar CC é mais propriamente algo que faço para que os meus colegas da banda sejam ouvidos e obtenham

algum do reconhecimento que merecem pelo seu talento musical. Dedicámo-nos todos muito a este trabalho e devolvemos alguma história da banda aos nossos fãs e seguidores.

Parto do princípio que o Old Nick (o teu irmão) é a alma da banda. É assim?

Desempenha um papel muito importante na banda e tem um talento incrível. O seu ouvido e a atenção que dedica aos detalhes da música não têm par, na minha opinião.

Quem faz o quê em Ceremonial Castings? Que parte desempenhas na banda (para além de seres o vocalista)?

O meu irmão Old Nick é o teclista, o Matt Mattern (o original Bloodhammer) está na bateria desde 2004 e eu ocupo-me da guitarra, do baixo, escrevo as letras e asseguro a voz. Antes do Matt se juntar à banda, eu também tocava a bateria. Também me encarrego o melhor que posso das relações públicas e da visão artística.

As duas bandas têm a mesma editora (a Eisenwald). Isso cria algum problema?

De modo nenhum. A Eisenwald falou-me de lançar algum material antigo de CC e nós decidimos regravar esse material para o partilhar. Termos a duas bandas na mesma editora torna as coisas mais fáceis, porque posso tratar de tudo com as mesmas pessoas, em vez de multiplicar os contactos. Mantemos uma boa relação com a editora e estou ansioso por continuar o trabalho com eles no futuro.

E também têm o mesmo artista gráfico a trabalhar convosco: o fantástico Kris Verwimp. Como obtêm dele arte diferente?

É verdade, já trabalho com o Kris pessoalmente há 18 anos e ele criou muita arte para vários projetos meus. Não é difícil para mim levá-lo a criar arte diferente para as bandas. Limito-me a



“A adversidade leva sempre à prosperidade, na minha opinião, portanto não vale a pena fazer distinções entre os momentos, porque eles estão todos ligados entre si. Tudo serve para aprender.”

abordar o Kris para lhe apresentar as minhas ideias e depois deixo-o fazer aquilo em que ele é excelente. Tenho a certeza de que a música de cada projeto evoca nele diferentes sentimentos e criações.

Como se organizaram para gravar este álbum durante a maldita pandemia?

CC sempre trabalhou com base na partilha de ficheiros e na autogravação e foi esse o processo que usámos desta vez. Eu gravo as minhas guitarras e mando tudo ao Matt para ele gravar a bateria. Quando a gravação da bateria está pronta, eu volto a gravar as guitarras e também gravo o baixo, de acordo com a bateria. Quando esse trabalho termina, envio os ficheiros ao Nick, que grava então os teclados e depois eu acabo o trabalho gravando a voz e concluindo a mistura.

Parece-te que a evolução da pandemia vos vai permitir fazer concertos em breve?

Eu sei que Uada se está a preparar

para um ano intenso e eu estou muito esperançado relativamente a isso. No que diz respeito a CC, de momento não temos planos para fazer concertos ao vivo. Presentemente, estamos focados na composição e na gravação. Se surgir alguma oportunidade de tocarmos ao vivo e isso nos parecer tentador, talvez o façamos, mas, para já, temos tudo o que precisamos para nos manter ocupados e contentes.

Onde gostariam de ir em digressão? E com que bandas gostariam de partilhar o palco?

Irei onde quer que a estrada me leve. Estou ansioso por viver uma aventura e é sempre fantástico poder visitar diferentes partes do mundo. Penso que neste momento gostaria sobretudo de ir a sítios onde ainda não tenha estado. No que diz respeito a bandas com quem gostaria de partilhar o palco, tive a sorte de poder tocar com muitos dos heróis da minha infância. É sempre uma honra tocar com essas bandas. Para além delas, terei muito gosto em tocar com

quaisquer artistas que ponham paixão naquilo que fazem.

Uma última pergunta: sei que és um descendente de Nathaniel Hawthorne, o autor de “A Letra Escarlate”, uma reflexão sobre a sociedade puritana e os seus valores. Esse facto tem alguma influência nos temas que a banda aborda e nas tuas letras?

Sem dúvida. Estamos contra muitas das restrições que o puritanismo impõe à vida e à mente. É algo que nos está no sangue. Faz parte do que somos e da nossa herança, portanto é algo a que não podemos escapar. Qualquer experiência humana tem paralelos. A História repete-se e, mesmo quando as coisas parecem diferentes ou até “melhores”, verificamos que o núcleo duro é sempre o mesmo. Já falámos muito sobre os escritos de Nathaniel e pretendemos homenageá-lo mais vezes nos nossos futuros trabalhos.

Facebook
Youtube

Playlist

Adriano Godinho

Gaerea - Mirage
Ozzy Osbourne - Patient Number 9
Machine Head - Of Kingdom and Crown
Aristocrats - You Know What...?
Heilung - Drif

Carlos Filipe

Gerald Peter Project - Incremental Changes, Pt. 2
Nick Vasallo - Apophany
The House Horror - Tribute Collection
Axel Rudi Pell - Lost XXIII
Michael Romeo - War Of The Worlds, Pt. 2

Cristina Sá

Avantasia - Moonglow and A Paranormal Evening with the Moonflower Society
Hissing - Hypervirulence Architecture
Mayhem - De Mysteriis Dom Sathanas and Grand Declaration of War
Nebran - Of Long Forgotten Times
Saxon - Carpe Diem
Tribulation - Where the Gloom Becomes Sound and The Children of the Night

Eduardo Ramalhadeiro

The Interrupters - Live in Tokyo
Dropkick Murphys - Going Out In Style
Avantasia - A Paranormal Evening with the Moonflower Society
Richie Sambora - Undiscovered Soul
Cinderella - Long Cold Winter

Emanuel Roriz

Turnstile - Glow On
Ghost - Impera
Mão Morta - No Fim Era o Frio
The Halo Effect - Days Of The Lost
Toto - IV

Ernesto Martins

Samson - Head On
Samson - Shock Tactics
V/A - Metal for Muthas, Vol. 1
Funeral Mist - Deiform
Crimson Glory - Strange and Beautiful

Gabriel Sousa

H.E.A.T. - Force Majeure
Xutos & Pontapés - Gritos Mudos
The Mission - Carved In Stone
Cacophony - Go Off!
Thundermother - Black & Gold

Gabriela Teixeira

Hangman's Chair - A Loner
The Coffinshakers - The Coffinshakers
Morphine - Good
Bjorn Riis - Everything to Everyone
The Clash - Combat Rock

Helder Mendes

Brutal Truth - Need To Control
Paradise Lost - The Lost and the Painless
Wilderun - Veil of Imagination
Candlemass - From the 13th Sun
Censurados - Sopa

Hugo Melo

Arch Enemy - Deceivers
Cavernous Gate - Voices from a Fathomless Realm
Machine Head - Of Kingdom and Crown
Blind Guardian - The God Machine
Sinistro - Live At Roadburn

Ivo Broncas

Lamb of God - Omens
Hatebreed - Weight of the false self
Mastodon - Hushed and Grim
Gojira - The way of all flesh

João Paulo Madaleno

Amorphis - Halo
Dominia - The Withering of the Rose
Månegarm - Ynglingaättens Öde
Moonshade - As We Set The Skies Ablaze
Evocation - The Shadow Archetype

ANTRO

Por: Carlos Filipe

DE FOLIA

Um filme é uma colaboração em equipa, onde cada um tenta expressar o seu melhor na arte que apresenta sabedoria, deixando o realizador com a última palavra. Os produtores de Die Hard, souberam enquadrar-se dos melhores técnicos que a indústria de Hollywood (e europeia também) tem, selecionando de forma a que cada um deles traga o seu savoir-faire e criatividade para construir um filme da melhor forma possível, o qual no momento de começar a filmar, é sempre uma pura incógnita o seu sucesso futuro e se marcará ou não o género cinematográfico. Foi assim que Die Hard começou a moldar-se e criar forma no cinema de acção que conquistou.



O primeiro elemento da dream team foi o director de fotografia, o neerlandês Jan de Bont. Jan fez carreira com o seu conterrâneo Paul Verhoeven (Robocop, Basic Instinct, Starship Troopers) nos Países Baixos e migrou para uma carreira sólida em Hollywood como director de fotografia e posteriormente como realizador, mal sucedido, onde me vem logo à memória aquele desastre chamado Speed 2.

O trabalho de Jan vê-se neste filme, onde, junto com John McTierman (McT), definiram o aspecto do filme, dando-lhe um ar moderno e contemporâneo, conferindo-lhe uma forma particular de captar a emoção e não de simplesmente seguir a acção. Durante a pré-produção conseguiram elaborar um plano para dar um aspecto fresco, moderno e realístico, no sentido estreito do documentário fazendo sentir a acção ao espectador como real onde a câmara simplesmente acontecia estar lá.

O segundo foi o editor Frank J. Urioste, que vindo de uma família de músicos, tinha a sensibilidade necessária para orquestrar a edição do filme, que neste capítulo, estava a quebrar as regras de filmagem com a sua fotografia fluida tal uma composição musical, a qual ajudou a elevar o filme. Urioste nunca tinha trabalhado com McT ou Joel Silver mas tinha assinado a edição do filme sensação de 1987, Robocop.

A terceira foi a directora do guarda-roupa Marilyn Vance que acabou por definir uma das chaves do filme: A elegância do vilão, Hans Gruber. Esta foi uma das razões que está na base para o vilão ter sido tão marcante – a outra é a representação monumental do próprio Alan Rickman – apenas pela definição do seu guarda roupa. Alias, o guarda-roupa num filme, tem o papel fundamental de dar contexto e corpo às personagens, sendo por isso tão importante como qualquer outro aspecto de um filme. Marilyn Vance quis que os supostos terroristas europeus, vestissem roupas europeias e não qualquer roupa comprada no shopping center local que os Americanos identificariam de imediato. Viajou para a Europa e comprou os fatos e gabardine do vilão, tal como todas as roupas que os terroristas vestiram. O profissionalismo levado à perfeição. Estamos apenas a falar de um filme, mas são estes detalhes que depois se vê no ecrã e fazem a diferença entre um blockbuster e um filme de menor linha. As filmagens decorrem dentro da normalidade. A maior parte do filme foi filmada de noite. O argumento ia sendo alterado por Steven E.



Die Hard forever!

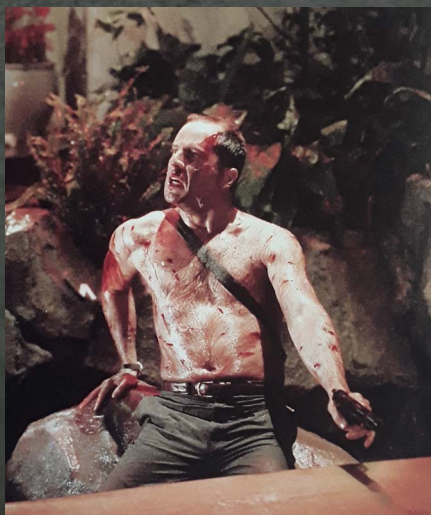
(part II)

DeSousa à medida que iam avançando na história.

Uma dessas alterações é a cena chave em que o protagonista e o vilão se encontram cara a cara pela primeira vez. Uma das cenas mais icónicas do filme, onde Hans Gruber vai verificar as cargas explosivas e salta literalmente para a frente de McClane, fazendo-se passar por "Bill Clay". Esta cena foi possível somente porque o extraordinário actor inglês conseguiu fazer um perfeito sotaque americano da Califórnia, o qual começou como uma brincadeira mas foi o suficiente para colocar a mente de DeSousa em ebulição. McTierman filmou vários takes para ter a certeza que não se percebia o sotaque da língua mãe, o inglês, de Alan Rickman. Mas esta cena pôs um problema, pois para funcionar, John McClane não poderia ter visto Hans Gruber antes, cena onde mata Takagi. Assim, reorganizaram o posicionamento dos protagonistas nessa cena afim de bloquearem a visão de Hans por parte de McClane. O cinema é puro movimento, é um fluido viscoso que pode mudar de forma ou posição a qualquer momento.

Tenho mencionado muito aqui Alan Rickman, que incarnou e esculpiu um dos melhores vilões que o cinema tem para oferecer. Mas, se calhar o que não sabem é que ele esteve quase para fazer as malas e sair do filme quando os executivos do estúdio viram os primeiros rushes

- filmagens. Foi necessário puxar dos galões e ter toda a equipa do lado dele para convencer os executivos de que o trabalho de Rickman estava a ser extraordinário neste filme. De facto a presença de Rickman num filme de acção foi algo contra natura, pela sua natureza teatral e o quebrar dessa regra foi o elemento mais diferenciador de Die Hard. Hoje e sempre há uma concepção errada de que fazer um filme de acção requer menos trabalho, menos talento e não é comparável com um filme mais dramático. Neste caso em particular, completamente o oposto. Eu acho que Alan Rickman devia ter sido, no mínimo, nomeado para melhor actor num papel secundário. Um dos momentos chave da personagem de Alan Rickman, Hans Gruber, como para qualquer vilão de um filme, é a sua "morte". E a morte de Hans Gruber na tela, é um dos momentos mais carismáticos de Die Hard, quer pela expressão de terror emanada pela sua queda para trás, do trigésimo e tal piso do Nakatoma Plaza, quer pela surpresa da arma nas costas de John McClane, onde numa situação impossível para o protagonista, este consegue salvar o dia, ou seja, matar o mau da fita e salvar a sua amada, a esposa. O que faz esta cena marcante, é o facto de o próprio actor ter feito a cena em vez de um duplo. Com um duplo, a cena nunca poderia ser filmada com um close up da cara de Rickman a cair para trás desemparrado. John McTierman conseguiu persuadir Alan Rickman a fazer a proeza e cair 8 metros sempre a olhar para a camera em vez de olhar para onde irá aterrar - Um enorme airbag em azul cromático - e conseguir manter a arma "in camera" como se diz no meio. "Sim, eu faço-o deste que consiga ter algum treino" - disse Rickman. O plano foi filmado às 3 da manhã com

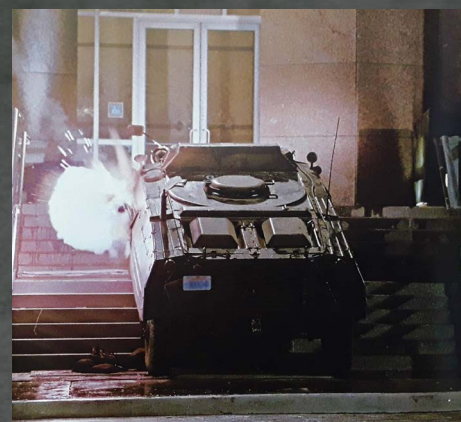


ANTRO DE FOLIA

Alan Rickman preso a um arnês de segurança com um destravar rápido. A ideia era largá-lo à contagem de 3 mas McTierman disse para o largarem logo no 1. O take que está no filme é o primeiro e único take que fizeram. São 4 segundos de puro terror facial. E desta forma ficou gravado para todo o sempre a expressão de terror de uma queda livre de 8 metros. Este foi o último plano filmado do filme.

Depois de fechadas as filmagem e posto o filme nas caixas, chega o momento da pós-produção e de um dos seus momentos major, a edição. É na sala do “corte” que o filme finalmente vê ganhar forma, vai contar-mos a história, pois só na edição, quando juntamos as cenas filmadas é que o somatório pode dar conta certa, e no caso de Hollywood, a conta certa é só uma: o sucesso. O orquestrador para o sucesso de Die Hard foi o editor Frank J. Urioste, que assinou entre outros a montagem de Instinto Fatal, Robocop, Road House, Cliffhanger ou Arma Mortífera 4, nunca tendo trabalhado com McTierman antes e dado que têm ambos uma forte personalidade, não foram as ocasiões de divergências artísticas que os fizeram colidir, mas neste caso o beneficiário final foi mesmo o filme.

Urioste recusou-se sempre a mostrar o seu trabalho em progresso, ameaçando mesmo demitir-se se o obrigassem a isso. No entanto, uma noite, Joel Silver lá conseguiu o persuadir para mostrar qualquer coisa, e este, pegou na sequência em que Takagi é morto, acrescentou-lhe a música da Arma Mortífera – coisa comum quando a banda sonora ainda não disponível – e entregou a Silver. Este ficou de tal forma estarecido com o que viu, que nunca mais o chateou com a edição do filme até ele completar a primeira montagem crua. Muitos cortes e recortes depois e com todos os efeitos especiais adicionados, mas ainda sem a partitura de Michael Kamen – O maestro por detrás do sucesso do S&M dos Metallica – mas com outra temporária, e a passagem obrigatória pelo “lápis azul” da censura cinematográfica MPAA, chegou finalmente o momento de Urioste mostrar a montagem final a Silver, Willis e todos os outros produtores e executivos do estúdio. A película começou a rodar, estavam todos os doze presentes excitados com o que estavam a ver quando passaram 20 minutos de filme se houve John McTierman dizer “Oh Shit!”. O realizador apanhou um erro maior. Quando o gangue do Gruber chega no camião logo no início, é visível que o camião está vazio apenas com o gangue lá dentro. Ora, todos sabemos que eles retiram lá de dentro uma ambulância para a fuga no final do assalto, revelando assim um erro monumental de continuidade, daqueles que salta logo à vista. Isto aconteceu porque a ideia de utilizar a ambulância apenas veio três semanas antes de acabarem as filmagens. Se fosse hoje, este tipo de problemas seria facilmente “apagado” com recurso aos efeitos visuais de computadores, mas na altura, a única ferramenta plausível era o corte cru e duro. Assim, Urioste reorganizou o plano para que não fosse perceptível a falta da ambulância dentro do camião. Infelizmente, esse corte teve um efeito de borboleta, pois a parte cortada incluía Hans e a sua equipa a sincronizarem os seus relógios... que eram todos iguais! Mais tarde, na cena de Hans a fazer-se passar por Bill Clay e John Mclane, onde este lhe dá



uma arma, McLane percebe que Hans é um terrorista e não um refém quando este acende o cigarro, simplesmente porque ele vê que tem um relógio igual ao terrorista que liquidou antes. Como o público, nós todos, nunca conseguimos fazer a ligação por elipse, ficou até hoje no ar que o homem era “psíquico”, acabando a cena original por fazer algum sentido devido ao “faro de detective” e assim passou entre os pingos da chuva. Apesar deste problema, a versão apresentada foi sensacional, o screen test que arranjaram foi bombástico com os scores a atingirem níveis altíssimos e o público completamente eufórico. A confiança em que estavam [os produtores e executivos] os presentes foi tal que os que achavam o filme demasiado longo, agora, não queriam que o editor lhe tocasse com um dedo. Urioste bem queria aprumar e polir a versão final (final cut) de Die Hard mas Joel Silver opôs-se veementemente e assim, o filme que saiu nos cinemas e conhecemos hoje nos múltiplos suportes físicos é a primeiríssima e única versão de Die Hard e o resto é história. Após a estreia a 15 de Julho de 1988, o filme foi sempre em crescendo até se tornar hoje um clássico do cinema de acção. Marcou o cinema de acção para sempre e dificilmente haverá algo similar que o possa destronar. Originou até hoje 4 sequelas, Assalto ao Aeroporto (Die Hard 2, 1990) de Renny Harlin, o mesmo conceito num gimmick diferente, desta vez, adaptado do livro “58 minutos”, mas agora num aeroporto em Washington, que deu o nome em Portugal “Assalto ao Aeroporto”, no qual o protagonista resume muito bem com uma das falas mais icónicas do filme: “Como é que a mesma porcaria acontece ao mesmo gajo duas vezes!”; Die Hard com vingança (Die Hard With a Vengeance, 1995) de John McTierman, mais uma vez em Nova Iorque e a única sequência que consegue rivalizar em qualidade com o original, onde John McLane tem de combater um outro assalto feito pelo irmão de Hans Gruber, Simon Gruber (Jeremy Irons) com a ajuda de Samuel L. Jackson; Die Hard 4.0 – Viver e Morrer (Live Free or Die Hard, 2007) de Len Wiseman, onde com a ajuda de um hacker (Justin Long), McLane vai combater o cibercrime, e, 12 anos depois de Die Hard a Vingança cheira um bocado a mofo; E finalmente Die Hard: Um Bom Dia para Morrer (A Good Day to Die Hard, 2013) de John Moore que de melhor só mesmo o trocadilho do título em inglês. John McLane vai até à Rússia para ajudar o filho (Jai Courtney) dos sarilhos em que se meteu. E felizmente, die hard 6 foi cancelado pelos novos donos da FOX, a Disney, porque a ver pelo último filme, só se quisessem bater o score no IMDB do A Good Day to die Hard. Mas como diz o título do único James Bond fora da série, “nunca digas nunca” ou como se diz na margem sul, “jamais”, nunca se sabe. Para já, a última interação de Die Hard e John McLane é um anúncio de 2020 “DieHard is Back” para as baterias de mesmo nome. Para todos aqueles que nunca viram a série dos filmes Die Hard ou já não se lembram das histórias, podem sempre ver um “resumo” dos quatro primeiros filmes com o vídeo clip da canção dos Guyz Nite “Die Hard”. Yippee-ki-yay, motherfucker!



PALETES

Por: Carlos Filipe

Daemonicus - «Eschaton» (Suécia, Death Metal)

DAEMONICUS regressa com o seu trabalho mais confiante e brutal até hoje, «Eschaton». Um álbum conceitual com faixas empolgantes e uma mistura esmagadora de death metal moderno e old school. Esta é uma obra-prima do death metal sueco. (All Noir)



Fimir - «Tomb Of God» (Finlandia, Doom Metal)

Emergindo das cinzas dos CHURCH OF VOID, há uma nova força surgindo para seguir um caminho em nome do doom: FIMIR. «Tomb Of God», a estreia da banda, é uma mera faísca no escuro e um eco distante de riffs esquecidos, faixas cósmicas pesadas que libertam uma mistura fascinante de doom metal clássico! (All Noir)

Mourn The Light - «Suffer, Then We're Gone» (EUA, Heavy/Doom Metal)

Os MOURN THE LIGHT foram formados no início de 2018 por Dwayne Eldredge, cofundador do The New England Stoner e do Doom Festival. MOURN THE LIGHT lança o seu primeiro álbum, entregando riffs esmagadoramente massivos, galopando junto com tons de power metal clássico. (All Noir)

At The Gates - «The Nightmare Of Being» (Suécia, Melodic Death Metal)

Mestres indiscutíveis do death metal sueco, AT THE GATES sempre foi uma força destemida para o pensamento criativo. «The Nightmare Of Being» é um álbum conceitual que explora as revelações sombrias contidas na filosofia pessimista. (Century Media)

Kryptan - «Kryptan» (Suécia, Atmospheric Black Metal)

KRYPTAN é um novo projeto de Black Metal, ardente e compulsivo, do compositor/guitarrista Mattias Norrman (OCTOBER TIDE). Fundado no início de 2020, este EP de estreia destila uma vida inteira de fascínio pelo género, em quatro faixas de Black Metal sueco cru, majestoso e energético. (Debemur Morti Productions)

Osi And The Jupiter - «Stave» (EUA, Neofolk / Northern Pagan)

No seu quarto álbum «Stave», OSI AND THE JUPITER oferece aos ouvintes uma jornada única através dos sons delicados, que se acredita estarem perdido há muito tempo, permitindo uma experiência verdadeiramente imersiva. Os sons explorados em «Stave» parecem ao mesmo tempo reconfortantes e angustiantes. (Eisenwald)

Illt - «Urhat» (Noruega, blackened death/thrash)

Prepare-se para um Metal Extremo cru e alucinante que ilustra a fúria deste mundo na obra-prima «Urhat», realizada pelo talentoso Roy Westad. ILLT é o alter ego do compositor e guitarrista norueguês Roy Westad. É uma caixa de areia intransigente e o culminar de décadas de paixão e amor pelo metal extremo como forma de arte. Brutal mas melódico, moderno mas cru. (Indie Recordings)

Pil Bue - «The World Is A Rabbit Hole» (Noruega, Hard Rock)

Pil & Bue é uma dupla que vem dos confins do norte da Noruega. Composto por Gøran Johansen na bateria e percussão, e Petter Carlsen, na voz e guitarra barítono, entregando uma explosão de rock cru, duro e melódico com um toque obscuro. (Indie Recordings)

Himmellegeme - «Variola Vera» (Noruega, psych rock/Atmospheric prog rock)

Das sombras psicadélicas escuras de Bergen, vem Himmellegeme que regressa com o seu segundo álbum «Variola Vera». A música é influenciada pelo prog rock atmosférico, com os seus riffs pesados, melodias arrepiantes e letras melancólicas. (Karisma Records)

A Dying Planet - «Where The Skies Are Grey» (EUA, Progressive metal)

O guitarrista e compositor de metal progressivo Jasun Tipton – Abnormal Thought Patterns – surge com a sua mais nova entidade musical: A DYING PLANET. Vindo do norte da Califórnia, o grupo lança o seu segundo álbum «When The Skies Are Grey». Sem surpresa, há uma coisa acima de tudo: prog. (Lifeforce Records)

Obscurity - «Skogarmaors» (Alemanha, Melodic Black/Viking/Death Metal)

Com «Skogarmaors», OBSCURITY forjou o seu nono álbum de estúdio! A formação mudou e com o guitarrista Askar e o baterista Isarn, ambos influenciaram significativamente o álbum com novos elementos, mas stilisticamente eles ainda vão com a sua própria mistura de Death, Viking e Black Metal. (Other)

Sun Of The Suns - «Tiit» (Finlandia, Extreme Metal)

Sun Of The Suns é uma máquina implacável e assustadora que esmaga e esmaga qualquer resistência, candidatando-se ao tão esperado papel de verdadeiros inovadores da cena do metal extremo. A identidade dos Sun of the Suns é sugerida pelo próprio apelido: uma ordem cósmica vitalmente ligada a uma estrela polar fundamental que é a “inovação”. (Scarlet Records)

Moon Oracle - «Muse Of The Nightside» (Finlandia, Black Metal)

MOON ORACLE foi formado por Sûrya-Ishtara e U depois de passar anos procurando o seu próprio som com bandas anteriores. Agora, a primeira gravação chega com «Muse of the Nightside», revelando-nos uns leiloeiros astutos de metal puro, mas idiossincrático, manobriado pelo black metal arcaico e doom eldritch. MOON ORACLE não é para todos; os tabus existem por uma razão. (Signal Rex)

Hail Spirit Noir - «Mannequins» (Grécia, Psychedelic Progressive Black Metal)

Os metamorfos prolíficos HAIL SPIRIT NOIR, de origem grega, descartam as suas vestes progressivas para comemorar o seu 10º aniversário com um álbum pop de ficção científica, «Mannequins». O quinto álbum que abrange desde black metal experimental, progressão psicodélica, rock espacial retro-futurista e um ousado ambiente pop de synthwave sci-fi. (Agonia Records)

Spiral Grave - «Legacy Of The Anointed» (EUA, Doom Metal)

Os veteranos do doom metal de Maryland/Virgínia, SPIRAL GRAVE, lançam o seu próximo álbum, «Legacy of the Anointed». Definindo o clima para um clássico pesado como o inferno em rosto de doom, SPIRAL GRAVE conquistou assim um lugar para si na cena da música pesada da América do Norte. (All Noir)

Eard - «De Rerum Natura» (Itália, Atmospheric black metal)

Composta pela harpista Glorya Lyr e o multi-instrumentista MK (Silence After, Duir), a banda emprestou o título para seu álbum de estreia «De Rerum Natura» do poema do autor romano Lucrécio . A dupla tem raízes sólidas no black metal melódico, e adiciona o seu próprio toque com o uso extensivo da harpa celta, cujas cordas se entrelaçam constantemente com o equipamento clássico de black metal. (Avantgarde Music)

Ikarie - «Cuerpos En Sombra» (Espanha, Post-metal)

ikarie é uma banda recém-formada por músicos experientes da costa mediterrânea da Espanha. «Cuerpos En Sombra» é o primeiro álbum dos Ikarie, uma obra pós-metal na veia de Cult Of Luna e Year Of No Light, uma lenda de fantasmas, daqueles que emergem das feridas mais profundas da alma. (Avantgarde Music)

Remah - «Une Main» (França, Black Metal)

Remah é uma entidade de black metal nascida de uma longa amizade. Dea e ABR conhecem-se há anos e tocam black metal juntos desde o início. Após um intervalo de 10 anos, reuniram-se para criar «Une Main», uma mistura de black metal gelado e afiado com raízes profundas em vários estilos diferentes. (Avantgarde Music)



Windfaerer - «Breaths Of Elder Dawns» (EUA, Black/Folk Metal)

«Breaths of Elder Dawns» dos Windfaerer é o mais recente quinteto de black/folk metal e produção mais elaborada na sua mais de uma década de existência. «Breaths of Elder Dawns» é uma viagem pela desolação estética e saudade. Aqui, a luz do sol expõe a desfiguração angustiada da alma. (Avantgarde Music)

Modern Rites - «Monuments» (Suiça, Melodic Black Metal)

MODERN RITES é a nova dupla de Black Metal melódico de raiz industrial formada pelo guitarrista Berg dos AARA e o multi-instrumentista/vocalista/artista visual Jonny Warren dos KUYASHII. O álbum de estreia «Monuments», apresenta um som único que transcende as barreiras culturais. (Debemur Morti Productions)

Chrome Waves - «The Rain Will Cleanse» (EUA, blackgaze/post-black metal)

O grupo reformulou-se novamente, dando as boas-vindas ao baterista Dustin Boltjes e entregando o seu trabalho mais poderoso até hoje, neste seu segundo LP, «Where We Live». CHROME WAVES foi formado no verão de 2010 por Jeff Wilson com Bob Fouts. A banda lançou o seu EP de estreia em 2012. (Earsplit)

Javier Areal Velez - «Rrrrrrrrrr TktK» (Argentina, Guitar Hero)

«rrrrrrrrrr tktK» é o disco de estreia a solo do guitarrista argentino JAVIER AREAL VÉLEZ. São sete peças improvisadas, independentes, que exploram diferentes lados de um estilo de execução muitas vezes furioso, angular e obstinado da guitarra elétrica. A abordagem musical baseia-se numa técnica primal que enfatiza o timbre e o ritmo e evita as formas tradicionais em favor da intensidade e do contraste. (Earsplit)

Ruin - «Spread Plague Death» (EUA, Death Metal)

RUIN foi lançado em 1991 por Mihail Jason Satan. «Spread Plague Death», o novo LP do coletivo de death metal da Califórnia. (Earsplit)

Fluisteraars - «Gegrepen Door De Geest Der Zielsontluiking» (Países Baixos, Black Metal)

Depois do terceiro álbum, «Bloem», não demorou muito para a dupla de M. Koops e B. Mollema regressar ao estúdio e gravar o seu sucessor. Mas não se deixe levar por essa rápida sucessão; «Gegrepen door de Geest der Zielsontluiking» é, o oposto do que «Bloem» tinha para oferecer. (Eisenwald)

Order - «The Gospel» (Noruega, Death/Black Metal)

Após quatro longos anos, eles estão prontos para lançar o seu segundo álbum de estúdio, «The Gospel». Enquanto a banda estava muito satisfeita com seu álbum de estreia, «The Gospel» está num nível totalmente diferente. (Listenable Records)

Portrait - «At One With None» (Suecia, Old School Heavy Metal)



Quando se trata de heavy metal moderno, poucas bandas operam no mesmo nível que Portrait. Há uma década e meia, que a unidade sueca vem forjando o seu próprio caminho e, infundindo vida num género de longa data e bem estabelecido e levando-os para novas direções. (Metal Blade)

Hladorak - «Archaic Sacrifice» (Suécia, Black Metal)

A horda sueca de Black Metal HLADORAK lança o seu terceiro álbum, «Archaic Sacrifice». Esta obra é uma jornada épica pelo black metal com um toque único e próprio da banda. A ideia original foi criar um black metal que sucumbisse à essência fria, crua e implacável da natureza, de forma profissional. (Non Serviam Records)

Illudium - «Ash Of The Womb» (EUA, Dark Dreamgaze)

«Ash of the Womb», o segundo LP dos ILLUDIUM, nascidos no pandemônio ardente da temporada de queimadas de 2020, enquanto os céus brilhavam laranja à noite. As muitas camadas de sombreamento de metal escuro e áspero neste álbum podem ser facilmente vistas como um resíduo desses eventos. (Prophecy Productions)

Beyond Grace - «Our Kingdom Undone» (Inglaterra, Death Metal)

A banda de Death Metal de Nottingham, Reino Unido, BEYOND GRACE, lança o seu segundo álbum, «Our Kingdom Undone». Este vê a banda refinar e redefinindo o seu som em algo que é mais intrincado e mais intenso do que nunca. (Prosthetic Records)

Apostolica - «Haeretica Ecclesia» (Itália, Symphonic Power Metal)

Apostolica fundou um novo culto baseado numa imagem intrigante e enigmática, um som bombástico e puro, riffs cativantes e muitos refrões e coros inesquecíveis. Com uma composição fresca e revigorante, «Haeretica Ecclesia» é o primeiro capítulo do próprio livro de revelações dos 4 profetas mascarados. (Scarlet Records)

Whyzdom - «Of Wonders And Wars» (França, Symphonic Metal)

Com base nas suas fortes raízes sinfônicas e um som que combina riffs ardentes e poderosa orquestra e coro clássicos, Whyzdom leva-nos a uma estrada bombástica com músicas mais rápidas, uma abordagem mais direta. A voz de Marie Mac Leod alcançou novos níveis de profundidade e brilho lírico, com incríveis linhas mezzo-soprano, bem como uma voz natural de rock. (Scarlet Records)

Bastarður - «Satan'S Loss Of Son» (Islândia, Crust punk)

O cantor/guitarrista Aðalbjörn Tryggvason sempre usou as suas vastas influências musicais que tem na manga. Agora, Tryggvason leva a sua adoração pelo crust punk a um novo e excitante nível com seu mais recente projeto, BASTARÐUR. (Season of Mist)

Deviant Process - «Nurture» (Canadá, Technical Progressive Death Metal)

Muitas vezes no metal, limites e fronteiras são empurrados à custa do gosto. Bandas e fãs podem ser encontrados dando rajadas de atenção para os mais recentes figurões que marcam os BPMs mais rápidos, ou quem tem os vocais mais ininteligíveis e guturais. Isto é Deviant Process! (Season of Mist)

Necrofier - «Prophecies Of Eternal Darkness» (EUA, Heavy Melodic Black Metal)

A ascensão do black metal americano é um movimento cult cuja vasta influência e crescimento não podem ser ignorados. NECROFIER incorporando as marcas do black metal melódico enquanto abraça as suas raízes texanas, fazendo a ponte entre o verdadeiro black metal norueguês e o gótico americano. (Season of Mist)

Edenic Past - «Red Amarcord» (EUA, Experimental/Technical Brutal Death Metal)

Formado por Colin Marston e Nicholas McMaster dos Krallice, juntamente com o vocalista Paulo Paguntalan dos Encenathrakh, destacando-se como o mais imaginativo e visionário lançamento de brutal death metal técnico já concebido, «Red Amarcord» dos Edenic Past redefine os limites externos da brutalidade do death metal. (Sentient Ruin)

Olympus - «Gods» (França, Blackened Death Metal)

Olympus é uma banda francesa de Black/Death Metal formada em 2019 em Nantes. O conceito de Olympus é revisitar a mitologia grega com explosão, grunhos e grandes cordas, aliados a melodias e composições que transportam-no para o mundo implacável e sanguinário de deuses, titãs, monstros e heróis mitológicos. (Solstice Promotion)

**Subterranean Masquerade - «Mountain Fever» (Israel, Folk/Progressive Metal/Rock)**

SUBTERRANEAN MASQUERADE, que eram considerados um projeto de culto para alguns seguidores de gosto refinado, transformou-se nos últimos dois anos, misturando tradições de heavy metal com estética world music, punk espiritual e puro rock 'n' roll. (Solstice Promotion)

Brainstorm - «Wall Of Skulls» (Alemanha, Power Metal)

Ouvindo o último álbum dos Brainstorm, «Wall Of Skulls», percebe-se imediatamente o quanto a banda do vocalista Andy B. Franck beneficiou da impressionante background do grupo. Os dois últimos representam uma novidade absoluta nos Brainstorm: Pela primeira vez, a banda trabalhou com dois vocalistas convidados que assumem um papel central nas respectivas músicas. (AFM Records)

Oceanhoarse - «Dead Reckoning» (Finlândia, Heavy/Groove Metal/Hard Rock)

«Dead Reckoning», o próximo álbum de estúdio da banda finlandesa de Heavy Metal Oceanhoarse. Sem dúvida, o grupo de heavy metal que faz uma declaração contra o metal computadorizado onde é difícil saber o que é real e o que não é. Com os Oceanhoarse, o que é é o que está á vista, sem faixas de apoio; mas puro, cru e selvagem. Uma raridade no mundo actual da música pesada. (All Noir)

Waldgeflüster - «Dahoam» (Alemanha, Black Metal)

WALDGEFLÜSTER mostra uma mistura individual de temas melancólicos ligados à natureza. O projeto, homenageia o Black Metal e sua complexidade. O som captura o poder recôndito da natureza por meio de melodias harmônicas. (AOP Records)

Nocturnal Art - «Lilithianna» (Casaquistão, Black/Death Metal)

O início do caminho criativo dos Nocturnal Art do Cazaquistão remonta a outubro de 2013. Inicialmente, o grupo foi concebido como um projeto instrumental gótico enegrecido. Desta vez, Nocturnal Art colocou um foco maior no lado atmosférico do black metal, mantendo a ferocidade e a energia bruta do black metal mais tradicional. Um som que a banda descreve como “um som muito sujo, mas ao mesmo tempo mágico”. Faz lembrar os primeiros Bathory com as guitarras sujas. (Avantgarde Music)

Vixenta - «Polarity» (Austrália, Ambient/Post-Black Metal)

Vindos de Brisbane, Austrália, os Vixenta são uma banda de pós-black metal de duas pessoas, originalmente

concebida como um projeto de um homem só, que focava no Depressive Suicidal Black Metal (DSBM). Depois de quase uma década, a banda está pronta para lançar seu segundo LP "Polarity". (Avantgarde Music)

Wolves In The Throne Room - «Primordial Arcana» (Suécia, Black Metal)

Continuando a sua jornada de mágicos xamânicos, WOLVES IN THE THRONE ROOM emergiu da floresta com o seu álbum mais majestoso até então. «Primordial Arcana» é o primeiro trabalho completamente independente da banda. «Primordial Arcana» expande o black metal para incluir formas musicais que antecedem a devastadora segunda onda do género. (Century Media)

Helheim - «Woduridar» (Noruega, Viking/Black Metal)

A dureza e sons extremos de «WoduridaR», é um regresso às raízes para as lendas do metal viking, Helheim. O seu 11º álbum é o resultado de uma fusão entre «LandawarijaR» e «Rignir», com a agressividade de «LandawarijaR». Aqui, muitas das atmosferas, melodias e o uso de vocais limpos são uma grande parte do novo álbum. (Dark Essence Records)

Altars Of The Moon - «Brahmastra» (EUA, Post-black metal)

Como soa a vasta majestade do isolamento? Nascido da ideia de criar uma única peça de destruição sonora, ALTARS OF THE MOON foi desenvolvido na mente de Nate Verschoor (Uada) durante o bloqueio inicial do Covid. Este é uma jornada única de trinta minutos para as profundezas de paisagens sonoras maciças e movimentos sombrios. (Earsplit)

Antichrist - «Siege Machine Purifying Blade» (Suécia, Thrash Metal)

ANTICHRIST SIEGE MACHINE lança o seu segundo álbum, «Purifying Blade». Sustentando a violência desequilibrada, cada faixa de «Purifying Blade» é uma arma empunhada pela maldade e ódio dirigido ao coração da cristandade. (Earsplit)

Apparition - «Feel» (EUA, Death Metal)

APPARITION oferece a continuação de seu «Granular Transformation», com seu álbum de estreia megalítico, «Feel». Um álbum de death metal imponente, progressivo e doom com batidas colossais, grooves rastejantes, riffs crescentes e progressões de acordes calculadas, pesadas e contundentes. (Earsplit)



Alda - «A Distant Fire» (EUA, Atmospheric Black Metal)

Em «A Distant Fire», ALDA demonstra um senso aguçado para envolver composições e um uso de melodia que certamente encanta. Tematicamente, o álbum conta uma história sobre enfrentar um futuro terrível e incerto. As músicas fundem elementos dos géneros com uma facilidade que permite que essas músicas se desenvolvam organicamente e apresentem uma experiência sonora envolvente. (Eisenwald)

Iskandr - «Vergezicht» (Países Baixos, Black Metal)

ISKANDR, o enigmático projeto de black metal pagão do criador O, regressa com o seu terceiro álbum. Em dois álbuns e dois EPs, temos assistido a um interessante arco de desenvolvimento de atmosferas espaçosas e solidão em direção a uma agressividade mais endurecida, bem como instrumentação acústica elaborada. O novo álbum «Vergezicht» eleva ainda mais ISKANDR. (Eisenwald)

Helslave - «From The Sulphur Depths» (Itália, Death Metal)

Vindo da Itália e formado em 2009, Helslave oferece doses maciças de Death Metal da velha escola no estilo escandinavo. Depois de uma demo, dois EP's e um álbum, é hora do novo LP. Do tom de guitarra doente às batidas implacáveis, há muito espaço para riffs melódicos e grunhidos cruéis. Tudo junto, Helslave oferece um pacote completo de Death Metal podre, imundo e furioso, à moda antiga. (Gruesome Records)

Redemptus - «Blackhearted» (Portugal, Sludge/Post-Metal)

Formado em 2014, os Redemptus são uma banda consolidada no cenário underground. A sua mistura lenta, mediana e pesada como o inferno do Sludge e do Metal. Após o lançamento dos dois primeiros álbuns, chega a hora de apresentar ao mundo aquela que é a produção mais bem-sucedida, o terceiro LP «Blackhearted». (Gruesome Records)

Leprous - «Aphelion» (Noruega, progressive rock/metal)

Se a luz no fim do túnel pudesse ser convertida em som, este soaria exatamente como Leprous. Nas últimas duas décadas, os mavericks noruegueses produziram algumas das músicas mais profundas e gratificantes,

evoluindo constantemente desde os seus primórdios, como exuberantes exploradores do prog metal. Uma das bandas únicas e fascinantes da música pesada moderna. (InsideOut Music)

NMB - «Innocence Danger» (EUA, Symphonic Progressive Rock)

NMB (anteriormente Neal Morse Band) lançando o seu tão esperado quarto álbum, «Innocence & Danger». Como os dois lançamentos anteriores dos NMB são álbuns conceituais, talvez seja notável que este seja uma série de músicas não relacionadas entre si, trazendo uma revigorante coleção de músicas individuais não relacionadas entre si para destoar dos primeiros álbuns. (InsideOut Music)

Narcömancer - «Narcömancer» (Portugal, Black/Thrash Metal)

«Narcömancer», é o EP de estreia dos Narcömancer, banda de Black Metal Puncer do Porto. O disco é composto por quatro faixas, onde o Punk e o Black Metal coexistem de forma orgânica através de riffs marcantes. A busca do melhor de dois gêneros têm para oferecer é a magia presente na música, na abertura dos temas, a rapidez e a dureza do Punk e do Metal. (Miasma of Barbarity)

Päria - «Demónios» (Portugal, Punk)

Sangue, fumo e ansiedade: «Demónios». O EP de estreia dos aveirenses Päria, uma nova banda de Punk nacional, tem tudo isto e ainda uma dose extra de decadência. «Demónios» é um disco sem pausas ou tempo para respirar. Os cinco temas que ocasionalmente sucedem-se a seguir aos outros com rapidez e complicações típicas do Punk. Os Päria aproximam-se mais do universo do Rock. (Miasma of Barbarity)



Scatterbrainiac - «Scatter The Brains» (Portugal, Punk Rock N' Roll)

«Scatter The Brains», o primeiro álbum do projeto Punk Scatterbrainiac. Este é o projeto a solo do portuense Bruno Esteves (Black Alley Lobotomy; Antinomia), ligado ao universo do Grind. Depois de uma demo e um EP lançados em formato digital, Esteves gravou o primeiro álbum, «Scatter The Brains». (Miasma of Barbarity)

Apophis - «Excess» (Alemanha, Death Metal)

APOPHIS apresenta o seu novo álbum «Excess», que inclui muitas das marcas registradas da banda: músicas ambientadas em ritmo médio e acelerado com bateria grooving, riffs matadores com melodias sombrias/emocionais, combinadas com solos tecnicamente sofisticados e gritos do inferno! (Other)

Atrae Bilis - «Apexapien» (Canadá, Death Metal)

O Canadá tem sido uma fonte de onde a brutalidade técnica feroz flui continuamente. ATRÆ BILIS oferece o iminente ataque predatório de «Apexapien», o primeiro LP, e estão prontos para um caminho de exploração e intensidade sem restrições. Em «Apexapien», a dissonância enegrecida, o progressismo experimental e a selvageria gutural fundem-se numa cacofonia de Death Metal. (Other)



Hex A.D. - «Funeral Tango for Gods & Men» (Noruega, Doom/Progressive Metal)

A música dos Hex AD é doomy e pesada, baseada em riffs pesados de guitarra. Mas, a sua música também mostra as preferências progressivas dos membros. O som de rock clássico lembra um pouco os anos 1970, sem ser retro. Musicalmente este novo álbum é um passeio mais sombrio e profundo do que os outros discos do catálogo da banda. (Other)

Virial - «Transhumanism» (Itália, Technical Death Metal)

Com membros residentes na Itália e na Áustria, Virial foi formado em 2010 pelos irmãos Christian (guitarra solo) e Thomas Wieser (vocal/guitarra rítmica). Depois de 3 faixas demo e o álbum de estreia «Organic Universe», o lançamento de seu segundo álbum intitulado «Transhumanism» é uma montra repleto de detalhes técnicos complexos e composições inteligentes. (Other)

Altareth - «Blood» (Suécia, Stoner/Doom Metal)

No seu álbum de estreia, «Blood», os ALTARETH servem as suas guitarras lentas e baixas, com uma laje de fuzz e um lado de doom, em porções maciças. Os suecos construíram uma base musical na fusão de riffs pesados e melodias memoráveis, carregadas em quatro pilares de vocais crescentes, guitarras difusas, bateria pulsante e baixo preenchido e ressonante. (Prophecy Productions)

Dold Vorde Ens Navn - «Mørkere» (Noruega, Black Metal)

O álbum de estreia dos DOLD VORDE ENS NAVN, «Mørkere» é uma perspectiva no verdadeiro espírito do black metal, expandindo-se para algo enraizado. Indiscutivelmente, todos os discos de black metal são

comentários intrínsecos sobre o estado de sua arte, e «Mørkere» oferece uma visão mais ampla do que a maioria. Black metal é um pacto. (Prophecy Productions)

Archspire - «Bleed The Future» (Canadá, Technical Death Metal)

«A Relentless Mutation» dos Archspire foi uma cavalcada de velocidade e extremo, “mutando” à medida que cada música se desenrolava. Foi, sem dúvida, uma inovação de som e técnica que levaram os Archspire a quebrarem barreiras de velocidade ao criar músicas memoráveis, pois eram descaradamente extremas para o metal extremo. (Season of Mist)

Misanthur - «Ephemeris» (Polónia, Black Metal)

Os dois profetas reunidos sob a bandeira de MISANTHUR anunciam a queda e a podridão espiritual da humanidade ao criar uma arte que ressoa plenamente com dor, ansiedade e degradação. Inspirado por gêneros de metal e não metal, MISANTHUR mescla percussão trance, baixo de partir o coração, guitarras esmagadoras e vocais infernais com paisagens ambientais (pós)apocalípticas e ruídos para criar a sua própria obra e pintar as histórias e cenários do deserto espiritual mundano. (Season of Mist)

Kadabra - «Ultra» (EUA, Psychedelic Stoner Rock)

Kadabra de Spokane, Washington, EUA, oferece o misterioso rastreamento psicológico de actos como Dead Meadow, Pentagram e o pesado riff grime do Black Sabbath. O grupo combinou o fluxo zumbido de clamor psicadélico com um riff abrasivo fuzzed. O som é uma mistura de rock psicadélico e riffs de hard rock, com os vocais corais e magnéticos. (All Noir)

Paradox - «Heresy II - End Of A Legend» (Alemanha, Power/Thrash/Speed Metal)

Quando o clássico thrash metal de hoje «Heresy» foi lançado em 1990, o mundo era diferente. «Heresy II – End of a Legend» começa onde a primeira parte terminou em 1990. De uma forma diferente de outras bandas, os Paradox mantém-se fieis ao seu estilo. Fortemente influenciado pelos três primeiros álbuns do Metallica, a banda bávara reencontrou e melhorou o seu som iniciado décadas atrás. (All Noir)

Light Of The Morning Star - «Charnel Noir» (Inglaterra, Gothic Metal)

A entidade sepulcral londrina LIGHT OF THE MORNING STAR chega com o segundo álbum «Charnel Noir»: uma coleção imponente de canções-sombras, mais como sangue para bocas vampíricas famintas. Potente mistura de Deathrock cinematográfico, Doom macabro, Post-Punk pesado e Black Metal atmosférico, «Charnel Noir» é uma exploração do necromântico Undead que captura a contenção, tensão e romantismo sombrio presentes nas grandes obras góticas canônicas. (Debemur Morti Productions)

Contrition - «Broken Mortal Coil» (EUA, Death Metal)

O som dos CONTRITION começa onde o Doomsday coletivo anterior parou, reconstruindo a formação com um novo apelido e imensa intensidade. O álbum oferece um dilúvio de selvageria de baixo nível, forjada em groove, com a influência do death metal do início dos anos 1990, tons modernos e uma vibração hostil e urbana. (Earsplit)

Snares Of Sixes - «Moonbladder» (EUA, Experimental Metal)

SNARES OF SIXES – o coletivo exploratório em constante evolução de artistas e músicos liderados por Jason Walton dos Agalloch, concluiu a produção do épico segundo álbum, «MoonBladder». Um movimento único de trinta minutos, vê o conjunto SNARES OF SIXES pintar com um pincel largo, mas criando uma música altamente detalhada e intrincada que se presta a uma escuta profunda. (Earsplit)

Addiktio - «Anthem For The Year 2020» (Noruega, Instrumental Progressive Metal)

Energética, majestosa, melancólica – a música do trio instrumental norueguês Addiktio conhece muitas facetas, incorporadas numa experiência sonora estelar. Presa numa vibe cinematográfica, a música narra histórias através de extraordinárias composições instrumentais. Ser instrumental sempre foi benéfico para a banda, pois é um grande desafio escrever músicas que mantenham o ouvinte atento. (Indie Recordings)

Halcyon Days - «Keep Myself From Sinking» (Noruega, Melancolic Metal)

Energético como sempre, Halcyon Days entrega o seu terceiro álbum de estúdio «Keep Myself From Sinking»! A atitude agressiva do seu som tira o melhor da afinidade do metalcore e das camadas atmosféricas. (Indie Recordings)

Steve Hackett - «Surrender Of Silence» (Inglaterra, Progressive Rock)

Assim como o álbum anterior de Steve, «Surrender Of Silence» foi gravado durante o Lockdown, novamente envolvendo vários músicos e cantores contribuindo de todo o mundo. Mas agora temos um contraste completo! Enquanto o seu álbum anterior era suave e acústico, este novo é totalmente elétrico... As composições têm influências de vários gêneros, incluindo jazz, clássico e blues. (InsideOut Music)

Monstereo - «In The Hollow Of A Wave» (Noruega, Rock)

Monstereo serve melodias cativantes e músicas de rock enérgicas enraizadas no rock e psicadélica dos anos 70, e o quarteto serviu rock espacial lotado por mais de uma década. Com este álbum, Monstereo demonstra seu som mais rico e amplo, com mais teclados, sintetizadores e uma variedade de guitarras. (Karisma Records)

A Secret Revealed - «When The Day Yearns For Light» (Alemanha, Post Metal)

Vindo do sul da Alemanha, A SECRET REVEALED toca principalmente com grupos que exibem uma mentalidade comparável. A musicalidade do quinteto, ativo desde 2012, é progressista e orgânica. O seu terceiro álbum «When The Day Yearns For Light» é novamente caracterizado por sombrias e opressivas paredes de sons e criam intensas combinações de estilo entre os vários estilos de metal e as inegáveis raízes hardcore dos músicos. (Lifeforce Records)

Fear Connection - «Progeny Of A Social Disease» (Alemanha, Death/Thrash Metal/Crust)

Os metaleiros de death metal de Bremen, Fear Connection, lançam o álbum «Progeny Of A Social Disease» é um álbum incrivelmente brutal, dinâmico e variado que combina death metal poderoso com elementos thrash, várias facetas do punk/d-beat, melodias cativantes e ganchos. (MDD Records)

Aeon - «God Ends Here» (Suécia, Death Metal)

Aeon da Suécia regressa com «God Ends Here». Uma coleção mais sombria e ainda mais épica, é tudo o que um fã de Aeon poderia querer, empurrando o gênero para novas direções e mais uma vez afirmando que eles são uma das bandas mais importantes do metal extremo. (Metal Blade)

Hate - «Rugia» (Polónia, Blackened Death Metal)

Ninguém combina death e black metal como os Hate da Polónia. Com uma crueldade inabalável e um senso de atmosfera único, «Rugia», o décimo segundo álbum, eles empurram os limites de seu ofício ainda mais. Poder-se-ia dizer que a maioria das músicas deste álbum são 'death metal pagão' – uma combinação de riffs épicos e ritmos ferozes. (Metal Blade)

Blood Red Throne - «Imperial Congregation» (Noruega, Death Metal)

Em muitos aspectos, o alvorecer da nova década de 2020 atraiu a humanidade de volta a alguns dos cantos mais tumultuados da idade das trevas, mas os fornecedores de Death Metal BLOOD RED THRONE encontraram-se repletos de inspiração, oferecendo um som old school de qualidade enquanto reflete em parte sobre a natureza hipócrita da humanidade. (Nuclear Blast)

Vortex Of End - «Abhorrent Fervor» (França, Black Death Metal)

Perseguindo a busca pela verdade iniciada há mais de dez anos no nordeste da França, VORTEX OF END refina a fórmula desenvolvida no seu álbum anterior para difundir um black/death metal urgente e exaltado através de «Abhorrent Fervor». Da aspereza ardente de um death metal da velha escola ao fanatismo de um black metal tipicamente francês. (Osmose Productions)

Imperialist - «Zenith» (EUA, Sci-Fi Black Metal)

Depois de lançar um álbum de destaque com «Cipher», a banda de black metal de ficção científica Imperialist regressa com um novo LP de ambição crescente e músicas hipnotizante. «Zenith» mostra a banda mergulhando completamente no reino da ficção científica, juntando músicas mais longas, bem pensadas e elaboradas, narrando o apelo infinito do cosmos sempre mistificador. (Other)

Kowloon Walled City - «Piecework» (EUA, Sludge Metal)

No mundo da música pesada, poucas bandas abraçam a dinâmica e o espaço negativo como Kowloon Walled City. Desde a formação, há 15 anos, a banda refinou cada vez mais a sua abordagem desconstruída de noise rock, math rock e doom, atingindo novos níveis de contenção. As músicas são sombrias e lentas, mas também mais curtas e concisas. (Other)

Veilburner - «Lurkers In The Capsule Of Skull» (EUA, Experimental Black Death Metal)

Veilburner está de volta com um novo álbum cheio de death/black metal distorcido, perturbador do cérebro e que altera a consciência. Muitos pensaram que tinham alcançado o seu auge com o seu anterior LP «A Sire to the Ghouls of Lunacy», mas este, é mais a mesma música desequilibrada, dissonante e francamente aterrorizante entregue com ainda mais convicção e extremidade. (Other)

Deine Lakaïen - «Dual +» (Alemanha, Darkwave)

Com seu novo LP «Dual +», DEINE LAKAIEN continua a surfar a impressionante onda criativa que iniciou com o seu conceito em «Dual». «Dual +» mantém a fórmula básica, mas parece mais compacto, multicamadas e experimental, além de deixar mais espaço para divergências descontraídas. DEINE LAKAIEN é um acto icónico da música mais sombria alemã. (Prophecy Productions)

Negură Bunget - «Zău» (Roménia, Progressive/Folk/Atmospheric Black Metal)

NEGURĂ BUNGET apresenta ao mundo o seu canto de cisne de tirar o fôlego «Zău». Esta parte final cativante, profunda e multifacetada da “trilogia da Transilvânia” do romeno estava por um fio. O clímax da evolução musical são neste álbum, as tradições do black metal pagão obscuro completamente fundidas com elementos da rica herança musical Romena. (Prophecy Productions)

Cognizance - «Upheaval» (Inglaterra, Technical Melodic Death Metal/Deathcore)

COGNIZANCE regressa com o seu segundo álbum «Upheaval». O seu som característico de death metal moderno, misturado com um groove inegável e alguma proeza técnica, sela o acordo de que eles são os únicos a ter em conta na próspera cena do death metal do Reino Unido. Apesar de «Upheaval» canalizar um ataque dirigido por riffs, há um rico senso de melodia, solos de guitarra e vocais punitivos. (Prosthetic Records)

Four Stroke Baron - «Classics» (EUA, heavy progressive rock)

FOUR STROKE BARON regressa com «Classics», o seu terceiro álbum de estúdio completo, misturado por Devin Townsend e repleto de riffs cativantes e refrões inesquecíveis. A dinâmica distinta entre a dupla, solidificou as suas habilidades de composição e permitiu que elas fossem mais ousados. (Prosthetic Records)

Skeleton - «The 121 Gigawatts Club» (Itália, Power Metal)

A marca de europower metal dos Skeleton nunca soou tão clássica e “anos 80”... e ainda contemporânea. Como eles fizeram o truque? Simples assim: divertiram-se muito fazendo isso! O objetivo era misturar o fundo sólido de metal com algumas influências do AOR. Missão cumprida graças a um uso subtil dos sintetizadores e dos coros. (Scarlet Records)

Whyzdom - «Of Wonders And Wars» (França, Symphonic Metal)

Com base nas suas fortes raízes sinfónicas e som de assinatura que combina riffs ardentes e poderosa orquestra e coro clássicos, os Whyzdom levam-nos a uma nova estrada bombástica com músicas mais rápidas, uma abordagem mais directa e melodias cativantes. A voz de Marie Mac Leod alcançou novos níveis de profundidade e brilho lírico, apresentando incríveis linhas mezzo-soprano, ao estilo rock. (Scarlet Records)

Der Weg Einer Freiheit - «Noktvrn» (Alemanha, Black Metal)

Os experimentalistas de black metal progressivo e avant-garde DER WEG EINER FREIHEIT nunca pararam de romper os limites do género que chamaram de lar desde a sua formação no início de 2009. (Season of Mist)

Goat Torment - «Forked Tongues» (Belgica, Black Metal)

Os cruzados do black metal dos GOAT TORMENT regressam com «Forked Tongues», o seu primeiro álbum/lançamento em mais de 6 anos. Um alto-forno de fúria satânica primitiva, entregando um ataque mortalmente selvagem! «Forked Tongues» é um castigo musical em grande escala, e soa como se tivessem forjado o mesmo no crisol do inferno! (Season of Mist)

Abstracter - «Abominion» (EUA, blackened doom)

Os apocalípticos black doom Abstracter, ressurgem com o seu quarto álbum desumanamente esmagador «Abominion», uma horrenda paisagem infernal de quarenta minutos de paixão sem luz nas profundezas dos abismos mais sombrios do apocalipse. «Abominion» oblitera todo o sentimento de esperança e lança uma visão angustiante num futuro sombrio de desgraça e tormento. (Sentient Ruin)



Dungeon Steel - «Bloodlust» (Equador, Black/Speed Metal)

Vindo do underground black metal, crescente do Equador e incluindo membros do insanamente prolífico Wampyric Rites, a dupla de DUNGEON STEEL empunha um speed metal enegrecido “sem lei mas com rock” na sua primeira apresentação, «Bloodlust». Este tem tanto de rituais medievais clandestinos quanto bravatas de espadas feitas de carne. (Signal Rex)

Nigrum Pluviam - «Eternal Fall Into The Abyss» (França, Raw Black Metal)

Uma banda nascida tarde demais, NIGRUM PLUVIAM toca black metal podre, não feito para estes tempos de hoje. Muito parecido com os seus nativos Black Legions, esta cabala francesa explora todas as masmorras mais selvagens, sempre à espreita abaixo dos limites mais distantes do black metal, onde NIGRUM PLUVIAM é sem dúvida a destilação mais intensa dessas sensações. (Signal Rex)

Ründgard - «Stronghold Of Majestic Ruins» (Chile, Raw Black Metal)

O mainman Lord Valtgryfták é um prolífico veterano do black metal underground cada vez mais pujante do Chile. E enquanto várias dessas bandas são entidades satélites pertencentes ao Pure Raw Underground Black Metal Plague, RÜNDGARD mergulha em tempos antigos, majestade medieval e esplendor sombrio em algum lugar entre os primeiros trabalhos nórdicos e contemporâneos. (Signal Rex)

Burning Point - «Arsonist Of The Soul» (Finlandia, Melodic Power Metal)

A banda finlandesa de power metal BURNING POINT teve a sua parcela de mudanças de formação ao longo das suas mais de duas décadas de existência. BURNING POINT, um dos fornecedores mais confiáveis de excelente power metal clássico europeu. (All Noir)

Dødsdrift - «Ødnis» (Alemanha, Black Metal)

Fundados em 2018, nos climas do norte da Alemanha, ao longo do mar Báltico, Dødsdrift convida o ouvinte a uma viagem sombria e hipnotizante para as profundezas do ser humano com «Ødnis». Apresentando 10 faixas que são inspiradas pelo isolamento, perda, guerra e as forças da natureza, Dødsdrift usa os seus corações e entrega um black metal intenso e comovente! (All Noir)

Indigo Raven - «Looking For Transcendence» (França, Doom Metal)

A banda de doom metal de Toulouse, INDIGO RAVEN, revelou os primeiros detalhes sobre seu próximo álbum de estreia. Uma base instrumental simples, mas não pouco sofisticada da banda, colorida por um som xamânico e vocais assombrosos, fazendo de «Looking for Transcendence» uma estreia cativante, mas pesada como o inferno. (All Noir)

Mulla - «Mulla» (Iraque, Raw Black Metal)

Um dos lugares menos prováveis para o black metal aparecer seria provavelmente o Médio Oriente! O último lançamento dos MULLA é uma experiência pesada, agressiva e dura. Vindos do Iraque, um lugar atípico para esta música, MULLA toca black metal sombrio, cru e atmosférico. (All Noir)

Lys - «Silent Woods» (Itália, Atmospheric black metal)

Lys é o cérebro dos Enisum, a conhecida banda italiana de black metal atmosférico. Chegou a hora do músico de Val di Susa se concentrar em algo diferente. «Silent Woods», é o primeiro álbum a solo de Lys, uma mistura de black metal atmosférico, música acústica, paisagens, montanhas, rios e florestas. (Avantgarde Music)

Mesarthim - «CLG J02182-05102» (Australia, Atmospheric Black Metal/Trance)

Mesarthim apresenta Fase II e, seguindo o seu último EP, «Vacuum Solution», eles alcançaram o canto mais distante do universo conhecido com o novo «CLG J02182-05102». (Avantgarde Music)



Olio Tähtien Takana - «Spectral Katharsis» (Finlandia, Atmospheric Black Metal)

Olio Tähtien Takana é uma das expressões artísticas do multi-instrumentista finlandês v-KhaoZ e «Spectral Katharsis» é o seu terceiro álbum. Este agradará os fãs de Limbonic Art, Odium e a cena de black metal sinfônico de meados dos anos 90. (Avantgarde Music)

Apostle Of Solitude - «Until The Darkness Goes» (EUA, Doom Metal)

Seis canções carregadas de emoção e doom sem paralelo para os tempos mais sombrios! No sexto álbum de estúdio, «Until the Darkness Goes», APOSTLE OF SOLITUDE canaliza a perda e o isolamento no seu melhor trabalho até hoje - uma oferta pesada, melódica e catártica de puro doom. (Cruz del Sur Music)

Tower - «Shock To The System» (EUA, Heavy Metal)

Dez músicas de metal clássico de alta energia com uma atitude rock dos anos 70 das ruas de Nova York! O primeiro álbum de estúdio em cinco anos. TOWER chuta as jams com apelo de metal vintage e persuasão de rock clássico que traz a velha escola para os dias de hoje! (Cruz del Sur Music)

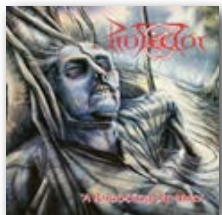
Confusion Master - «Haunted» (Alemanha, Stoner/Doom Metal)

«Haunted», o segundo álbum do quarteto alemão de doom/sludge metal CONFUSION MASTER. Unindo quatro músicos de vários circuitos de punk e metal, unificados por meio de seu amor compartilhado por som, misantropia, valores DIY e equipamentos vintage, CONFUSION MASTER conquistaram os seus méritos no underground. (Earsplit)

Godless - «States Of Chaos» (Índia, Death Metal)

Godless, com sede em Hyderabad, na Índia, lança o seu primeiro LP, «States of Chaos», que mostra a banda em 8 faixas intensas e inabaláveis de seu death metal thrash que prometem levar o ouvinte à submissão. (Earsplit)

Protector - «A Shedding Of Skin» (Alemanha, Thrash/Death Metal)



O terceiro álbum dos PROTECTOR começa com uma introdução pacífica. Mas não, não se deixe enganar, «A Shedding of Skin» é uma peça letal e selvagem de loucura thrash metal. São treze faixas do mais refinado, mais extremo e rasgante trash metal. (High Roller Records)

Mandoki Soulmates - «Utopia For Realists Hungarian Pictures» (Hungria, Jazz-Rock Fuzion/Progressive Rock)

Mandoki Soulmates «Utopia for Realists», é um trabalho no qual o jazz-rock progressivo sociocultural único de Leslie Mandoki está fortemente integrado com as ideias de animação visionárias e de classe mundial de Gábor Csupo. Inspirado na música de Béla Bartók. (InsideOut Music)

Yes - «The Quest» (Inglaterra, Progressive Rock)



Há meio século que os YES estão na vanguarda da música progressiva: uma banda pela qual todas as outras são julgadas. A música dos YES resistiu ao longo dos anos e foi transmitida por gerações de amantes da música. Chegou a hora de mostrar o legado às novas gerações. (InsideOut Music)

Lock Up - «The Dregs Of Hades» (Inglaterra, Grindcore/Death Metal)

Lock Up sempre parece reaparecer quando o mundo precisa de um abanão, Lock Up tornou-se um porta-estandarte intermitente, mas inegável, para o jejum e a luta, numa celebração furiosa e afiada de extrema ferocidade e mordida hardcore, tudo com uns vocais escabrosos. (Listenable Records)

Nervochaos - «Dug Up (Diabolical Reincarnations)» (Brasil, Death Metal)

Os pesos pesados do Death Metal brasileiro NERVOCHAOS comemoram os 25 anos da banda com um novo álbum feito de material cadavérico exumado do início de carreira, intitulado «Dug Up (Diabolical Reincarnations)». (Other)

Massacre - «Resurgence» (EUA, Death Metal)



As lendas do Death Metal da Flórida, Massacre, estão de volta! O novo álbum «Resurgence» é a banda sonora perfeita para a terrível era da peste em que todos vivemos. Com horrores cósmicos emanando death metal puro, os mentores dos Massacre não podiam estar mais satisfeitos. (Nuclear Blast)

Møl - «Diorama» (Dinamarca, Post-Black Metal/Shoegaze)

MØL, baseado em Aarhus (DK), mistura guitarras rodopiantes e vocais sibilantes com o ambiente sonhador do shoegaze para formar uma mistura única de paisagens sonoras. MØL regressa com o seu segundo álbum de estúdio, «DIORAMA». A banda desenvolveu com sucesso um som cativante e agressivo. Prepare-se para um monumento blackgaze feroz e melódico! (Nuclear Blast)

Count Raven - «The Sixth Storm» (Suécia, Doom Metal)

Doze anos pode parecer muito tempo para uma banda hibernar. As lendas do Doom Sueco Count Raven lançam «The Sixth Storm», que traz todas as marcas de uma banda que sabe exatamente o que é e de onde vem. Se Count Raven fosse uma banda tão tipicamente não propensa a clichês, “Vale a pena esperar” teria sido um título apropriado para o álbum. (Other)

Ofermod - «Mysterium Iniquitatis» (Suécia, Black/Death Metal)

Marcial e hipnotizante, ardente e furioso, mas executado com uma nitidez e finesse, «Mysterium Iniquitatis» apresenta os OFERMOD na sua forma mais apertada e tensa, como seu som caracteristicamente maléfico, assumindo novos contornos sonoro, tão surpreendentemente realizado. (Other)

Orgia Nuclear - «O Retorno do Caos Total a Eliminação Completa» (Brasil, Speed/Thrash Metal)



ORGIA NUCLEAR, da mente diabólica de Jonathan Hellthrasher Maniac, revela-se uma criatura explosiva do infame submundo brasileiro do Thrash Metal. Ao longo dos anos ORGIA NUCLEAR conseguiu criar o seu próprio gênero, o qual o podemos incluir no verdadeiro Speed Black Thrash Metal Punk Marginal. (Other)

Otargos - «Fleshborer Soulflyer» (França, Black Metal)

«Fleshborer Soulflyer» empurra o som cósmico Blackened Death Metal dos Otargos ainda mais em termos de brutalidade, peso e desconstrução, soando como uma viagem no espaço-tempo através de um buraco negro! (Other)

Worm - «Foreverglade» (USA, Death/Doom)

Escavando na lama dos intermináveis pântanos da Flórida, WORM apresenta «Foreverglade», uma estranha amálgama de coisas que escorrem, coisas que rastejam e algumas coisas que permanecem paradas por séculos antes de se desintegrar em poeira. O que é certo é que «Foreverglade» é sufocante e pesado, cheio de uma atmosfera sombria cintilante e uma humidade fétida. (Other)

White Snake of Blackened Maze - «By The Rivers of Heresy» (Bélgica, Avant-garde/Progressive Black Metal)

Este é o álbum de estreia dos WSBM! Romantismo sombrio capturado no Blackened Metal e melodias assombrosas! Álbum conceptual, que narra a eterna guerra secular de pensamento e fé: «By The Rivers Of Heresy». A narração do álbum é entregue às almas de Wirogl e Wesdor pelos espíritos da tribo White Snakes escondidos num labirinto negro de conhecimento. (Petrichor)



Reaping Asmodeia - «Darkened Infinity» (EUA, Deathcore)

Os revigorados REAPING ASMODEIA está de volta e pronto para deixar a sua marca com este seu terceiro LP, «Darkened Infinity». O trio de Minneapolis, apresenta doze faixas de death metal técnico moderno e rítmico, com composições temáticas destemidas, de luta contínua da humanidade com o eu psicológico. (Prosthetic Records)

Apostolica - «Haeretica Ecclesia» (Itália, Symphonic Power Metal)

Apostolica fundou um novo culto baseado numa imagem intrigante e enigmática, num som bombástico e puro, com riffs cativantes e muitos refrões inesquecíveis. «Haeretica Ecclesia» é o primeiro capítulo do próprio livro de revelações dos quatro profetas cavaleiros modernos do Apocalipse. (Scarlet Records)

Nightland - «The Great Nothing» (Itália, Symphonic Death Metal)

«The Great Nothing» dos Nightland leva o ouvinte através de uma extraordinária experiência de metal extremo feita de melodias dramáticas e épicas, riffs explosivos e atmosferas sonhadoras enriquecidas por arranjos orquestrais maciços. Vocais rosnados e coros poderosos ampliam o conceito lírico obscuro e emocionante por trás do álbum. (Scarlet Records)

Sgaile - «Ideas Morality» (Escócia, Progressive Metal)

Sgaile é o projeto a solo do multi-instrumentista escocês Tony Dunn. Musicalmente, a estreia de Sgaile é um registro emocional. um álbum que é melancólico e bastante sombrio em alguns lugares, mas edificante e inspirador noutros. (Avantgarde Music)

Funeral - «Praesentialis In Aeternum» (Noruega, Funeral doom)

Melancolia. Dor. Perda. Solidão. Esses foram apenas alguns dos principais temas do doom metal desde que a chuva torrencial sombria e o som do sino da igreja à distância deram origem ao gênero na estreia há mais de cinco décadas. Mas quantos músicos realmente carregam esses sentimentos angustiantes? (Season of Mist)

Avdagata - «Damnatio Cursus» (Suécia, Melodic Black/Death Metal)

A Avdagata é fundada por Sebb Drago. A visão por trás do Avdagata é criar músicas e letras que refletem a sua alma. Olhe nos olhos e terá a mesma sensação de quando ouvir e experimentar Avdagata: Black/death metal melódico e cru sem desculpas. O EP de estreia é «Damnatio Cursus». (All Noir)

Begat The Nephilim - «II: The Grand Procession» (EUA, Blackened Melodic Death Metal)

«II: The Grand Procession», o novo LP da banda de death metal melódico enegrecido do sul de New Hampshire. Begat The Nephilim esculpiram uma carreira distinta, com o seu som pesado, mas melódico e tecnicamente impressionante, estabelecendo com sucesso uma impressão duradoura. (All Noir)

Godhead Machinery - «Monotheistic Enslavement» (Suécia, Black Metal)

O novo álbum dos Godhead Machinery segue um caminho mais sombrio em comparação com os seus antecessores, explorando aqui a mente doentia da humanidade. Godhead Machinery foi iniciado em 2014 por Kail Karlsson, após dois discos de black/death, os suecos lançam «Monotheistic Enslavement» (All Noir)

Abstract Void - «Wishdream» (Rússia, Atmospheric Black Metal / Synthwave)

Abstract Void é uma banda de um homem só, Bogdan Makarov. O som é intrinsecamente uma mistura de synthwave, black metal e música dos anos 80. Após dois anos de silêncio, Abstract Void regressa com o terceiro álbum, «Wishdream». Uma viagem de sonho como nenhuma outra, explorando mais o estilo experimental que consagrou a banda. Os vocais ásperos e sofridos combinam com a perfeição dos sintetizadores e com as experimentações que só o Abstract Void consegue alcançar. (Avantgarde Music)

Inherits The Void - «Monolith Of Light» (França, Melodic black metal)

Inherits The Void é o empreendimento musical do multi-instrumentista francês Antoine Scholtès. «Monolith Of Light» marca assim o álbum de estreia, nascido do desejo de Scholtès de um encontro entre influências da cena Black Metal sueca dos anos 90 e uma orientação mais atual do género. Raiva e melodia entrelaçam-se nesses sete hinos à transitoriedade do homem. (Avantgarde Music)

Burial Waves - «Holy Ground» (EUA, post-rock)

O EP de estreia do quinteto de alt/post-rock baseado em Baltimore, Burial Waves, é «Holy Ground». Coletivamente, a banda apresenta-se com a sua própria entidade sonora, mas a história da sua cidade natal reflexe-se na sua produção coletiva. O EP «Holy Ground» do Burial Waves traz cinco músicas. (Earsplit)

Funeral Chant - «Dawn of Annihilation» (EUA, Black/Death Metal)

A banda de black death de Oakland, Funeral Chant, lança aqui o seu álbum de estreia «Dawn of Annihilation». Funeral Chant foi forjado em 2014 com o objetivo de escrever um death metal caótico e horripilante, combinando as tradições do black, death e thrash metal com o espírito selvagem e inovador que dominou os primeiros dias do heavy metal tradicional. (Earsplit)

Vaulted - «Left In Despair» (EUA, Death Metal)

O quinteto de death metal/hardcore metálico de Boston, VAULTED, lança o seu segundo álbum, «Left In Despair». VAULTED suga a agressividade e o crescimento interno através de um caos auditivo abrasador e metálico, às vezes melódico e sem remorso do desespero pessoal, atrocidade social e vitriolo global. (Earsplit)

Fortress - «Don't Spare The Wicked» (EUA, Hard'N'Heavy)

Este trabalho dos FORTRESS, tem uma sonoridade muito mais ampla que vai do speed metal ao rock clássico, influenciado por bandas como Dio, Queensryche e Riot. A faixa-título é colocada como a última música do álbum e também é uma das composições mais rápidas do disco. (High Roller Records)

Hitten - «Triumph Tragedy» (Espanha, Heavy Metal)

«Triumph And Tragedy» é a evolução natural do som da banda. Onde «Twist Of Fate» começou a trazer um pouco de hard rock para o heavy metal dos Hitten, «Triumph And Tragedy» dá um passo adiante, aprimorando essa melodia melódica do final dos anos 80 com uma abordagem do início dos anos 90 para oferecer um som total de hard 'n' heavy. (High Roller Records)

Premiata Forneria Marconi - «I Dreamed Of Electric Sheep» (Itália, Rock)

A música dos Premiata Forneria Marconi é uma forma de uma explosão livre de cores e sons. Neste álbum, há muitas histórias diferentes, mas todas estão de alguma forma ligadas à paixão, ao amor e ao poder da imaginação. (InsideOut Music)

Adiant - «Killing Dreams» (Austria, Symphonic/Melodic Death Metal)

O quinteto de Styria assumiu a causa do death metal melódico clássico, com um toque sinfónico, com vocais femininos assombrosos. O conteúdo do álbum trata em várias camadas, desde críticas sociais a eventos ambientais e doenças mentais. «Adiant» é um antigo termo celta. (MDD Records)



Exodus - «Persona Non Grata» (EUA, Thrash Metal)

Quando pensamos na frase Bonded By Blood, pensamos em duas coisas: uma irmandade que deve durar mais que as provações da guerra, dor e tempo... e o todo-poderoso Êxodo. Com um vínculo forjado na juventude e amizade de décadas, os mestres indiscutíveis do thrash metal da Bay Area estão de volta com seu décimo primeiro álbum de estúdio: «PERSONA NON GRATA». (Nuclear Blast)

Khemmis - «Deceiver» (EUA, doom metal)

Os mestres do doom heavy metal KHEMMIS regressam para revelar o seu quarto LP, «DECEIVER». Seis faixas de peso desolado que despertam a alma encapsulada, num projeto que está elaborado há quase três anos. «DECEIVER» é uma peça de arte musical ferozmente honesta e apetitosa. (Nuclear Blast)

Northtale - «Eternal Flame» (Suécia, Power Metal)

Na sua essência, Northtale é o projeto a solo de Hudson da mesma forma que a lenda da guitarra Jeff Waters trabalha sob o nome Annihilator. Fortemente influenciado pelos primeiros Stratovarius, André Matos na era Angra e era Keeper dos Helloween, Northtale baseia fortemente nos seus respectivos catálogos, que podem ser ouvidos com clareza escaldante neste novo álbum. (Nuclear Blast)



Pathology - «The Everlasting Plague» (EUA, Brutal Death Metal)

O gore impulsionou o retorno dos Pathology com o seu 11º álbum de estúdio, «The Everlasting Plague». Reaparecem aqui como um zombi de ápice, rasgando a carne do seu companheiro morto enquanto ele sobe ao topo de uma cidade demolida. (Nuclear Blast)

Morguiliath - «Occult Sins, New Unholy Dimension» (França, Black Metal)

Morguiliath nasceu no sul da França por Rats em 2004, oferecendo vários concertos e performances. O primeiro álbum, «Age of Misanthropy Human Blood and Chaos», foi lançado em 2020 como um álbum muito sombrio que lida com ocultismo, demonologia, caos e a aniquilação de crenças monoteístas e todas as formas de cultos religiosos. (Osmose Productions)

Benothing - «Temporal Bliss Surrealms» (Finlândia, Death Metal)

Contemple a exibição feroz da crueldade sombria, progressiva, sinistra e miasmática do death metal que Benothing criou! Após cerca de dois anos dedicados ao desenvolvimento do processo de composição, a banda esta pronta e alinhada para canalizar a sua paixão pelas manifestações antigas e descomprimidas desta arte mórbida e finalmente dar à luz a primeira manifestação. (Other)

Burial - «Inner Gateways to the Slumbering Equilibrium at the Center of Cosmos» (Itália, Death/Doom Metal)

Taly's Burial ressurgue do além com o seu primeiro LP, misturando momentos de pura agressão do death metal e passagens doomy horríveis e funerárias. Entre no terror! Burial é uma banda italiana de Death/Doom influenciada por Swe/Fin. (Other)



Death SS - «Ten» (Itália, Industrial Metal)

Sob a orientação do lendário frontman Steve Sylvester, os mestres italianos do horror metal Death SS regressam com «Ten», uma nova observação sobre a morte e a escuridão. Death SS continua a oferecer a sua própria mistura pessoal de horror metal: esotérico, oculto e espontâneo. As dez faixas do álbum orquestram uma massa sinistra de abandono pecaminoso cheio de contos assustadores e histórias sombrias. (Other)

Dream Unending - «Tide Turns Eternal» (EUA, Death Metal)

Derrick Vella (Tomb Mold) e Justin DeTore (Innumerable Forms) uniram as suas psiques sombrias e abordagens distintas para criar Dream Unending. Embora se possa encontrar certos elementos de seu LP de estreia «Tide Turns Eternal», o facto é que Dream Unending leva esses dois pilares da cena Death Metal underground em direções novas e inesperadas. (Other)

Ember Sun - «On Earth And Heaven» (Grécia, Funeral Doom Metal)

Ember Sun é um projeto a solo de Lorthar da Grécia, que toca um funeral doom death atmosférico com influências góticas. Na terra e no céu, este trabalho é um hino de solidão e tristeza. É o medo de chegar ao nosso fim. O desespero de não ver novamente todos aqueles que se amava e odiava. (Other)



Firewölfe - «Conquer All Fear» (EUA, Heavy Metal)

A banda americana Firewölfe impressionou a cena desde logo, mas levou três anos para entregar o sucessor de «We Rule The Night». «Conquer All Fear» é um poderoso álbum de heavy metal com alta densidade melódica. Riffs pesados, refrões melódicos, uma unidade rítmica estrondosa, excelentes ataques de guitarra dupla e solos finamente estruturados, caracterizam os Firewölfe. (Other)

Hyperdontia - «Hideous Entity» (Dinamarca, Death Metal)

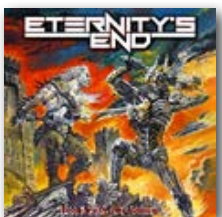
Hyperdontia é um nome que precisa de pouca apresentação. Em 2018, esta máquina de Death Metal dinamarquesa lançou «A Nexus Of Teeth», que provou ser um dos Death Metal mais surpreendentes dos últimos anos. A qualidade da sua música permanece consistente e agora, eles regressam com o seu segundo trabalho «Hideous Entity». (Other)

In Crucem Agere - «Calling The Void» (Austria, Black Metal)

«Calling the Void» atrai o ouvinte para uma espiral descendente de Black Metal, em direção aos poços mais profundos da existência humana. A música reflete um sentimento tão sombrio com elementos muitas vezes dissonantes e um tanto progressivos, combinados com riffs técnicos, bem como ocasionalmente doom, vocais ferozes e uma atmosfera geral sombria. (Other)

The Necromancers Union - «Flesh Of The Dead» (Internacional, Doom Rock)

The Necromancers Union foi fundada quando Daniel, membro do Glass Apple Bonzai, sentiu a necessidade de criar um tipo diferente de arte. A sua paixão por filmes de terror, rock gótico dos anos 80 e pós-punk new school foram as principais inspirações para este novo projeto. Esteja preparado para um dos lançamentos mais monumentais do género. (Petrichor)



Eternity's End - «Embers Of War» (Alemanha, Progressive Power/Speed Metal)

Com riffs agressivos, guitarras de duelo, bateria técnica rápida, vocais agudos e grandes coros épicos, «Embers of War» traz as marcas de um futuro clássico do género. ETERNITY'S END decidiu abraçar todos os elementos exagerados do power metal e misturá-los com técnica e acenos para o heavy metal clássico, afim de tornar um álbum irresistível para os headbangers de todo o mundo. (Prosthetic Records)

Eldritch - «Eos» (Itália, Progressive Metal)

Difícil de acreditar, mas esta nova e única mistura de elementos de rock progressivo e sons de metal moderno – com toques de AOR, thrash, música clássica e eletrônica – é o pico artístico dos Eldritch de todos os tempos. As linhas vocais do vocalista Terence Holler são bastante originais e combinam influências escolhidas de uma grande variedade de estilos também. (Scarlet Records)

Theatres Des Vampires - «In Nomine Sanguinis» (Itália, Gothic Metal)

Theatres Des Vampires regressa à cena do crime com um esforço extraordinário: orquestrações cinematográficas de terror elegantes, sons electro obscuros e linhas vocais exuberantes e cativantes que ressoam na sua cabeça através de todas essas dez novas músicas meticulosamente criadas. «In Nomine Sanguinis» combina o toque sensual da banda italiana com brilho e elegância. (Scarlet Records)

Nocturnal Graves - «An Outlaws Stand» (Austrália, Blackened Thrash Metal)

Nocturnal Graves regressam com a sua nova oferta venenosa, «An Outlaw's Stand». Aglutinando os elementos mais cruéis e desagradáveis do death, thrash e black metal; o metal apocalíptico dos bandidos australianos explode como uma bomba atômica, deixando uma devastação absoluta em redor. (Season of Mist)

Andrew Lee - «Heavy Metal Shrapnel» (EUA, Guitar Hero)

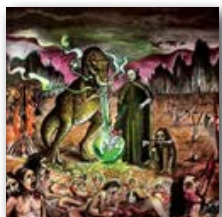
O Heavy Metal Shrapnel de Andrew Lee nasceu do desejo de ver baterias fechadas e riffs desprezíveis retornarem à vanguarda da música instrumental orientada para a guitarra. A fusão única de LEE e as habilidades de solo influenciadas pelo neoclássico no mundo sujo do death metal são o ponto a reter. (All Noir)

Civerous - «Decrepit Flesh Relic» (EUA, Black/Death Metal)

Os praticantes de death metal da Califórnia, Civerous, vão desenterrar os sons angustiantes de seu álbum de estreia «Decrepit Flesh Relic». Civerous combina cantos lentos e esmagadores de doom metal com death metal rápido, dando aos ouvintes um momento de descanso antes de arrastá-los para uma caverna escura. (All Noir)

Ernte - «Geist Und Hexerei» (Suíça, Black Metal)

«Geist und Hexerei», é o próximo álbum de estreia da dupla suíça de Black Metal ERNTE. Inspirado em espíritos antigos, de paisagens frias e estereis, «Geist und Hexerei» apresenta oito faixas implacáveis de True Hellvetic Black Metal com uma preferência inegável por melodias nórdicas. (All Noir)



Pachiderma - «Il Diavolo La Peste La Morte» (Itália, Sludge / Stoner Metal)

O próximo e matador novo álbum dos fusionistas de sludge e stoner-core PACHIDERMA está aqui. Do que começou como uma dupla de bateria e baixo em 2017, fundindo um núcleo de sludge, efeitos de áudio, devem em breve tornar-se um trio ao adicionar um terceiro membro para realizar o seu fascinante fusão de sons monolíticos com um conceito visual. (All Noir)

Rhapsody Of Fire - «Glory For Salvation» (Itália, Symphonic Power Metal)

Da evolução da banda para Rhapsody Of Fire em 2006, Staropoli manteve-se forte e seguiu em frente, mesmo que de fora parecesse que tudo estava desmoronando. Talvez o maior teste veio na forma do 12º álbum de estúdio da banda, «The Eighth Mountain», que apresentou a primeira saga na história da banda não escrita por Turilli, e o primeiro trabalho gravado de Voli como vocalista do Rhapsody Of Fire. (All Noir)

Bonded - «Into Blackness» (Alemanha, Thrash Metal)

Tempos brutais exigem música brutal. Bonded estão de volta para derrubar o martelo novamente. Explosivo, assassino e visivelmente mais rápido e pesado que seu antecessor, o segundo álbum do Bonded é exatamente o alerta violento que todos nós precisamos depois de meses de inércia involuntária. Intitulado «Into Blackness», faz jus ao seu título sinistro. (Century Media)

Gemini Syndrome - «3Rd Degree The Raising» (EUA, Alternative Metal)

«3rd Degree – The Raising», é o terceiro álbum dos Gemini Syndrome. Esta ordem de três passos e três álbuns não é por acaso, mas é um aceno a muitas das tradições iniciáticas que existem e funcionam como um receptáculo de transmissão e preservação do Sagrado Conhecimento ao longo dos tempos. (Century Media)

Omnium Gatherum - «Origin» (Finlândia, Melodic Death Metal)

Com fome de algum death metal melódico moderno com influências pop ridiculamente cativantes? Este cenário fumegante de nove pratos é chamado de «Origin» e é honrosamente trazido à mesa pela renomada banda de heavy metal finlandesa Omnium Gatherum. (Century Media)

Spiritworld - «Pagan Rhythms» (EUA, Death/Thrash Metal/Hardcore)

A fronteira americana: onde estradas perdidas se estendem na escuridão e desertos imperturbados falam uma linguagem tão sinistra quanto sobrenatural. Spiritworld também é a busca da visão auditiva de Stu Folsom, um nativo de Las Vegas que pegou a intensidade daquele calor do deserto e lhe deu voz, uivando através do som do Slayer e Pagan Rhythms. (Century Media)

The Lurking Fear - «Death Madness Horror Decay» (Suécia, Death Metal)

O tempo passa rápido. O momento é tudo. Um grupo de veteranos do metal underground sueco, abriram as portas para um novo mundo distintamente perturbador, de death metal da velha escola e pavor opressivo e lovecraftianismo. The Lurking Fear mergulha nos terrores cavernosos do universo único de HP Lovecraft, Death, Madness, Horror, Decay ousando ir mais além. (Century Media)

Unanimated - «Victory In Blood» (Suécia, Melodic Death/Black Metal)

As lendas suecas Unanimated voltaram do sono imortal com o novo álbum, «Victory in Blood». De facto, a energia foi restaurada. O poder infernal do Velho Nick fluiu novamente pelas veias cauterizadas de Unanimated. «Victory in Blood» é destinado a um público interno e sepulcral. (Century Media)



K Amon K - «Arca Ende Aeterna» (França, Black Metal)

K Amon K é uma nova entidade sombria criada por veteranos da cena BM francesa. Furioso, inspirador e mágico, este é Black Metal de morrer. A banda teve muito cuidado para criar sons de sintetizador únicos e originais para trazer ambientes reais, mais do que aplicar simples camadas. (Code666)

Archgoat - «Worship The Eternal Darkness» (Finlândia, Death/Black Metal)

32 anos após a formação, os iconoclastas finlandeses Archgoat permanecem monolíticos como uma das bandas mais singulares da música extrema. Continuando onde ficaram com o álbum anterior «The Luciferian Crown», a síntese patenteada da banda de black/death metal finlandês do ocultismo, Thrash primitivo e Grindcore é aqui temperado com elementos de dinamismo melódico. (Debemur Morti Productions)

Plebeian Grandstand - «Rien Ne Suffit» (França, Avant-garde Black Metal/Mathcore/Powerviolence)

No 4.º LP «Rien ne suffit» ('Nada é suficiente'), os sintetizadores sui generis dos Plebeian Grandstand levam uma violenta demolição no edifício da música extrema, remodelando as peças como um portal-espelho para a turbulência psicológica, social e global. A banda cria uma tensão constante com misturas de avant-Black Metal, Hardcore, Jazz, Noise, Eletrônica experimental e Death Industrial numa forma ultra contemporânea de 'pós-Metal'. (Debemur Morti Productions)

Cave Bastard - «Wrath Of The Bastard» (EUA, Sludge/Death Metal/Hardcore)

A banda de metal extremo/progressista de San Diego, Califórnia, Cave Bastard, lança o segundo LP, «Wrath Of The Bastard». Este é composto por uma série de movimentos mórbidos completamente separados dos trabalhos anteriores. «Chaos Unearthed» conta uma história para o mundo inteiro experimentar a descoberta do caos dentro do universo. (Earsplit)

Deeper Graves - «The Colossal Sleep» (EUA, Post-Punk / Shoegaze)

Deeper Graves, o projeto solo de Jeff Wilson dos Chrome Waves, onde Wilson cria paisagens sonoras exuberantes e movimentos de rock de ritmo lento que se aventuram ainda mais nos reinos do seu pós-punk, shoegaze e alternativo, apresentando elementos que remontam a actos Bauhaus e Joy Division. (Earsplit)

Solar Cross - «Echoes of the Eternal Word» (Finlândia, Progressive Death Metal)

O trio finlandês de death metal progressivo Solar Cross, com ex-membros do Omnium Gatherum, lançará seu álbum de estreia «Echoes Of The Eternal Word». Este poderoso simbolismo primordial pode ser ouvido na música de Solar Cross: metal simples, mas matizado, com letras que se inspiram no folclore finlandês e na relação ritual pessoal com os ciclos naturais. (Earsplit)

Molybaron - «The Mutiny» (França, Experimental/Post Metal / Progressive Rock)

Formado em Paris, pelo cantor/guitarrista Gary Kelly e pelo guitarrista Steven Andre, os Molybaron rapidamente se tornaram uma das bandas mais comentadas da cena metal moderna. Com um som abrangente, desde grooves tecnológicos e hinos de metal, a atmosferas de várias camadas e riffs de hard rock musculosos, o talento excêntrico da banda diferencia-se do resto. (InsideOut Music)

The Tea Party - «Blood Moon Rising» (Canadá, Rock)

Com uma carreira de mais de trinta anos e nove lançamentos. Muito do sucesso da banda pode ser atribuído à sua presença de palco maior que a vida, com influências de rock industrial, blues, rock progressivo e música do Oriente Médio. The Tea Party lança o seu novo LP, «The Ocean At The End», que conta com 11 faixas gravadas ao longo de 5 anos. (InsideOut Music)

Adoperta Tenebris - «Oblivion» (França, Black Metal)

Projeto paralelo de longa duração, Adoperta Tenebris é uma banda de um homem só, fundada por volta do ano de 2010 e profundamente influenciado pela cena Black Metal escandinava dos anos 90, incorporando alguns elementos do Death Metal. Este álbum é uma peça dedicada ao trabalho de guitarra rápida e melódica, fazendo de «Oblivion: The Forthcoming Ends», um novo passo para o projeto com a adição de vários convidados e uma produção mais massiva. (LADLO)



Fetal Blood Eagle - «Indoctrinate» (EUA, Death Metal)

Fetal Blood Eagle é o culminar de uma visão pútrida de réprobos para criar o mais impressionante death metal, brutalmente pesado. Com essa combinação, eles criaram, afiaram, mastigaram e depois defecaram 10 músicas de ferocidade e belicosidade. «Indoctrinate» certamente fará cócegas nos seus sentidos. O futuro é sombrio e Fetal Blood Eagle é o eclipse! (Listenable Records)

Servant - «Blessed By The Light Of A Thousand Stars» (Alemanha, Black Metal)

Com «Blessed By The Light Of A Thousand Stars», os black metalers alemães Servant apresentam um álbum de estreia impressionante e incrivelmente maduro, que estilisticamente, está nos ombros das grandes bandas

de black metal escandinavas. Olhando mais de perto, isso não é surpreendente, já que a banda é basicamente baseada nos restos mortais do compositor Farago dos Ancient Wargod. (MDD Records)

W.E.B. - «Colosseum» (Grécia, Symphonic Black Metal, Melodic Death Metal)

Nascido da “necessidade de gritar, explodir, criar emoções e subir ao palco”, WEB da Grécia forjou constantemente um caminho para se tornar uma das principais bandas europeias de metal sinfónico extremo. O quinto álbum «Colosseum», é o seu maior e mais direto trabalho até hoje. (Metal Blade Records)

Hypocrisy - «Worship» (Suécia, Melodic Death Metal)

Com os governos finalmente admitindo que os OVNI's de facto existem, o momento não poderia ser mais apropriado para a mais nova adição ao catálogo dos Hypocrisy: «Worship». E o antigo HYPOCRISY mais uma vez encontrou uma maneira de combinar ideias inovadoras com som clássico para entregar algo que os metaleiros podem consumir com admiração e vigor brutal. (Nuclear Blast)

Daxma - «Unmarked Boxes» (EUA, Doom/Post-Metal)

O novo álbum dos Daxma «Unmarked Boxes» é um trabalho íntimo de introspecção inspirado e nomeado após o poema de Rumi do século 13, que explora temas de tristeza e esperança através de tons de guitarra esmagadoramente pesados, orquestrações assombrosas e melodias exuberantes. (Other)

Redemptor - «Agonia» (Polónia, Technical Death Metal)

Redemptor de Cracóvia, Polónia, estão de volta com um novo álbum após 4 anos. O sucessor do bem recebido álbum «Arthaneum», «Agonia» traz 9 músicas de death metal técnico, pesado e atmosférico com fortes influências do género. (Other)

Signum Draconis - «The Divine Comedy Inferno» (Itália, Progressive/Symphonic Heavy Metal)

Signum Draconis lançou a ópera de heavy metal «Inferno», da Divina Comédia escrita por Dante Alighieri. Com 17 músicas cantadas em inglês, o álbum é o primeiro de uma trilogia da obra completa da magnum opus de Dante, com «Purgatory» e «Paradise» que se segue. O trabalho está repleto de duetos com vocalistas convidados, narrações de cânticos, e um acompanhamento orquestral da Orquestra Sinfónica e Coro de Bratislava. (Other)

Vorga - «Striving Toward Oblivion» (Alemanha, Black Metal)

A banda alemã de black metal Vorga regressa com um álbum absolutamente cintilante que expande a música e leva nos a novos patamares. O som é mais poderoso e simplificado do que nunca, mantendo-se intenso e suficientemente contundente, mas não tanto a ponto de mexer nas melodias que adicionam uma dimensão à música atmosférica e sobrenatural da banda. (Other)

Shape Of Despair - «Return To The Void» (Finlândia, Atmospheric/Funeral Doom Metal)

Os ícones finlandeses do funeral doom Shape Of Despair estão de volta da melancolia nórdica invernal com o seu novo álbum, «Return to the Void». Os finlandeses nunca foram ou acharam a necessidade de ser prolíficos, no entanto, a corrida para a escuridão fria é uma tarefa contemplativamente sem pressa. (Season of Mist)

Uranium - «Wormboiler» (EUA, black industrial/power Electronics)

A arma da electrónica industrial de potência negra Uranium, emerge das profundezas do esquecimento com o seu primeiro lançamento. A música dos Uranium prende-se com paisagens sonoras pós-industriais majestosas e contundentes, animando um vazio sem luz, iluminado apenas pelo brilho da precipitação, cinzas caindo e atmosferas infernais angustiantes envoltas em torno de escoriações rítmicas punitivamente pesadas de caos auditivo distorcido. (Sentient Ruin)

Beyond Death's Throne - «Haphazard Ethos» (Espanha, Black Metal)

Vindo da próspera cena do black metal espanhol, Beyond Death's Throne lança «Haphazard Ethos», que compreende quatro faixas épicas num total de 27 minutos, elogiando e saudando aqueles que ainda acreditam que o passado está vivo, e certamente viverá para sempre na mente sombria e torturante. (Signal Rex)

Dormant Ordeal - «The Grand Scheme Of Things» (Polónia, Death Metal)

O terceiro álbum dos Dormant Ordeale a estreia do Selfmadegod, apresentam 8 músicas técnicas, dissonantes e intensas de death metal, tocado com grande habilidade e precisão, «The Grand Scheme Of Things». Originalmente um projeto de um homem só, Dormant Ordeal surgiu em 2005. (Signal Rex)

Hollow Woods - «Cold Winds Cleave The Earth» (Finlândia, Black Metal)

Hollow Woods ataca com uma estreia apropriadamente intitulada «Cold Winds Cleave the Earth». Embora vindos da Finlândia, esta entidade misteriosa evita em grande parte o idioma de black metal reinante de sua terra natal, e em vez disso, tendo influência da Ucrânia, Noruega e especialmente da Rússia. Black Metal puro e orgulhoso, mas feito com personalidade e carisma. (Signal Rex)

Moonworshipper - «13 Fullmoon Nights Of Doubt» (França, Atmospheric/Post-Black/Doom Metal)

Sem se importar com nada, exceto ser fiel ao que representa, Moonworshipper é um projeto underground sombrio que combina pop depressivo e black metal suicida, em longas peças de música hipnotizantes. A banda está a caminho de lançar uma trilogia de álbuns autobiográficos, contando a vida do vocalista. Uma carta de amor escrita em 3 capítulos. (Solstice PR)

Komodor - «Nasty Habits» (França, Heavy Rock)

«Nasty Habits» - o álbum de estreia dos reis franceses do rock, KOMODOR! Após o seu EP autointitulado de 2019, Komodor decidiu comprar algumas máquinas antigas para produzir o seu 1º LP na sua terra natal, a Bretanha. Prepare-se para uma dose completa de rock infestado de psicadélicos, garage e blues! (Soulseller Records)

Dymytry - «Revolt» (Chéquia, Metalcore)

Primeiro álbum em inglês dos heróis do psy-core metal tcheco Dymytry! Depois de cinco álbuns de estúdio e um prêmio de platina pelo seu último lançamento «Revolver», banda de metal moderno tcheca Dymytry segue com a mesma forte combinação para continuar a vencer. (All Noir)

Grave For Gods - «The Oldest Gods» (Austrália, Doom Death Metal)

Através de ruínas de cerimônias antigas, hinos que ecoam na pedra sob céus cinzentos, agora perdido como lágrimas na chuva e histórias que reviveram numa plataforma da Peaceville 3 e todas as coisas que são Doom. Isso é Grave For Gods..... (All Noir)

Wounds Of Recollection - «Deathbed» (EUA, Black Metal/Post-Rock)

O único membro, Annos, lança um álbum todos os anos desde 2014, e «Deathbed» continua a tradição pós-black/blackgaze. Wounds of Recollection percorreu um longo caminho para aperfeiçoar um toque único no subgênero, incorporando uma variedade de trabalhos de guitarra atmosférica que lembram os mestres shoegaze do início dos anos 90, juntamente com o agressividade, intensidade e frieza rouca. (Avantgarde Music)

Mütterlein - «Bring Down The Flags» (França, Darwave/Gothic Rock/Dark Folk)

MÜTTERLEIN foi formado em 2014 como o projeto a solo da compositora, multi-instrumentista e vocalista Marion Leclercq (ex-OVERMARS) em busca de catarse para superar “o sol negro da melancolia” induzida por ressentimentos sociais e julgamentos individuais e canaliza as texturas orgânicas do sombrio pós-Punk e uma espécie de rock assombrado. (Debemur Morti Productions)

Ereb Altor - «Vargtimman» (Suécia, Epic Viking Doom Metal)

Na era do Lobo, EREB ALTOR lidera o caminho. Poderoso Epic Pagan Metal que está muito à frente dos nossos tempos! EREB ALTOR sempre promete uma coisa a cada lançamento: Metal épico, misturado com folk, inspirado nas lendas nórdicas. «Vargtimman» agita as coisas novamente com um verdadeiro e sincero tema pagão em suas letras e arte. (Hammerheart Records)



Battle Beast - «Circus Of Doom» (Finlândia, Heavy/Power Metal, Hard Rock)

Doom metal? Certamente não. Metal de circo? Ai vai! A história não diz se tal gênero de metal foi realmente inventado numa escala maior antes, mas se sim, então sintam-se livres para culpar a ignorância quando declaramos que o sexteto finlandês Battle Beastsão os reis mágicos seminais do circo metal. «Circus of Doom», o sexto álbum de estúdio hard rock de Battle Beast, leva-o a bordo de uma montanha-russa hipnotizante que nunca mais acaba. (Nuclear Blast)

Obscura - «A Valediction» (Alemanha, Progressive Death Metal)

A banda de metal alemã Obscura lança um conceito de trilogia no impressionante novo álbum «A Valediction». Obscura é conhecido pelos fãs e aclamado pela crítica por desafiar e expandir as normas. «A Valediction» lidera os Obscura numa nova era de metal extremo. (Nuclear Blast)

Godless Truth - «Self Titled» (Chéquia, Technical Death Metal)

A banda tcheca de longa data Godless Truth existe desde o início dos anos 90, mas fortaleceu-se a cada álbum, absorvendo influências que aprimoram o seu som e os tornam mais poderosos e eficazes do que nunca. Death metal técnico que ainda depende de riffs elaborados e ganchos memoráveis, em vez de mera extravagância superficial. (Other)

Hellfrost And Fire - «Fire, Frost And Hell» (Internacional, Death Metal)

Benediction, de David Ingram lidera o ataque, tocando death metal da velha escola implacável, batendo e estalando pescoço. Uma força inexorável, a música reverbera com poder surpreendente e grooves maciços, rolando como um rolo compressor com pontas dizimando tudo no seu caminho. (Other)

The Last Of Lucy - «Moksha» (EUA, Technical Death Metal)

The Last of Lucy tirou a pele de seus lançamentos anteriores para revelar uma criatura muito mais perigosa e letal por baixo. Representa o núcleo do som, sem frescuras ou passagens lentas, pois em «Moksha» eles assumiram um avatar feroz para dizimar do início ao fim. «Moksha» é o álbum mais poderoso desta ambiciosa banda de death metal técnico, abraçando a extremidade amarga com toda a complexidade e groove. (Other)

Tony Martin - «Thorns» (Inglaterra, Heavy Metal)

Tony Martin é um vocalista de heavy metal inglês, mais conhecido por seu tempo à frente dos Black Sabbath. Martin foi o segundo vocalista mais antigo da banda depois de Ozzy Osbourne. «Eternal Idol» e «Headless Cross» estão entre os álbuns mais conhecidos do Black Sabbath com Tony Martin, assim como «Scream», seu álbum solo de 2005. (Other)

E-L-R - «Vexier» (Suíça, Doom Metal)

O simples dedilhar de uma guitarra rítmica expande lentamente um espaço de reverberação cada vez maior.

Uma guitarra solo numa nota alta começa a enfiar raízes através da escuridão aveludada da faixa de abertura 'Opiate The Sun' do segundo álbum dos E-L-R, «Vexier». O estilo dos suíços foi apelidado de 'doomgaze' e 'pós-metal' e ambos os termos aplicam-se vagamente aos épicos sinuosos e de ritmo lento do trio. (Prophecy Productions)

Nocturna - «Daughters Of The Night» (Itália, Symphonic Power Metal)



Nocturna é a nova sensação do Euro-metal focada na dualidade da fundadora e vocalista Grace Darkling e Rehn Stillnight. As suas vozes poderosas e personalidades carismáticas, destacam-se em todo o disco, cada uma com um tom bem distinto. «Daughters of the Night» mistura elementos góticos sinfônicos e power metal, alternando entre episódios rápidos e pesados, e baladas intensas orientadas ao piano. (Scarlet Records)

Veonity - «Elements Of Power» (Suécia, Power Metal)

Veonity significa ultra-power metal clássico: guitarras arrojadas, bombos duplos e uma abundância de coros épicos, solos malucos e gritos de verdadeiro metal estão no centro de cada faixa e formam a base sólida sobre a qual o som da banda é construído. (Scarlet Records)

Nite - «Voices Of The Kronian Moon» (EUA, Blackened Heavy Metal)

A área da baía de São Francisco tem uma história repleta de metal com visão de futuro e tecnicamente deslumbrante, e os NITE carregam essa tocha com orgulho. A sua marca de heavy metal enegrecida corre para o perigo de um futuro desconhecido, mantendo um olho nos dias em que os leads empolgantes governavam a terra. (Season of Mist)

Somnolent - «The Infernal Expanse» (EUA, Black/Death Industrial)

Somnolent sobe do abismo com o seu novo álbum «The Infernal Expanse», numa imensa besta auditiva do caos infernal e diabólico do black/death industrial, dark ambiente que fumaça das mandíbulas monstruosas do inferno total. «The Infernal Expanse» aproveita um reino de majestade aural infernal que inflige feridas profundas e horríveis na mente daqueles que colocam ouvidos nas suas conjurações. (Sentient Ruin)

SWR 23

**Garrocelas Metalfest
p o r t u g a l**

27-30 April 2023

www.swr-fest.com

CURIOSIDADES PALETES

Gênero	#LPs	Gênero	#LPs	Álbuns por Países	
Black Metal	59	Alternative Metal	1	País	#LPs
Death Metal	42	Post-Metal	1	Austrália	8
Progressive Metal	15	Power/Thrash Metal	1	Dinamarca	8
Thrash Metal	14	Metalcore	1	Portugal	7
Rock	14	Blackened Thrash Metal	1	EUA-Washington	6
Black/Death Metal	13	Darwave/Gothic Rock/Dark Folk	1	EUA-Arizona	5
Doom Metal	11	Electronic	1	Chéquia	5
Atmospheric Black Metal	11	Punk	1	EUA-Florida	5
Heavy Metal	10	Instrumental Metal	1	EUA-Maryland	5
Power Metal	9	Power/Speed Metal	1	Polónia	5
Sludge Metal	8	Dark Metal	1	Brasil	5
Progressive Rock	8	Atmospheric Rock Metal	1	Ucrânia	4
Symphonic Metal	7	Goregrind	1	Bélgica	4
Metalcore	6	Experimental Metal	1	Rússia	4
Death/Black Metal	6	Neofolk	1	Suiça	4
Blackened Death Metal	5	Alternative Metal	1	EUA-Pennsylvania	4
Thrash/Death Metal	5	Avant guard	1	EUA-Texas	4
Doom/Death Metal	5	Progressive death metal	1	Internacional	4
Stoner Metal	4	Electronic Metal	1	EUA-Colorado	4
Technical Death Metal	4			EUA-Ohio	4
Folk Metal	4			EUA-Georgia	3
Heavy/Power Metal	4			Grécia	3
Progressive Power Metal	3			EUA-Massachusetts	3
Death/Doom Metal	3			EUA-Virginia	3
Industrial Metal	3			Escócia	3
Avant-Garde Metal	3			Nova Zelândia	3
DarkWave	3			Islândia	2
Deathcore	3			Austria	2
Symphonic Power Metal	3			Equador	2
Black/Thrash Metal	3			EUA-Maine	2
Progressive Metal/Rock	2			Chipre	2
Brutal Death Metal	2			EUA-Oklahoma	2
Hardcore	2			Chile	2
Progressive Black Metal	2			EUA-New Mexico	1
Death/Thrash Metal	2			EUA-Tennessee	1
Death Metal/Metalcore	2			Singapura	1
Speed/Power Metal	2			Argentina	1
Epic Doom Metal	2			Lituânia	1
NWOBHM	2			Irlanda	1
Space Rock	2			China	1
Gothic Metal	2			Ilhas Faroé	1
Instrumental	2			Indonésia	1
Progressive Death Metal	2				
Viking Metal	2				
Raw Black Metal	2				
Medieval Music	1				
Epic Heavy/Doom Metal	1				
Apyocalypso Schlager	1				
Shoegaze	1				
Symphonic Black Metal	1				
Avant-garde Black Metal	1				

Álbuns por Países

País	#LPs
Suécia	37
Alemanha	34
Itália	25
Inglaterra	24
EUA-California	22
França	19
Finlândia	16
EUA-New York	12
Canadá	12
Espanha	10
EUA-Illinois	10
Noruega	10
Países Baixos	8

Nesta edição, chegaram-nos à redação um total de **395 álbuns** para ouvir, analisar e criticar.



Punk sem merdas nem tretas...

Como canta o grande Zeca Afonso: “Eles comem tudo, eles comem tudo, eles comem tudo mas não deixam nada”. «O Triunfo dos Porcos», novo álbum dos Zurrapa poderia muito bem chamar-se «Comilões de merda». Descritos pelos próprios como um Punk ‘n’ roll directo e honesto, a Versus esteve à conversa com o Nuno. Como é apanágio desta publicação, a dada altura a música serviu como rampa de lançamento para assuntos fracturantes da sociedade, tais como o *Serial Killers*, sabujos filhos da puta e até o punheteiro do Pai Natal.

Entrevista: Zurrapa do Alentejo & Zurrapa do Nuorte



Zurrapa do Nuorte - Ora bem, de forma a dar uma ajuda na promoção e divulgação do álbum como é que vocês definem «O triunfo dos porcos» e o que podem dizer aos nossos leitores que os faça comprar o álbum? (Já agora, onde e como o podem comprar?)

Nuno – Antes de mais, muito obrigado pela oportunidade e pelo apoio!!!

Ora, o “Triunfo dos Porcos” é pura e simplesmente um disco de Zurrapa e à Zurrapa.

É Punk & Roll despreocupado, sem merdas e sem “papas na língua”. É um trabalho 100% feito por nós, desde a captação, à mistura e à masterização. No artwork voltamos a contar com uma capa do Rafael Sales, mas todo o restante booklet foi feito por nós.

São 11 malhas do Punk que nós gostamos. E ainda levam 1 cover e 2 faixas extra.

ZdN - Vocês não têm editora.

- É um objectivo vosso?

- O que representam para ti/vocês os Zurrapa? Algo sério? Uma (séria) brincadeira?

Não, de facto não temos editora. É muito fácil explicar, nós gostamos realmente de fazer as coisas à nossa maneira e como nunca surgiu uma proposta que nos fizesse pensar seriamente na situação... vamos andando assim. E a verdade é que achamos mesmo piada (embora dê muito trabalho) em fazer tudo.

Eu falo por mim e sei que posso falar pelos outros, embora Zurrapa seja uma cena divertida e até descomprometida, não é de forma alguma uma brincadeira. Brincamos com vários temas e assuntos mas a verdade é que entre brincadeiras dizemos as verdades. Ou pelo menos o que consideramos serem verdades.

Portanto, para mim é sério!

ZdN - Fiquei curioso em saber se a inspiração para «O triunfo dos porcos» veio do livro de George Orwell com o mesmo nome?

Sim, a inspiração veio mesmo do George Orwell. O disco já estava quase escrito e a ligação à obra do G. Orwell fazia sentido para nós. Literalmente gamamos a ideia do Senhor... à cara podre e sem vergonhas!

ZdN - Outro facto que me deixou curioso e até um pouco emocionado foi a abertura do tema “Comilões de merda”, por Joe Berardo. Como foi convencê-lo a fazer tão nobre discurso?

Nada. O sabujo fez dezenas de discursos daqueles para quem quisesse ouvir. Basta-lhe abrir a retrete e aquelas pérolas brotam! Difícil mesmo foi escolher um bocadinho de um discurso porque as possibilidades eram inúmeras.



EU FALO POR MIM E SEI QUE POSSO FALAR PELOS OUTROS, EMBORA ZURRAPA SEJA UMA CENA DIVERTIDA E ATÉ DESCOMPROMETIDA, NÃO É DE FORMA ALGUMA UMA BRINCADEIRA.

ZdN- Já agora, foi difícil escolher qual o comilão de merda para abrir o tema “Comilões de merda”?

Não foi propriamente fácil, porque embora Portugal seja um país pequenino, em número de filhos da puta, de chulos, de ladrões e de montes de merda em geral, é enorme! Encontrar comilões foi o mais fácil, optar por este é que já nos obrigou a pensar mais.

Zurrapa do Alentejo - Certamente não se estão a cagar para tocar ao vivo, nem para quem vos quer ver. Já têm espectáculos marcados? Se quisermos sermos doutrinados por vós, onde podemos ir?

Não, não nos estamos mesmo a cagar para tocar ao vivo, até porque é o que mais gostamos de fazer. É onde nos sentimos realmente bem.

Em agosto tivemos duas datas: Almada - Hollywood Spot e no dia 28 tocámos no Milagre Metaleiro, aqui em Pindelo dos Milagres. De resto, existem mais algumas possibilidades a serem faladas, mas nada de concreto.

ZdN - Deverá ser seguro dizer e pensar que vocês se estão a cagar para políticos, corruptos, filhos da put@ e afins!

- Quem enquadras na categoria de afins?

- Vocês não têm vergonha de incluírem os corruptos e políticos num disco onde o título se chama “Triunfo dos Porcos”? Que mal fizeram os porcos?

É mais que seguro. Os afins são toda a espécie de filhos da puta

que poluem o nosso país e o mundo. São aqueles que tentar passar por cima de tudo e de todos para seu proveito, são os padrecos (e não só) que abusam de crianças, são os cabrões que te roubam o carro que levaste meia vida a pagar, etc. Isto dava uma lista interminável.

Num sentido figurado, eles são os verdadeiros porcos. Mas sim, claramente é desrespeitoso para os porcos.

ZdN - A letra de “John Wayne Gacy” é das mais sublimes que tive oportunidade de ouvir numa música. Onde é que vocês foram buscar a inspiração para “espancar o palhaço” e como descobriram este serial killer?

Ora bem, essa música surge como uma “inside joke”... e acho que só nós é que percebemos mesmo. E estive mesmo para se chamar “Espancar o palhaço”, mas queríamos uma coisa menos directa.

O J.W.G. aparece porque vejo muitos programas sobre serial killers e como esse se vestia de palhaço, pareceu-me que era uma forma de dar um título mais “sério” à música.

ZdA - Falando em John Wayne Gacy, e não tendo ao mesmo tempo nada a ver, se pudessem pedir a um serial killer para.... vá... prender, três comilões de merda, quem escolheriam?

Era muito difícil escolher só três. Como já disse antes, vivemos num país tão pequenino para tanto filho da puta. Acho que era preciso

construir uma catrefada de cadeias novas para enfiar tanto “animal”. Mas quem comprar o disco vai encontrar uns quantos lá por dentro...

ZdA - Não sei se hei de ficar chocado com o facto do Pai Natal ser um putanheiro, ou ficar aliviado por não ser pedófilo. Qual é a vossa opinião sobre esta questão?

Enquanto ele continuar a iludir as criancinhas e durante aqueles dias ali perto do natal cumprir as suas funções, está optimo. O que ele faz durante o resto do ano não nos interessa. Mas que a história é real, é. O gordo é um rebarbado do caralho!!!! Mas antes isso que pedófilo, porra! Deixem o gordo fazer a sua vida!

ZdA - Plantaram Cannabis no quintal, para fumar no Natal, já a contar com o Pai Natal e outra companhia que ele possa levar para a vossa ceia?

Qualquer dia temos a bófia no quintal! O que vale é que nem tenho quintal!

Mas sim, o pai natal fuma como um desgraçado e as suas companhias não são as mais “católicas”. (o que me parece tranquilo) Ainda assim, se o gordo me aparece na ceia de natal corro-o ao biqueiro, não gosto muito de visitas em casa!

Facebook
Youtube



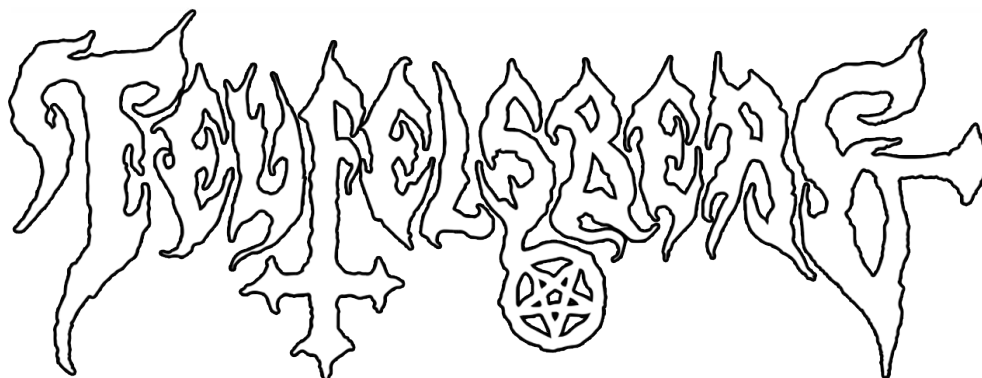
SEPULTURA

Sacred Reich

CROWBAR

— QUADRA TOUR EUROPE 2022 —

10 NOVEMBRE 2022
HARD CLUB



Black Metal renascido

Começamos a ouvir e, de repente, estamos nos anos 90! É este o milagre que os polacos **Teufelsberg** produzem diante de nós pela mão da Signal Rex com o seu primeiro álbum: «Ordre du Diable». Ouçam para comprovar que é verdade!

Entrevista: CSA

Saudações! Espero que esteja tudo bem convosco! Adorei este álbum. Frequentemente, ao ouvi-lo temos a impressão de estar a ouvir Black Metal dos anos 90, tal como a vossa editora afirma. [Estou a pensar em Darkthrone, por exemplo.]

Como conseguiram criar essa sensação, esse som?

Como a Signal Rex salienta, este álbum está para além do tempo. Tanto podia ter sido lançado em 1994 como em 2022. Isto é Black Metal profano e a sua essência é intemporal. Não é difícil criar algo quando o processo é feito com paixão, o produto vem da alma. O Black Metal dos anos 90 é a música com a qual crescemos, portanto é natural que toquemos esse tipo de música da forma como nos parece que deve ser tocada.

Há algumas bandas que vos influenciem?

Ouvimos a maioria das bandas que criaram álbuns monumentais. Inspirámo-nos em muitas bandas da cena Black Metal, não nos restringimos a um país. As influências mais ou menos

óbvias são Infernum, Sacrilegium, Graveland, Darkthrone, Enslaved, Hades, Burzum, Isengard, os primeiros tempos de Dodheimsgard, Fullmoon, Thunderbolt, North dos primeiros tempos, Arkona, Veles, Kohort, Galgenberg. Podemos ainda referir vestígios de Mayhem, Dissection, Venom dos primeiros tempos, Marduk, Absu, GBK, Varathron, Mortuary Drape, Katharsis (da Alemanha), KSM, Nordvrede, Koldbrann, etc.

Qual é o principal tema de «Ordre du Diable»?

Principal tema? A Ordem do Demónio prestando-LHE homenagem.

Analisei os títulos das faixas para tentar descobrir onde viram o diabo e encontrei referências ao império romano, à bruxaria, a símbolos cristãos corrompidos, à morte, a Lúcifer e ao Teufelsberg. Confirma as minhas “descobertas”?

Não estou disposto a fornecer interpretações da nossa poesia tenebrosa. Prefiro que cada um a interprete à sua maneira e a

perceçione como melhor lhe aprouver. Contudo, nas letras de «Ordre du Diable», não há referências ao império romano. Nesses textos, a realidade é descrita sem ser avaliada. Por vezes, tratam de sonhos e outras vezes são uma expressão amarga do que nós pensamos da humanidade. Tudo isto à sombra do Diabo.

Como se organizaram para compor a música, escrever as letras e gravar o álbum?

Pensamos que fizemos bem o nosso trabalho e continuaremos nessa senda. Não há um plano de trabalho pré-determinado. Apenas nos preocupava que Teufelsberg se apresentasse e soasse como nós queremos. O resto decorre de impulsos, de decisões tomadas no momento certo. É Black Metal puro.

A capa do álbum – criada por JRMR Artworks – também parece muito clássica – não só pelo tema, como também pelo estilo gráfico. Concordas comigo? Foi uma opção da banda ou do artista?

O artwork adapta-se perfeitamente



“ Principal tema? A Ordem do Demônio prestando-LHE homenagem

ao nosso álbum, vemo-lo como uma parte do álbum e estamos orgulhosos da nossa colaboração com a Joanna. Ela fez um trabalho soberbo dando vida à nossa visão com uma mão firme e treinada e reforçando-a com as suas próprias ideias. Admiramos profundamente ambas as coisas.

A banda foi formada em 2020. Este facto tem algo a ver com a pandemia? Podes dar-nos alguns pormenores sobre a vossa história curta, mas bem recheada?

Teufelsberg foi formada bem antes do lançamento da sua primeira demo e os problemas globais nunca afetaram, nem vão afetar as nossas atividades. Não somos assim tão “ocupados”, porque preferimos a qualidade à quantidade. Bandas como Iron Maiden, King Diamond/Mercyful Fate, Bathory, Darkthrone ou Enslaved tinham momentos em que lançavam álbuns fantásticos ano após ano, portanto a nossa produção é bastante modesta. Em suma, não estamos tão atarefados como pode parecer à primeira vista. Já não criámos nada. Se, a dado momento, os espíritos malignos nos inspiram para produzirmos novos tributos ao Diabo, nós avançamos.

Segundo a Signal Rex, vocês eram um duo e agora a formação inclui um terceiro membro. Como

aconteceu isso?

Convidámos um dos nossos bateristas de sessão a juntar-se ao esquadrão, mas acreditamos que a nossa formação não deve afetar os ouvintes de nenhuma forma. É um processo natural. Depois de ele ter gravado uma demo connosco, ambos os lados decidiram que era para continuar e para ele participar em mais atividades nefastas de Teufelsberg.

Já alguma vez tiveram a oportunidade de tocar ao vivo? Se sim, como foi? Tencionam fazer concertos, digressões ou decidiram ser uma banda de estúdio?

Não tencionamos fazer concertos com Teufelsberg. Mas não vale a pena dizer que nunca faremos uma coisa. Nunca se sabe. Pessoalmente, não estou nada convencido de que venhamos a fazer concertos. Quem quer tocar, toca, quem não quer, não toca. Faz como quiseres.

Curiosamente, estou a escrever estas perguntas no dia em que o vosso álbum vai ser lançado oficialmente. Já tiveram algumas reações da imprensa e dos fãs?

Não faço a mínima ideia se temos ouvintes ou não, nem me preocupo com os fãs. Não estamos ativos nas redes sociais. Segundo o que a Signal Rex nos diz, as primeiras reações parecem ser positivas.

Ficamos contentes se alguém quiser ouvir «Ordre du Diable» e respeitamos todas as opiniões, mais nada.

Qual é a principal ambição de Teufelsberg?

Podemos autorizar-nos a fazer o que fazemos. Criamos Black Metal da forma como nós gostamos e continuaremos a fazer isso independentemente das opiniões das pessoas da cena. A coisa mais importante é satisfazer as nossas ambições, não as dos outros.

A propósito, por que razão escolheram o nome de um local alemão para a vossa banda?

Foi um capricho, mas o nome soa muito bem. A língua não importa. O Diabo fala todas as línguas. O nome Teufelsberg – apesar de poder ser associado à montanha de Berlim – não vem diretamente desse lugar. O nosso símbolo é a Montanha do Diabo – que pode ser a polaca Łysa Góra, onde, de acordo com a lenda, as bruxas se reúnem na noite do sabbath, acendem fogueiras e destilam venenos. Também pode ser a Montanha do Diabo em Berlim, pode ser qual lugar relacionado com lendas sobre convenções de bruxas que adoram o Diabo.

Facebook
Youtube



THE SPIRIT

Odisseia espacial

Matthias Trautes,
frontman de The Spirit,
falou à Versus Magazine
do último lançamento da
banda alemã: uma odisseia
espacial de reflexão
sobre a insignificância da
Humanidade.

Entrevista: CSA

Saudações, Matthias! Espero que tu e o Manuel estejam bem.

Matthias – Estamos bem. Na próxima semana, vamos fazer o nosso primeiro ensaio em meses e temos concertos marcados no próximo mês. Estamos a preparar-nos para tudo isso.

Por que deram o nome de The Spirit? De onde vem esse nome?

Porque precisávamos de um nome para a banda e Iron Maiden já tinha sido usado, haha. The Spirit é um nome que se memoriza bem e tem tudo a ver com a nossa música. E, na minha opinião, os nomes não são assim tão importantes. Dependem sempre da música a que estão associados e isso pode dar origem a um grande nome ou não. Tomemos os Pink Floyd como exemplo. O nome não é grande coisa, mas ninguém se preocupa com isso. E é uma das maiores e mais bem-sucedidas bandas no mundo.

O vosso conceito de base parece-me fantástico: a ideia de que contemplar o espaço daria aos humanos uma ideia precisa das

dimensões do seu mundo. Podes desenvolver este pensamento?

Desde criança, sempre me interessei por astronomia e cosmologia e usámos estes temas de forma esporádica nos nossos álbuns anteriores. Mas, no novo álbum, esse é o tema mais relevante das nossas letras. Quando abordas esses tópicos e gastas tempo a aprender e a descobrir o que existe no espaço e quão incrivelmente grande é o universo, tomas consciência de quão insignificantes nós somos e de como as nossas lutas diárias não valem nada no fluxo infinito do tempo. Pensar nisto pode dar-te uma perspetiva muito diferente de ti e da tua vida.

Este álbum é esplêndido. Quão distante está ele dos outros dois? [«Sounds from the Vortex», 2017; «Cosmic Terror», 2020]?

Acrescentámos novos elementos ao nosso som. No álbum anterior, já tínhamos alguns elementos progressivos, mas, neste novo álbum, tornaram-se um componente essencial da nossa música. É sempre importante

sairmos da nossa zona de conforto e fazer coisas que nunca tínhamos feito. Quero dizer com isto que continuamos a ter o som característico de The Spirit, mas a música do nosso álbum é mais profunda e variada.

A capa do album é mágica.

- Como lidaste com o Eliran Kantor para ele vos fazer este trabalho? É muito diferente do outro artwork dele que conheço.

Foi exatamente o que eu lhe disse logo de início. Disse-lhe que queria algo um tanto diferente da maioria dos seus trabalhos. Dei-lhe alguma informação sobre o que queríamos e o que não queríamos. Mas as instruções não foram demasiado específicas, porque queríamos que ele tivesse tanta liberdade artística quanto possível. É assim que se deve trabalhar com um artista de primeira classe como o Eliran.

- Quando olho para a capa do álbum, sinto o mesmo que experimentava quando era uma criança e via fotos da Lua no meu ViewMaster. Consegues perceber a minha ideia?

Na verdade, não, porque nunca

/// [...] continuamos a ter o som característico de The Spirit, mas a música do nosso álbum é mais profunda e variada.

tive uma dessas máquinas. Mas talvez o Eliran tenha tido e tenha sido daí que veio a ideia para a capa do álbum. Deve ter sido roubado de um ViewMaster, haha.

Li na informação disponível que estão ansiosos por subir ao palco e tocar para um público presente no local.

- Quem vai tocar contigo e o Manuel quando isso acontecer?
No ano passado, só conseguimos fazer dois concertos, portanto está mais que na hora de irmos novamente para a estrada e fazer concertos. Temos um novo guitarrista e um novo baixista,

que vão estar connosco quando tocarmos ao vivo. São ambos excelentes músicos e estou confiante em que os nossos próximos concertos serão os melhores que já fizemos.

- Parece-te que isso vai mesmo acontecer? [Há muitos países que estou outra vez em má situação.]

A situação continua caótica e, aqui na Alemanha, continuamos com restrições bastante pesadas comparando com o resto da Europa. Mas, de momento, as coisas parecem estar bem e penso que vai haver concertos de novo dentro de algumas semanas. Pelo menos, penso que haverá

concertos na primavera, no verão e até no início do outono. Vamos ver o que acontece depois.

Como reages, se eu te disser que a AOP é sinónimo de qualidade musical?

Concordo em absoluto. AOP tem The Spirit no seu catálogo, portanto deve saber muito sobre qualidade musical, não é assim? Haha!

Tu e o Manuel são jovens, mas já têm idade suficiente para terem bastante experiência musical. Podes contar-nos por onde passaram na vossa viagem artística?

É claro que ambos tocámos noutras bandas antes de termos esta e assim adquirimos experiência. Mas isso pertence ao passado e não nos interessa. A única coisa que nos interessa agora é The Spirit. Vivemos no presente e olhamos para a frente, não para trás.

Facebook
Youtube

EXCLUSIVE SHOWS IN PORTUGAL

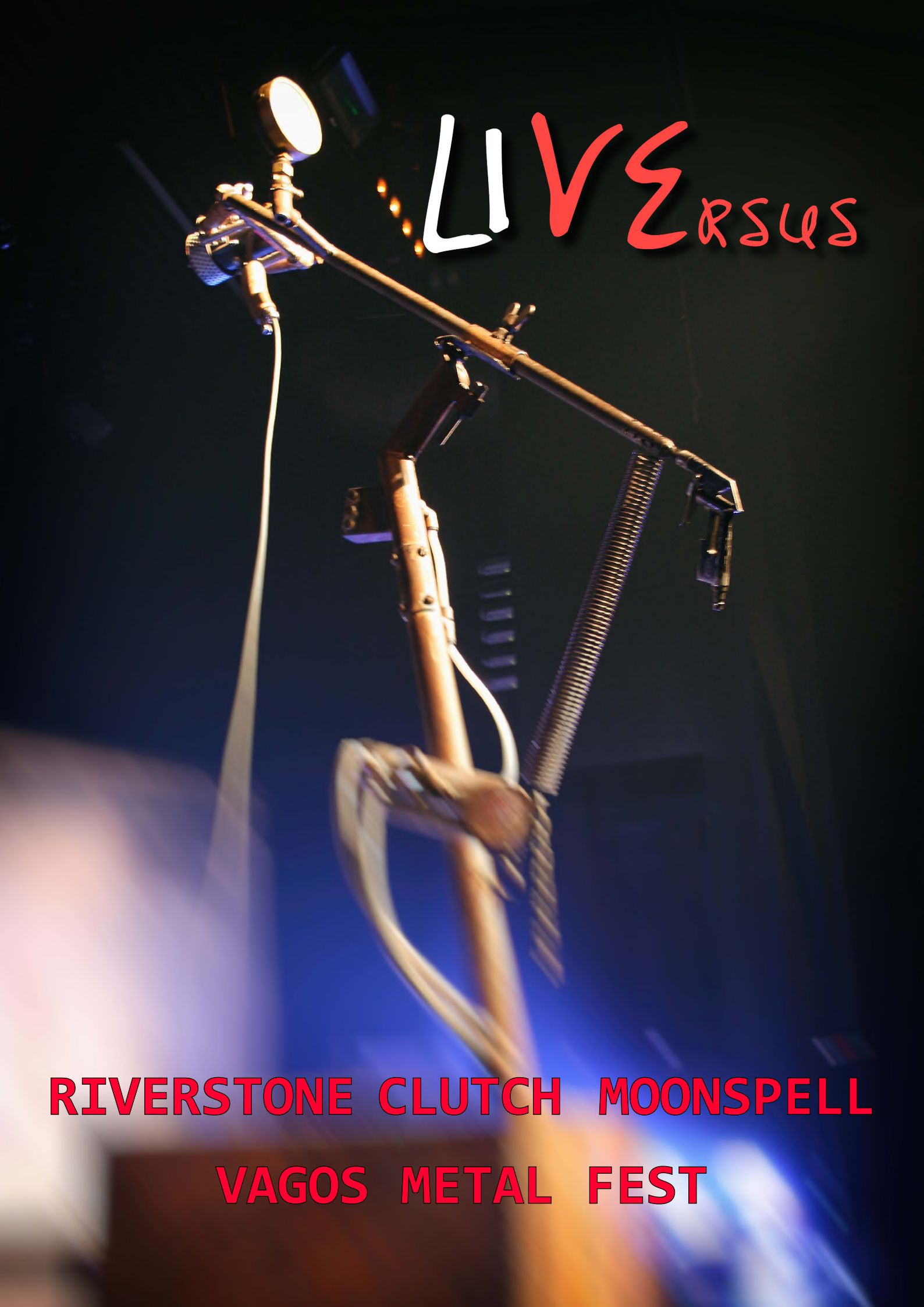
03 DEZEMBRO
HARD CLUB **PORTO**

ABERTURA 21:00 - INÍCIO 21:30

THE SPIRIT

BILHETES EM: UNKIND.PT | LETSGO.PT

LOUD! ARTE NOTREDAME PRODUCTIONS METAL



LIVE VERSUS

RIVERSTONE CLUTCH MOONSPELL
VAGOS METAL FEST

CLUTCH - THE INSPECTOR CLUZO

02/08/22 - Hard Club

Reportagem: Bruno Manarte | Fotos: Eduardo Ramalhadeiro

MUITO MAIS QUE UMA BANDA DE CULTO

O público português pôde ver, finalmente, a estreia dos The Clutch em Portugal. Com a bonança da pandemia a banda de Neil Fallon mostrou porque é considerada uma banda de culto. O setlist foi bastante interessante, abrangendo toda discografia, quase como a compensar o pessoal pelo atraso na estreia em território luso. No entanto, o último álbum datado já de 2018 teve direito só a um tema. Fallon é um verdadeiro líder em cima do palco, bem suportado por um conjunto de músicos que elevam o Rock a um patamar de excelência. Foi, por isso, uma noite uma boa noite de música bem passada. Ooops, não esquecer a banda suporte que abriu as hostilidades, os franceses The Inspector Cluzo. O duo francês composto por Laurent Lacrouts, voz e guitarra e Mathieu Jourdain na bateria aqueceu o ambiente com o seu funk/rock/jazz/blues. Mas desengane-se quem pensava que a actuação deste duo seria um marasmo... antes pelo contrário, bastante energético o que resultou numa agradável surpresa para todos que não conheciam os The Inspector Cluzo.



MOONSPELL - SAMAEI

01/11/22 - Coliseu do Porto

Reportagem: Gabriela Teixeira | Fotos: Gabriel Teixeira

30 ANOS DE MOONSPELL - O UIVO CHEIO DE ALMA E UNIÃO DA ALCATEIA NO COLISEU DO PORTO



A noite das bruxas trouxe os lobos e as lobas ao centro do Porto para uma celebração muito especial - as três décadas de existência dos Moonspell. Quando cheguei ao Coliseu já os helvéticos Samael estavam em palco. O espaço pareceu-me muito bem composto mas não sei se terá esgotado porque rapidamente consegui chegar às filas da frente. Sobre a banda de abertura, tenho de assumir que, apesar de serem um nome de culto, nunca me despertaram muita curiosidade e, ainda que lhes tenha reconhecido uma óptima actuação, com um som potente, uma energia fortíssima e uns teclados muito apelativos, a minha opinião mantém-se. A banda

tocou o álbum *Ceremony of Opposites* e mais alguns temas e o público teve uma resposta muito positiva. Foi objectivamente um bom aquecimento para o magnífico espectáculo de imagem, som e movimento que se seguia.

Pelas 21h45, numa tela gigante, diversos membros de bandas bem conhecidas deram os parabéns aos Moonspell e de onde é impossível não destacar o humor dos Behemoth ao cantarem o refrão da "Fernando" dos ABBA. Seguiram-se imagens do início da carreira, com a banda a tocar por trás, num jogo de sombras, o tema "Serpent Angel". Quando o véu cai, o vermelho infernal e os pentagramas invertidos nos três ecrãs remetem-nos para a era «Under the Moonspell». A banda tocou os dois andamentos da "Tenebrarum Oratorium" com duas bailarinas em palco. Como vozes de apoio estiveram presentes as fabulosas Eduarda Soeiro (Glasys) e Raquel Subtil (Secret Chord). Seguiu-se um momento folk muito bonito com "Trebaruna" e "Ataegina" em que Fernando Ribeiro começa acompanhado pelos Cornalusa. Nesta noite de bruxas é claro que a "Vampiria" não podia deixar de comparecer e, assim, percebemos que a viagem seria cronológica. "Alma Mater" eclodiu nos corações e nas gargantas do público, com Fernando Ribeiro a levantar bem alto a bandeira nacional enquanto que confetis vermelhos e verdes cobriam a plateia, num dos momentos altos da noite. Seguiram-se "Opium", "Abysmo" e "Mute", esta apenas com o acompanhamento de violoncelos e piano que lhe concedeu uma envolvimento que me agradou particularmente. Ao ritmo mais mecânico de "Soulsick" e "Butterfly FX" contrastou "Nocturna" que trouxe o gostinho a «Darkness and Hope» pelo qual eu nutro uma manifesta predileção. Após uma leitura de José Luís Peixoto, entrámos em "Antidote", "Southern Deathstyle" e pisámos "Finisterra". Se provas fossem necessárias, o Coliseu estava todo rendido aos Moonspell e ao elevadíssimo desfilar de talento e criatividade que os nossos olhos e os ouvidos testemunharam. Pelas 23h30, a "noite foi eterna" e Rui Sidónio junta-se para vociferar "Em Nome do Medo". Houve ainda tempo para "White Slid", "Extinct", "In Tremor Dei", "Todos Os Santos" e "All or Nothing" que nos proporcionou um momento muito intimista com a imagem de velas acesas nos ecrãs. Fernando Ribeiro agradeceu a toda a equipa que contribuiu para que aquele espectáculo se realizasse e ao público que tem apoiado a banda nesta longa caminhada. A despedida apoteótica fez-se com "Full Moon Madness" e, aquando da vénia de agradecimento, brilharam os rostos felizes e sorridentes, quer da banda e convidados, como do público.

Uma nota muito pessoal: já vi Moonspell umas 6 vezes em Portugal e uma no estrangeiro, e este foi, sem dúvida, o melhor de todos. A entrega, a emoção e o saber que ali se estava a fazer História no heavy metal nacional fizeram deste um dos concertos da minha vida! Só quem lá esteve poderá entender-me quando digo que, mais do que um concerto, esta foi a celebração de uma portugalidade muito peculiar!

Parabéns, Moonspell! Venham mais 30 anos de feitiço!

CLUTCH - THE INSPECTOR CLUZO

02/08/22 - Hard Club

Reportagem: Bruno Manarte | Fotos: Eduardo Ramalhadeiro

MUITO MAIS QUE UMA BANDA DE CULTO

O público português pôde ver, finalmente, a estreia dos The Clutch em Portugal. Com a bonança da pandemia a banda de Neil Fallon mostrou porque é considerada uma banda de culto. O setlist foi bastante interessante, abrangendo toda discografia, quase como a compensar o pessoal pelo atraso na estreia em território luso. No entanto, o último álbum datado já de 2018 teve direito só a um tema. Fallon é um verdadeiro líder em cima do palco, bem suportado por um conjunto de músicos que elevam o Rock a um patamar de excelência. Foi, por isso, uma noite uma boa noite de música bem passada. Ooops, não esquecer a banda suporte que abriu as hostilidades, os franceses The Inspector Cluzo. O duo francês composto por Laurent Lacrouts, voz e guitarra e Mathieu Jourdain na bateria aqueceu o ambiente com o seu funk/rock/jazz/blues. Mas desengane-se quem pensava que a actuação deste duo seria um marasmo... antes pelo contrário, bastante energético o que resultou numa agradável surpresa para todos que não conheciam os The Inspector Cluzo.



RIVERSTONE

24/09/22 - Penafiel

Reportagem: Gabriela Teixeira | Fotos: Gabriel Teixeira

RIVERSTONE 2022 - NÃO SOBROU PALHA SOBRE PALHA!



O Riverstone foi o último dos meus festivais de Verão, ainda que em teoria o Outono já tivesse entrado. Como é tradição desde 2015, a localidade de Rio de Moinhos, no concelho de Penafiel, recebeu um cartaz muito interessante de bandas nacionais e estrangeiras que proporcionaram um belo sábado (dia 24) de música e convívio aos presentes.

Cheguei ao recinto pelas 17h30 e a primeira banda ainda não tinha tocado. De facto, houve bastantes atrasos que afectaram todas as actuações, o que acabou por prejudicar bastante a última banda, mas começemos pelo princípio: coube aos thrashers madrilenos Demonik, e que contam quatro álbuns em 10 anos de carreira, abrir as hostilidades. A energia em palco era muita mas o público era pouco àquela hora e o pedido de uma moshzita ou um circle pit por parte do vocalista caiu por terra. Fiquei mesmo triste porque o som, apesar de alguns problemas técnicos, merecia mais entusiasmo por parte da malta, mas é sempre f***** ser a primeira banda e, portanto, aqui lhes presto a minha solidariedade.

Os portuenses Nihilcity foram os senhores que se seguiram e deram um potente espectáculo de death metal. A banda, que traz consigo o disco lançado no início deste ano, Beyond Human Concepts,

conquistou o público com a sua agressividade e poder e recebeu de volta a primeira mosh e crowdsurf do festival. Esta foi a primeira vez que os vi ao vivo e tenho de destacar o poderio vocal do Mário Ferreira. Foi, de facto, um concerto brutalíssimo!

Ali pelas 19h50 foi a vez da máquina bem oleada de groove chamada Equaleft mostrar que já não têm nada a provar. Miguel Inglês e companhia são um nome firmado no nosso underground desde 2004. Profissionais, seguros e demolidores puseram a malta toda a curtir no meio da palha e juntaram-se à festa. Para além dos temas conhecidos, tocaram o novo "And he will thrive" e o vocalista, que é um frontman e uma simpatia, agradeceu o apoio dos que saem de casa para ver as bandas dos amigos e pediu um aplauso para a organização que se mantém firme nestes tempos duros e incertos.

Os espanhóis Evil Hunter trouxeram o seu heavy metal cheio de temas orelhudos e deram um belíssimo concerto. O público reagiu muito bem, vi muitos punhos no ar, muita gente a cantar os refrões e, claro, muita palha voou. Foi lindo ver uma menina que teria os seus 5 aninhos a fazer crowdsurf, aliás foram várias as crianças que estiveram no festival acompanhadas pelos pais e notou-se a genuína felicidade dos pequenotes a correr ali no meio.

Já a noite ia fria quando os Godiva, vindos de Famalicão, subiram a palco para se destacarem esteticamente no seu melodic death metal com laivos góticos. Com um visual a lembrar o universo mais industrial, todos de cabedal preto e rostos pintados de branco, a banda teve uma postura mais rígida e distante em comparação com as actuações anteriores, e isso reflectiu-se na conexão com o público. Com isto, não quero dizer que a prestação tenha sido má, muito pelo contrário, foi das minhas favoritas, contudo, apenas me pareceu a que menos se adequou ao espírito do festival.

Os thrashers germânicos Dust Bolt entraram logo de seguida, com a pedalada toda e formou-se o maior circle



pit da noite, com muita palha à mistura obviamente! Confesso que não me entusiasmarei, a sonoridade, tendo em conta a origem dos músicos, soou-me demasiado americana e, perdoem-me a indelicadeza, sem tomates. Assumo que o concerto me pareceu longo e aborrecido e o facto de eu ter dois casacos vestidos e mesmo assim estar cheia de frio também pode ter tido uma séria influência neste meu juízo de valor e, por isso, mea culpa.

Por volta da 1h30 os lisboetas The Voynich Code iniciaram a sua actuação e o último fardo de palha foi levado para o meio do público. A banda de deathcore foi muito competente e simpática e o vocalista

agradeceu imenso aos resistentes que ali se mantiveram, apesar da hora e do frio que se fazia sentir. Como disse no início do texto, estes atrasos prejudicaram todas as bandas e, especialmente o público, na medida em que quando os galegos Mileth começaram a tocar, passava já muito das 2h30, não estariam mais do que 30 pessoas no recinto a assistir à banda mais interessante do cartaz. Oriundos de Vigo, este conjunto de oito músicos cria em palco um fabuloso cruzamento do misticismo da cultura galega com os acordes pesados do metal, fazendo-se acompanhar por uma forte componente teatral. O cansaço e o frio impediu-me de desfrutar do seu espectáculo na plenitude, infelizmente. Espero, assim, voltar a vê-los noutra festival a horas mais convidativas.

Esta foi a segunda vez que estive no Riverstone e, tirando os atrasos e a intensidade das luzes em palco que me limitaram várias vezes a percepção visual do que ia acontecendo durante as actuações, só tenho críticas positivas a fazer: o recinto é pequeno e acolhedor, os preços muito acessíveis, as bifanas e o pão com chouriço estavam óptimos, o design do festival é bonito e cheio de identidade... só faltou ter aparecido mais pessoal porque a qualidade das bandas e do som foi excelente! Ah! E claro, a palha! Muita palha! Onde mais vocês podem curtir concertos de metal enquanto javardam em fardos de palha? Então ficam avisados, em 2023 #tudopr riverstone!



VAGOS METAL FEST

28/07/22 - 30/07/2022 - Vagos

Reportagem: Gabriela Teixeira | Fotos: Tânia Fidalgo

VAGOS METAL FEST 2022

Oito anos depois regressei a Vagos! Tanto eu como o festival estávamos diferentes e a adaptação mútua foi um bocadinho complicada mas lá nos entendemos. Cheguei na quarta ao final da tarde e tive a recepção ao campista ensombrada pela possibilidade de ter de tomar antibióticos, portanto sobriedade a quanto obrigas! Valeu a setlist do DJ que depois de uma esfrega de thrash, death e sei lá mais bem o quê, teve a ousadia de passar José Pinhal e assim terminar a noite, para a fúria de um ou outro metaleiro mais trve. Foi maravilhoso ouvir as músicas deste ícone póstumo que transcende todos os estilos musicais! A minha vénia, Izzy!

Quinta, 28 de Julho

Só cheguei ao recinto a tempo de ver Betraying the Martyrs e a culpa é dos senhores que mandam nesta publicação que me convidaram para uma bela almoçarada em Aveiro! Finalmente pude dar um abraço a alguns colegas versianos e não podia ter sido recebida com mais simpatia! Gratidão pela troca de experiências e as gargalhadas que me fizeram sentir em casa!

De volta ao Vagos, fui buscar a minha pulseira, um hidromel fresquinho e hora de começar a apreciar os concertos. Apanhei o início da banda francesa de metalcore que tem como novo vocalista o português Rui Martins. A sonoridade não me é muito cara mas a prestação da banda foi competente. O público presente, que se aglomerou mais à sombra, respondeu com entusiasmo, circle pits e crowdsurf. No palco secundário seguiram-se os tugas The Ominous Circle que são compostos por nomes muito conhecidos do nosso underground e nos apresentaram com temas do seu único álbum « Appalling Ascension», um debitar de death obscuro, pesado e com uma imagem a remeter para Mglá. Voltamos ao palco principal para ver flamingos cor de rosa! Sim, os comunicativos Trollfest protagonizaram o momento cómico do dia e puseram tudo a dançar com os temas do seu novo registo «Flamingo Overlord». A noite já tinha caído há muito quando os Cattle Decapitation subiram ao palco secundário e a sonoridade da banda era de tal forma caótica e demolidora que o público pareceu-me imóvel a absorver toda aquela energia desconcertante! Confesso que não apreciei muito e portanto fui jantar. Só em conversas futuras me apercebi das queixas relativamente ao mau som deste concerto. Como uso sempre tampões nos ouvidos, a minha noção da qualidade musical nunca é a mais exacta mas prefiro que assim seja porque a minha saúde auditiva é uma prioridade! Por volta das 23h subiram ao palco principal os Dimmu Borgir que eram a grande atração da noite! Shagrath e companhia foram imponentes mas acabaram por tocar menos temas antigos do que eu esperava. Não sendo uma seguidora atenta da carreira destes colossos do black metal sinfónico, deu-me especial prazer a recta final do concerto com “The Insight and the Catharsis”, “Progenies of the Great Apocalypse” e por fim “Mourning Palace”.

Em termos visuais, o vermelho caiu-lhes como um manto de Mephisto que só lhes enalteceu a altivez! O público pareceu-me bastante satisfeito! Os concertos terminaram com os Holocausto Canibal, outra banda que não faz o meu género mas que deu uma bela descarga em palco para aqueles que, contrariamente a mim, ainda tinham energia. A noite acabou com um dj set ao qual eu não compareci porque a idade pesa! Fui para a tenda descansar e preparar-me mentalmente para a sova de thrash que me esperava no dia seguinte!



Tânia Fidalgo Fotografia © 2022

Sexta, 29 de Julho

Voltei a perder as primeiras bandas e desta vez culpo um amigo amarantino que espalha o terror em Vagos há já bastantes anos. Depois de uma barrigada de riso e de uma performance digna de um BAFTA se estivessemos no UK, resolvi ser responsável e dirigir-me ao recinto para ver música ao vivo. Cheguei a tempo da última música dos Mordaça e pelo que ouvi, perdi uma bela actuação com o público muito animado no que a "rodinhas" diz respeito. Hora dos holandeses Asphyx subirem ao palco: veteranos, simpáticos, comunicativos e com uma sonoridade death metal bem jeitosa, foram uma bela surpresa para mim e, do que me apercebi, o resto do público também reagiu calorosamente! Seguiram-se os Heathen no palco Amazing (que eu prefiro chamar de secundário) que deram um bom concerto, focando-se essencialmente no seu álbum de 2020 «Empire of the Blind». O meu coração das trevas comoveu-se com um casalinho a fazer headbanging de mãos dadas e, no dia seguinte, em Sotz, iria ver outro casal assim na cumplicidade do amor pelo metal. Sou uma romântica, pá! Adiante! O palco principal foi dos Exodus, a banda que eu mais queria ver, contudo mal sabia eu que seriam os Harakiri for the Sky a preencher-me os sentidos naquela noite fria! Mas de volta aos Exodus, dei uma olhadela ao pessoal que se aglomerava e vi muita gente com a mesma vontade que eu! Músicos e público deram-se na mesma intensidade, não obstante os problemas de som. A setlist da banda de Gary Holt e Steve Souza abriu com "The Beatings Will Continue (Until Morale Improves)" do recente «Persona Non Grata» e fechou com "Strike of the Beast", do clássico «Bonded by Blood», coroada com uma wall of death. Pelo meio tocaram o meu tema favorito "Blacklist" e mais umas tantas bujardas que puseram a malta toda a curtir fortemente. Seguiram-se os Tarantula no palco secundário que foram a minha banda sonora para o jantar. Como já os vi algumas vezes acabei por "sacrificá-los" com muita pena mas o frio e a fome começaram a apertar. Em todo o caso, ao longe, vi uma boa moldura a apreciar o concerto, o que acabou por atenuar o meu sentimento de culpa. Voltei ao palco principal para receber de braços abertos o concertão de Testament. Tenho de destacar o soberbo Alex Skolnick na guitarra! Se eu, que vejo mal, fiquei de boca aberta, imagino quem conseguiu admirá-lo na plenitude auditiva e visual! Sim, em termos de som, Testament estiveram muito mais "cristalinos" do que os seus antecessores. O comunicativo Chuck Billy mostrou-se com a sua voz au point e fez inclusive menção ao segurança que andava a fazer crowdsurf. Na realidade, não era a primeira vez e não seria a última que os seguranças do Vagos tiraram um bocadinho para curtir com o pessoal, o que foi mesmo bonito de se ver! E, obviamente, não posso deixar de apontar a máquina demolidora atrás daquela bateria - o senhor Dave Lombardo! No que respeita à qualidade individual de músicos, Testament apresentou indubitavelmente a nata da nata daquele segundo dia de festival. O setlist abrangeu quase toda a discografia da banda, onde figuraram malhas como "The New Order", "Children of the Next Level", "D.N.R. (Do Not Resuscitate)" ou mesmo a fechar "Alone in the Dark".



Foi muito bom! Para terminar, Harakiri For the Sky, um concerto tão fabuloso quão deslocado! Idealmente DRI deveriam ter tocado após Testament e Harakiri seria perfeito depois de Emperor mas a realidade nem sempre é o que gostaríamos e há que lidar com ela. Pessoalmente, fiz uma inesperada viagem a um lugar negro, onde a atmosfera pesada me puxou pelos ombros e me arrastou para um mundo de pura antítese. A noite fria foi o cenário sepulcral para aquele desespero e aquela melodia que me consumiu. O "cair do pano" com a cover de Placebo - "A Song to Say Goodbye", foi dos momentos mais altos do festival, no entanto, em meu redor, nem toda a gente partilhava do meu transe, o que só comprova o desajustamento de uma banda de post-black num dia maioritariamente de Thrash. O fim da noite fez-se ao som do António Freitas.

Sábado, 30 de Julho

Ao terceiro dia o cansaço era mais do que muito mas a vontade de “queimar os últimos cartuchos” era maior. Para além das dores nas pernas, pesavam as mordidas dos mosquitos que atacaram toda a gente que estava a acampar. A primeira banda que consegui ver foram os italianos Arsea e não fiquei nada surpreendida. O público era pouco e estava todo concentrado à sombra porque o calor era avassalador. Os Sotz quiseram saber se a



malta tinha gatinhos em casa e debitaram umas modinhas do seu único álbum «Popul Vuh». O palco principal voltou a ser de outros italianos, desde feita muito mais interessantes - os Wind Rose! A banda trouxe um power/folk bem festivo com o álbum «Warfront» acabado de editar e proporcionaram um dos meus concertos favoritos de todo o festival Muito crowdsurf, muitos saltos, muito hidromel! Foi bonito, sim senhor!! De volta ao palco secundário, as Crypta de Fernanda Lira foram irrepreensíveis no death metal mas eu afastei-me mais cedo para assegurar lugar mesmo à frente para ver o concerto que se seguia. Na impossibilidade de me redimir e ver My Dying Bride com a merecida atenção, Desire foi uma escolha que me pareceu mais do que perfeita! Não me irei esquecer de como o sol se pôs e a noite tomou conta de Vagos enquanto eu sentia intensamente “Torn Apart”, “Dark Angel Bird” e “When Sorrow Embraces my Heart”... Gostei muito da prestação, apesar de os preferir em salas pequenas com ambientes mais intimistas. Os Kataklysm, por sua vez, foram a banda sonora para o jantar. Os Emperor eram a banda mais esperada da noite e de todo o festival e, ainda que eu não seja fã, estive o concerto todo a apreciar a reverência do público a uma instituição de culto dentro do black metal. Toda a gente ali sabia que aquela experiência muito provavelmente seria irrepetível e como tal, cada um bebeu daquele cálice a quantidade que quis para tornar a memória de músicas como “Thus Spake the Nightspirit”, “With Strength I burn”, “Curse You all Men” ou “Inno a Satana” eterna. Seguiram-se os deslocados DRI dos quais confesso, não me lembro de grande coisa, e garanto que estava sóbria! A noite terminou com o big show Serrabulho. Para mim foi giro durante 30 minutos mas a maioria do pessoal divertiu-se

imenso na festa da espuma e isso é o que importa,

Não posso deixar de apontar dois aspectos da organização que me pareceram menos positivos: a logística das pulseiras, na medida em que não vi ninguém agradado com esta situação e os ecrãs do palco principal que eram demasiado pequenos. Espero sinceramente que esse aspecto seja colmatado na próxima edição! E como eu não faço só críticas, queria, por isso, expressar a minha profunda gratidão pelos duches de água quente no campismo. Foi revigorante poder tomar banho com toda a privacidade a dois passos da minha tenda.

Em suma, apesar de a minha experiência ter sido um pouso enviesada pelo cansaço, foi ótimo ter voltado a pisar o solo de Vagos para três dias de muito som e convívio e espero regressar muito em breve! \m/





Tânia Fidalgo Fotografia © 2022



Tânia Fidalgo Fotografia © 2022



Tânia Fidalgo Fotografia © 2022



Tânia Fidalgo Fotografia © 2022



Tânia Fidalgo Fotografia © 2022



CONTRA™
PROUDLY PRESENTS

BEAST IN BLACK

SPECIAL GUEST:

FIREWIND

DARK CONNECTION TOUR 2023

27 JAN. 2023 - LAV LISBOA AO VIVO



3-4-5 DE AGOSTO DE 2023
QUINTA DO EGA - VAGOS, PORTUGAL

MIDNIGHT

BELAKOR

CORPUS
CHRISTI

GLASYA

AMAZING VAGOS

V\$62

TOBIAS SAMMET'S
AVANTASIA